

REVISTA DA SEMANA

Nº 52

Cr S 2,00 em todo o Brasil

28 - 12 - 46



FESTEJE

NATAL e
Ano Boim
COM VINHOS



Boas FESTAS



TERRIVEL espetáculo, o do incêndio da lanchinha da Frota Carioca, que explodiu na praça 15 de Novembro, junto ao cais Pharoux. As chamas se elevaram a uma altura enorme e o mestre da lancha, um laborioso e honesto operário, foi atirado à distância pela explosão, com o corpo cheio de tremendas queimaduras. No dia seguinte, depois de indizíveis sofrimentos, o pobre homem morria no Pronto Socorro. As lanchinhas da Frota Carioca oferecem um perigo enorme, por serem fechadas e quase sem saída para os passageiros. Se a lancha que explodiu e se incendiou estivesse cheia de passageiros naquela ocasião, teria havido umas dezenas de mortes a lamentar... A Capitania do Porto bem sabia que as tais lanchas ofereciam perigo, mas fechava os olhos, indulgentemente... Num bar do centro da cidade, um bam-bam-bam da Zona da Mata, em Minas, resolveu enfrentar um can-can da Avenida. Na hora de cruzarem fogo, intercedeu um cavaleiro, que devia ser apenas uma testemunha, mas acabou sendo a vítima... Seu nome: Otávio de Souza Dantas. Consequência: alguns tiros na barriga, dos quais escapou milagrosamente. O camarada que estava escalado para ser vítima foi quem acabou sendo a testemunha... O mundo é assim mesmo! "O Globo" pergunta se há "outro surto de peste bubônica em Minas?" Não sabemos informar, mas depois das sujeiras que houve no caso Wenceslau Braz-Benedito Valadares, peste bubônica não deve ser coisa de espantar... Por falar nisso, houve na Câmara dos Deputados uma roda de fogo oratória em cima do Sr. Benedito Valadares, sendo na verdade notável o discurso proferido pelo Sr. José Bonifácio Filho, que se lê uma série de documentos, espantosos... e leu mesmo! No senado, houve outra roda de fogo em cima d'"ele". O leitor não sabe quem é "ele"? Pois essa é a nova adivinhação carioca. Trata-se de alguém gordinho, baixinho e hoje careca, que rasgou duas constituições, teve uma outra rasgada e fugiu do Rio para não assinar uma quarta... Sem ser rei, nem imperador, reinou despoticamente no Brasil durante um "curto período" de quinze anos e tem o 29 de outubro como o seu dia aziago. Quem é? Ora, essa! Por falar nisso: a Câmara aprovou uma mensagem do presidente Dutra que lhe havia sido mandada sem assinatura! O Senado mais exigente, resolveu mandar pedir um autógrafo ao "velho". Em Portugal um grupo de duzentos e oito figuras proeminentes do meio artístico, literário e jornalístico, assinaram um manifesto dirigido ao velho marechal Oscar Fragozo Carmona, protestando contra o governo de tirania do Sr. Oliveira Salazar, que continua a oprimir a liberdade de pensamento na terra de Camões. O que é mais engraçado é que os que protestaram contra os abusos e o despotismo salazaresco o fizeram citando palavras do próprio Sr. Oliveira Salazar, que, em 1919, protestava com todas as veras de sua alma, queixando-se de que o governo de então o proibia de manifestar-se sobre assuntos políticos nas preleções que fazia aos seus alunos. Os democratas portugueses estão experimentando uma das mais velhas receitas do mundo: pêlo de cão contra a mordida do mesmo cão... Foi um sucesso a estréia do "Carro de Tespis Lírico", o grande teatro ambulante de ópera que veio da Itália no navio "Lugano". Mais de oito mil pessoas assistiram à representação da ópera "Aida", na Esplanada do Castelo, ao ar livre, com um grupo de artistas na verdade excelente... Foi pena que os ouvidos do público tivessem sido mais uma vez entupidos de melodias de Verdi... Que diabo! Não haverá mais alguma coisa que a Itália possa nos oferecer além de Verdi e de Puccini? No domingo, o sucesso com certeza teria se repetido, se não fosse o temporal que desabou sobre a cidade. Enfim, sem chuva as plantas não crescem, embora os tenores e sopranos não possam cantar ao ar livre... Jurema dos Santos não era muher. Era homem mesmo, apesar do nome. Na escola, já zombavam dele. Depois de grande, então, passou ainda mais apertado. Afinal, requereu em juízo a mudança do nome. Podia tê-lo trocado pelo nome de Antonio, José, João ou Luis. Mas não quis. Ficou sendo apenas Jurema. Agora, está satisfeito e não teme mais que pensem que ele é mulher... Com razão ou sem ela, o secretário de Embaixada Soares de Pina bateu todos os "records" nacionais de publicidade, em razão do incidente de Moscou. Consta que o Sr. Paulo de Magalhães, em estado de desespero, ameaça matar-se se não o deixarem ir para um fila em Moscou... Casos como o da menina Wanda costumavam se passar em Belo Horizonte, mas agora têm lugar aqui mesmo, no Rio de Janeiro. A 12 de junho de 1938, o Sr. Otávio Conde registrara, no cartório da Terceira pretoria, uma filha, de nome Wanda. Mas, depois de uma intervenção cirúrgica e de um tratamento por hormônios, ficou patenteado que o Sr. Otávio Conde havia cometido um ligeiro engano na escolha do nome. O jornal que noticiou o caso foi "O Globo", que diz: "Agora, voltou o Sr. Domingos Conde a cartório para retificar o sexo e o nome de Wanda, que passou a chamar-se Walter"... E aquela moça chamada Lourdes Lages, prêmio de viagem de piano à Alemanha, que diziam ser espia nazista, tocou com sucesso em Nova York, onde se apresentou no Town Hall. A imprensa falou de um anão que foi escolhido "grande eleitor" na França. Pois aqui temos um candidato a vereador pelo P. R. que é o oposto. Pelo menos no nome: Henrique Gigante... José Lins do Rego fez a apologia da candidatura de Jorge de Lima para vereador, declarando que, se fosse eleitor no Rio de Janeiro, votaria nele, mesmo pertencendo a outro agrupamento político, porque o considera um candidato acima dos partidos. A "Semana do Reservista" deixou de ser um dia, como anteriormente, e muita gente ficou nas filas, para receber um carimbo na sua carteira ou no seu certificado. E uma pequena brasileira chamada Cléia Barros foi contratada pelo cinema inglês. O mundo marcha e a cinematografia britânica pretende marchar, também, para a conquista do nosso mercado... E fiquemos por aqui, não sem, primeiro, desejar Boas Festas e Feliz Ano Novo a todos os nossos amigos, leitores avulsos, assinantes, anunciantes e colaboradores. E até 1947!

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**.
Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, pêso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

RUGOL
O CREME
E DETERGENTE DA PÉLE

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Limpa os poros — Modela o rosto
A VENDA EM TODA PARTE

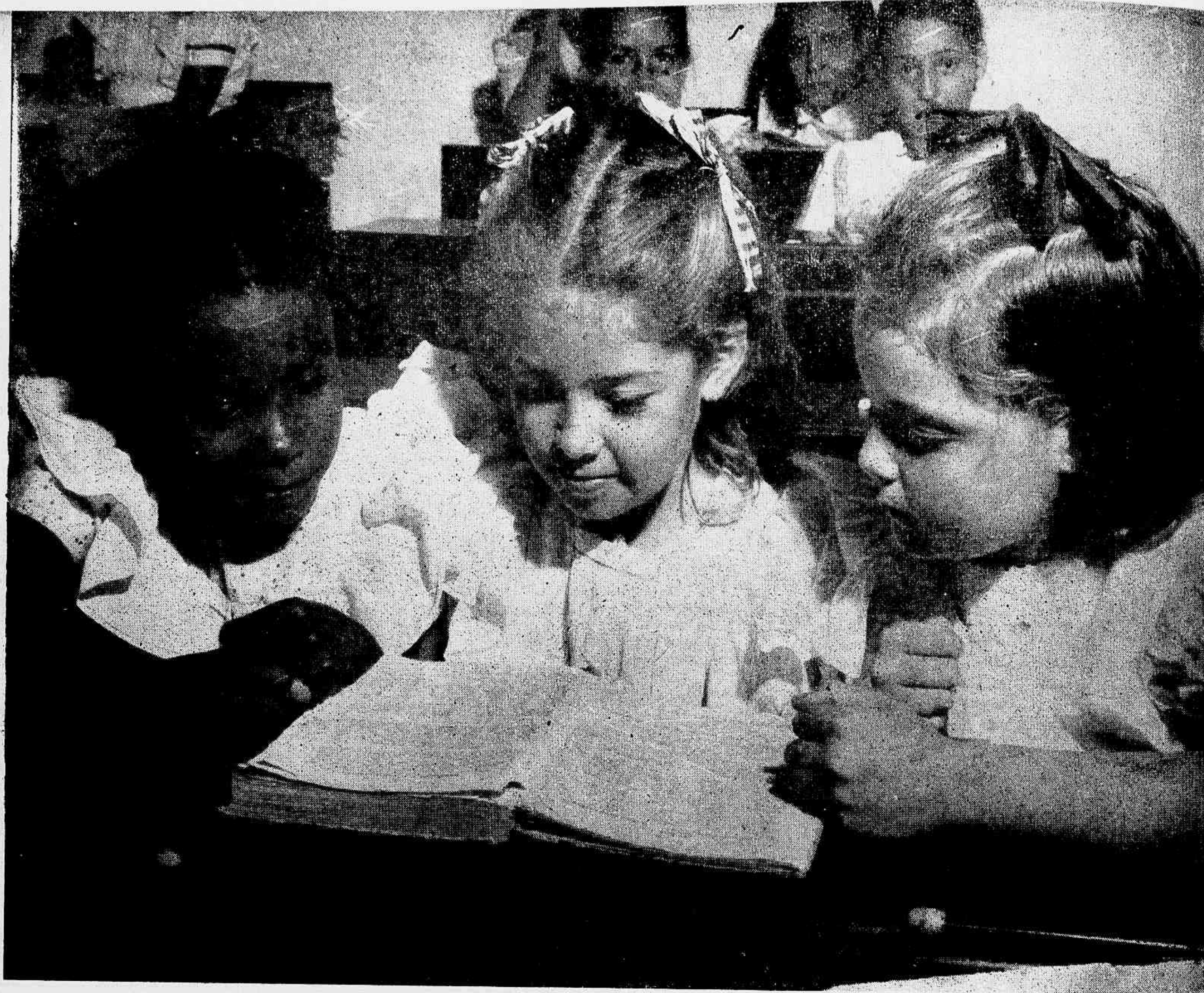
OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Álvaro Gonçalves", de Paulo Lício Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genofre; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibirigá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlântida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal e "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo). Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso, Otávio Tavares e Berilo Neves.

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE ORELHAS
AV. BRASIL, 100 - RIO DE JANEIRO
LIG. COM. BARRIO
ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28
Joaquim
LUIZ R. RICAFT
TEL. 22-4590 - RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Três meninas na aula de inglês — Da esquerda para a direita: Maria Aparecida, Maria Lúcia e Leila. Embora ainda estejam no curso primário da U.O.J., já iniciaram os seus estudos da língua inglesa. Maria Lúcia, a do meio, contando apenas 7 anos de idade, já deu três recitais de piano, interpretando Beethoven e outros clássicos da música. Na União das Operárias de Jesus as crianças não usam as vestes habituais dos asilados e isto concorre para tornar o ambiente mais alegre e mais humano.

A "RESISTENCIA" DA FILANTROPIA CARIOCA

Sem nenhum auxílio pecuniário do governo e sem gozar sequer isenção de impostos, a União das Operárias de Jesus realiza uma notável e meritória obra social — Artistas e artífices de 14 anos de idade — Alfaiates-modelistas que ainda usam calças curtas — Onde garotas de 5 anos interpretam Beethoven — O "Conjunto Coreográfico Brasileiro" é formado pelos mais jovens bailarinos do Brasil — Um pedido a Papai Noel

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de NEWTON VIAN[^]

QUEM passa pela Praia de Botafogo, ali no começo da Avenida Pasteur, nota a existência de uma placa pequena e modesta com as iniciais "U.O.J.". Difícilmente se poderá adivinhar a maravilhosa organização educativa e de assistência que se esconde por detrás de tão simples letreiro. É necessário que se ultrapasse os seus portões afim de se ter uma idéia de como a benemerência honestamente orientada produz verdadeiros milagres. A entrada é franqueada a qualquer pessoa durante todo o dia. Não é preciso avisar-se a visita. O padrão educacional, alimentar e higiênico é sempre elevado. A União não pode ser classificada entre as associações beneficentes comuns. Não se poderá chamá-la um asilo, abrigo, orfanato ou coisa semelhante. Qualquer desses nomes não exprimiria bem a singularidade da U.O.J.

A orientação que lhe foi dada pela sua fundadora vem sendo respeitada e seguida por todos os que hoje a secundam na continuação da grande obra. Dentro de um largo pátio interno, dezenas de crianças de um ano e meio até 7 ou 8 anos brincam, frequentam o jardim de infância e merendam. Nas dependências laterais das duas casas que formam hoje o patrimônio da União, meninos e meninas de 8 a 16 anos aprendem os mais diversos ofícios e artes, de sua livre preferência. Alternadamente são dadas as aulas do curso primário oficializado, que funciona no próprio edifício. Os que terminaram a primeira instrução são matriculados nos cursos ginasiais de bons colégios, como o Pedro II, o Externato Melo e Souza e outros, onde continuam seus estudos até o mais alto grau. Quando a fundadora, há dez anos atrás, começou recolher em sua residência alguns órfãos, não poderia ainda imaginar as amplas consequências que aquele ato cristão teria mais tarde, com a multiplicação milagrosa da obra modestamente iniciada.

PREDESTINAÇÃO

Foi a senhora Clotilde Guimarães a iniciadora e a grande realizadora da "União". Como dona Clotilde começou a se dedicar às obras pias? Foi, talvez, porque o destino lhe fora adverso e cruel. Mãe de três lindas meninas, perdeu-as no mesmo ano, sem que a medicina conseguisse em qualquer dos três casos evitar as ciladas dos maus fados. Alma já naturalmente caridosa, esse triplice golpe em lugar de abatê-la e torná-la numa criatura amarga, fez com que voltasse sua atenção para as crianças desvalidas, para os órfãos e necessitados, aos quais poderia dar carinhos maternos. Começou a receber em sua casa, primeiro os garotinhos que já conhecia e que sabia precisarem de seu auxílio. Lembavam-lhe as filhas e era em memória delas que a elas se dedicava. A notícia de sua benemerência foi se propagando pela vizinhança, pelo bairro e, em pouco tempo, sua casa era pequena para atender à multidão de crianças pobres que lhe vinham pedir amparo. Mães que não podiam sustentar filhos recém-nascidos, por falta de recursos, vinham lhe entregar os bebês com dias, apenas, de vida. E dona Clotilde dividia com seus novos pupilos o imenso amor e carinho que devotara às suas filhas precocemente desaparecidas. Outras almas abnegadas vieram auxiliar a fundadora e, com o aumento dos auxiliados, tiveram que se organizar, fundando a União das Operárias de Jesus. Mais tarde outro golpe feriu a alma boa de dona Clotilde: a perda de seu marido. O destino tirava-lhe seus entes mais queridos, fazendo com que ela se devotasse cada vez mais inteiramente à sua missão piedosa. E hoje, dona Clotilde Guimarães, dá as vinte e quatro horas de seu dia à vida da União, morando no mesmo prédio, passando o dia inteiro, juntamente com as suas seguidoras de fundação, a tratar dos múltiplos problemas da Casa.

O ÚNICO AUXÍLIO DO GOVERNO: MENORES PARA INTERNAR

A U.O.J. vive exclusivamente de donativos particulares, das festas beneficentes que organiza e da venda dos produtos das suas diversas oficinas, artigos manufaturados pelos meninos e meninas que ali vivem. Anualmente o balancete apresenta "deficits" consideráveis, mas suas diretoria conta saldá-los com a boa vontade de seus habituais doadores e com a receita do próximo ano. Com essa fé e essa esperança, tem vencido as dificuldades de dois lustros, abrigando cada vez maior número de órfãos e necessitados. Hoje seu patrimônio conta com os dois prédios que ocupa à Praia de Botafogo, um adquirido e outro doado, e todo os móveis e aparelhamentos que os guarnecem, inclusive um completo gabinete dentário, ofertado por dois beneméritos. Esses mesmos benfeitores mantêm às suas expensas um dentista permanente e fornecem à instituição todo o material odontológico necessário. A "União" faz questão de pagar a todos os seus professores, — de línguas, canto, bailado, mestres de ofícios, etc., pois a diretoria exige que o ensinamento seja eficiente e intensivo. Embora seja um estabelecimento de excepcional utilidade pública, nenhum imposto ou taxa, federal ou municipal lhe foi perdoado até a presente data. Não goza de isenção alguma. Todos esses tributos lhe são cobrados, aumentando o seu "deficit" anual e diminuindo as possibilidades de ajuda a um número mais de crianças. O governo sabe muito bem da sua utilidade, tanto assim que já enviou oitenta menores para aquele abrigo. Entretanto, continua cobrando todo os impostos possíveis e existentes.

Antoninho e Maroca, dois dos menores asilados da U.O.J. — A expressão alegre dos seus rostinhos não foi preparada para o fotógrafo; é o efeito da vida feliz que desfrutam desde pequeninos nesta singular sociedade filantrópica.





As mais variadas profissões e artes são postas à disposição da preferência dos asilados. Estes pequenos sapateiros, com mais outros colegas, caçam os duzentos internados fabricando e remendando todos os sapatos. Confeccionam desde os mimosos sapatos das bailarinas, aos mais complicados calçados ortopédicos, que são adquiridos sob encomenda pelos hospitais especializados do Rio. A renda que obtêm com o seu trabalho já está atingindo a cifra de doze mil cruzeiros mensais. O mais velho desses artífices ainda não completou 15 anos.

OS PEQUENOS ARTESÃOS

Os nossos pedagogos têm nas oficinas da "União" um exemplo edificante de como o operário brasileiro pode se tornar um dos melhores artífices possíveis quando convenientemente instruído. A maioria desses pequenos trabalhadores entrou para ali muito jovem, numa idade que variou, em média, de 3 a 5 anos. Hoje com 12, 13, 14, 15 e 16 anos (o mais velho dos asilados tem essa última idade), são peritos nas diversas profissões que escolheram. Aprenderam e continuam aprendendo dentro da União tudo o que sabem e almejam saber. Recebem, concomitantemente, a instrução profissional e a escolar. Atualmente já estão funcionando: alfaiataria, carpintaria, marcenaria com uma secção anexa, especializada em entalhe de ma-

deira, sapataria, com secção de serviços ortopédicos, prótese dentária, atelier de costura, bordado e tricô. Além desses cursos profissionais, o menino ou a menina pode escolher também uma profissão artística, ingressando, por sua livre vontade, nos cursos de piano, violino, canto ou dança. Todos esses cursos estão em pleno funcionamento, onde os alunos recebem dos mestres uma orientação segura. Nos cursos artísticos grandes professores lecionam, tais como Vlaslav Veltcheck, preparador do "ballet", hoje famoso; Oscar Bergeth, Guilherme Fontainha, Edgard Guerra e outros. Dos 180 abrigados que conta hoje a "União das Operárias de Jesus" somente os que ainda cursam o jardim de infância não possuem um ofício ou não se dedicaram ainda ao cultivo de uma das artes. Vimos garotos de 13 e 14 anos cortando, costurando vestidos e jaquetões com tal arte e capricho que as nossas alfaiatarias os contratariam imediatamente, se a "União" o permitisse.

OS ALFAIATES DE 14 ANOS

As alfaiatarias sofrem agora falta de pessoal especializado, tais como buteiros, cortadores, contra-mestres. Mas o seu sindicato ainda não organizou uma escola onde os jovens que se iniciam na profissão ou que desejam a ela dedicar-se possam aprender rápida e corretamente o seu ofício. Geralmente, o nosso contra-mestre é formado "de ouvido". Depois de muitos anos ajudando um alfaiate vai, por si mesmo, aprendendo. A União resolveu o problema cientificamente: contratou o Sr. Ladevesse Barros, alfaiate e professor da sua arte, e inaugurou a sua escola de alfaiataria. O aluno Juçary conta apenas dez anos e é de ver-se com que perfeição caseia um paletó! A oficina está instalada numa sala ampla, onde as máquinas de costura, os manequins e a azáfama dos aprendizes nos faz julgar estermos no interior de uma casa de roupas da cidade. Dirigimo-nos ao mais velho da turma, de 14 anos de idade, e que já conta entre suas proezas ter feito um terno para um diplomata francês. Chama-se Armando, esse pequeno prodígio. Perguntamos-lhe:

— Qual será a sua especialidade? Ternos ou vestidos?

— Quando terminar o meu curso saberei cortar perfeitamente as duas coisas. Mas a minha especialidade será a de modelista. Quero criar vestidos interessantes e é para isso que já estou treinando.

Abriu-nos um caderno de desenho em que nos apre-

sentou diversas "criações originais" para a manhã, tarde e até para "soirées". Os vestidos eram desenhados e pintados a lápis de cor. Traziam todos a legenda explicativa dos aviamentos: "vestido em seda rosa com aplicações de veludo negro". Aquele outro modelo esportivo trazia ainda uma sugestão: "Deve ser usado com um cinto de couro largo, bem justo". Realmente, pelas amostras, o rapaz promete.

Esta profissão de modelista se bem que não seja coisa nova aqui no Rio é, entretanto, muito pouco explorada pelos nossos costureiros. E os rapazes da União terão um campo vastíssimo para o desenvolvimento das suas aptidões. Não somente o Armando estuda para modelista. Outros do curso, como o Jorge, de 13 anos, o Raimundo, de 12, o Elton, de 13, e até o Rodolfo, de 10 anos apenas, já estão treinando passar para o papel as idéias dos vestidos que eles mesmo irão cortar.

Como experiência em roupas de homens eles já estão fazendo os seus próprios ternos e muitos dos vestidos das professoras dali foram executados por esses alfaiates-mirins, que aprendem o seu ofício com amor e competência. Embora o curso conte apenas dois anos de vida já produz receita de cinco a seis contos mensais, pois não são poucas as pessoas que confiam sua elegância às mãos desses meninos, o que atesta quão rápidos têm sido os seus progressos.

SAPATOS ORTOPÉDICOS E PARA BAILARINAS

A secção da sapataria é uma das mais antigas, tendo sido inaugurada há oito anos. O seu progresso atual é qualquer coisa de notável. Entregue às mãos de meninos de idade máxima de 15 anos, orientados por dois ou três profissionais, sua produção é conhecida e procurada por várias casas especializadas. Todos os 180 asilados e demais empregados, professores e diretores, têm os seus sapatos fabricados ou conservados ali.

Botar meia sola roma botina é "café pequeno" para aquele guri de 12 anos que, à nossa chegada, tirava uma por uma as taxinhas da boca, tal como fazem os velhos profissionais, e as martelava certeira e na sola do calçado. Nesse ofício, ali já há mestres completos. Basta dizer que fazem desde os sapatos especiais das bailarinas aos mais variados calçados ortopédicos. Segundo o molde em gesso, fabricam os tipos especiais que seguem, já sob



Alfredo de Almeida veio para a "União" com apenas sete anos de idade. Tudo aprendeu ali. Hoje é um ótimo marceneiro, trabalha muito bem em entalhe de madeira e, ansioso por mais aprender, vai estudar prótese dentária nesta secção que acaba de ser inaugurada. Pelo seu gosto trabalharia sempre naquela casa, a "sua casa" como nos disse.



As meninas que têm a felicidade de passar pela União das Operárias de Jesus saem, mais tarde, desse asilo, perfeitas donas de casas. Aprendem, e muito bem, a cozinhar, lavar, engomar, costurar, bordar e tricotar. Além disso instruem-se e têm a faculdade de escolher qualquer ramo artístico como profissão ou mesmo como simples ilustração. Todas as secções dos departamentos artístico e profissional trabalham para fora, ajudando a manter, com a venda da suas confecções, a vida dessa benemérita instituição de filantropia.

encomenda, para as clínicas de ortopedia. Também nessa secção existem os modelistas e vimos vários desenhos de calçados para senhoras, caprichosamente arquitetados. A sapataria conta com a colaboração de meninos habilitadíssimos, bastando dizer que a sua renda mensal nunca é inferior a doze mil cruzeiros, o que bem demonstra a procura dos produtos que ali são fabricados.

QUANDO A CULTURA SE COMPLETA

Sabemos que outras escolas, oficiais algumas, semi-oficiais outras, possuem também nos seus cursos jovens tão bem instruídos como os que vimos na União. Mas o que espanta é que essa instituição proporcione o conhecimento de tão variadas artes e ofícios aos jovens. Assim, enquanto as moças se tornam completas donas de casas, pois são obrigadas a aprender a cozinhar, passar, lavar, costurar e bordar, também se instruem na escola da União podendo, mais tarde cursar escolas superiores. Da mesma forma o rapaz além de se preparar para vir a ser um bom alfaiate, pode estudar também música e o aprendiz de sapateiro pode igualmente frequentar as aulas de bailado. Há uma liberdade absoluta na escolha das artes e dos ofícios ou de ambos, a uma só vez. Este critério estimula a natural propensão da juventude em aprender. Encontramos uma jovem, Elza Ferreira, que depois de conhecer todos os segredos de uma boa dona de casa, aprendeu violino e piano. Ela mesma é quem nos diz:

— Quando vim para a União tinha apenas 10 anos. Não sabia ler nem escrever. Aqui me ensinaram tudo o que sei. Entrei para a escola, aprendi todos os mistérios da casa, inclusive costurar e bordar e realizei o sonho que sempre tive. Aprender piano. Como as possibilidades para se aprender são ilimitadas estudei também violino. Hoje faço parte da Orquestra Universitária, coisa que há seis anos atrás poderia parecer aos meus pais, pobres e sem instrução, uma coisa inteiramente impossível.

HISTORINHA DE MARIA LÚCIA

Maria Lúcia é uma bonequinha de 7 anos, inteligente e graciosa, prendendo ao primeiro olhar as atenções do

visitante. Veio para a União quando era um bebê, subnutrido, sem futuro risonho caso permanecesse em companhia de seus pais. Desde pequenina começou a demonstrar grande pendor para a música e, na idade em que as meninas começam a brincar com bonecas, Maria Lúcia iniciou seus estudos de piano. Aos cinco anos deu o seu primeiro concerto público. A pequenina intérprete de Beethoven faz sucesso e, por mais duas vezes, se exibiu aos seus admiradores na Escola Nacional de Música. Hoje tem oito anos e continua sempre em ascensão dentro da sua arte. Maria Lúcia já está no 3º ano primário e além das aulas de piano entrou agora para o curso de inglês que a União mantém. São vastos os conhecimentos que os abrigados podem auferir e Maria Lúcia vai aproveitando todos eles. Quando lhe perguntamos o que seria quando crescesse ela nos respondeu, cheia de fé:

— Vou ser uma grande pianista e farei muitos recitais em benefício da nossa Casa.

Esse reconhecimento, ligeiramente expressado pela pequenina pianista, é idêntico em todos os internados. Eles não se sentem presos dentro da União e a direção facultalhes, na medida do possível, a noção de inteira liberdade de que gozam naquela espécie de colégio. Os pais que entregam os seus filhos à instituição não perdem o pátrio poder e poderão retirá-los do estabelecimento desde que se sintam com possibilidades econômicas para mantê-los. Os meninos logo que tenham ofício podem empregar-se onde desejarem. Entretanto, vem acontecendo justamente o contrário. Nenhum deles deseja sair dali. Houve mesmo o caso singular do casamento de uma mocinha que ali vivia já há muitos anos e de tal forma se acostumara àquela vida que depois do matrimônio pediu para continuar morando ali. E' claro que isto não seria possível e foi entre muito choro que a recém-casada arrumou sua malinha. Hoje D. Elza, — este é o nome da única internada que até a presente data deixou a União, — é mãe de um casal de lindos pimpolhos. Para que continuasse permanentemente ligada à sua beifeitora fez questão que a madrinha de seus filhos fosse a bondosa dona Clotilde, que com esse batismo ultrapassou de uma centena o número de seus afilhados. D. Elza visita constantemente a sua antiga casa e não há festa ou exposição do U.O.J. que deixe de contar com sua colaboração. É um exemplo de que os vínculos nascidos naquele lar perdurarão para sempre.

O QUE SE FEZ NUM ANO, APENAS

A estatística oficial da União referente ao ano de 1945 fala eloquentemente dos serviços prestados. O Instituto Profissional rendeu naquele período a importância de Cr\$ 100.589,00 e o Departamento Artístico produziu Cr\$ 81.077,00. E' preciso assinalar-se que, o departamento profissional, principalmente, fabrica para todos os internados sua própria roupa, calçados, móveis, etc. Os alunos mais adiantados dos seus cursos instrumentais e coreográficos brilharam nas suas apresentações ao público, em recitais e bailados. Yellé Bittencourt, que apesar de contar apenas 15 anos, é o primeiro bailarino do "Conjunto Coreográfico Brasileiro", é também exímio violinista e sagrou-se o



Nancy, que aparece em primeiro plano na fotografia à esquerda, com apenas 7 anos de idade e 3 meses de aprendizado sabe quatro pontos de "tricot". Nancy tem mais dois irmãos asilados na U.O.J., um pouquinho mais velhos do que ela e que já fazem parte do "Conjunto Coreográfico". Nancy, quando crescer, quer ser também bailarina clássica.



Adelina Barreto está há seis anos nessa casa acolhedora que é a União das Operárias de Jesus. Veio sem saber ler nem escrever. Hoje tem o seu curso primário, é ótima dona de casa e uma esforçada pianista.

vencedor, entre os instrumentistas, do programa "Artistas Novos do Brasil", dirigido pela professora Magda da Gama Oliveira. Expressivos triunfos conquistou igualmente o "ballet" da União nas suas apresentações no Teatro Municipal, dirigido, como já dissemos, por Václav Veltchek. O sucesso foi tão espetacular que provocou uma onda de propostas para que atue em diversas capitais de países sul-americanos e, ainda, nos Estados Unidos e Canadá. O Dispensário da U.O.J. que socorre a qualquer necessitado que bata às suas portas, proporcionando-lhe assistência médica, alimentar e farmacêutica, atendeu a 17.026 doentes despendendo Cr\$ 437.788,00. A União, somente nessa verba de "Auxílios a necessitados", gastou até a presente data nada menos de dois milhões de cruzeiros, quantia realmente bem grande quando se lembra que vive sem nenhum amparo oficial. Em outra verba, o seu lactário forneceu no mesmo ano vinte mil litros de leite a crianças pobres. Se contasse com verbas maiores, esses auxílios seriam imediatamente ampliados, pois diariamente dezenas de pobres mulheres solicitam a internação de seus filhos no asilo, sem que o seu pedido possa ser atendido. constatamos nos seus arquivos nada menos de DOIS MIL PEDIDOS de asilo para menores, pedidos que serão negados na sua totalidade, pois as dependências dos seus alojamentos não comportam novas admissões. Nos dormitórios dos rapazes existem 33 colchões colocados no chão, visto não haver mais lugar para tantas camas. Os próprios corredores são aproveitados como dormitórios e as camas são construídas com duplo estrado, como nos dormitórios dos trens, para que o espaço seja melhor aproveitado. A boa vontade das pessoas que dirigem a União não tem limites. Infelizmente são limitados os seus recursos, apesar da generosidade de meio dúzia de verdadeiros filantropos.

A CAÇULINHA DA CASA

Os diretores lutam diariamente para obtenção de fundos afim de que nada falte à criança, que tem, realmente, a mais completa assistência. Os internos alimentam-se muito bem: café com leite, pão e manteiga, de manhã; fruta ou doce às 10 horas; almoço ao meio dia; lanche às 3 da tarde e jantar às 6,30. Depois do almoço os menores vão dormir um pouco. E com eles também os componentes do "ballet", que têm um programa de estudos exaustivo. Fomos encontrar a caçulinha da casa quando ela acabava de tirar uma soneca depois do almoço. Chama-se Suely, tem apenas um ano e meio de idade. É de uma vivacidade extraordinária. É a queridinha de todos, visitantes,

companheiros da União e professores. Suely foi levada para o asilo com apenas sete dias de nascida e ficou sendo desde então a mascote da instituição. As crianças do berçário são cuidadas pelas asiladas maiores, que se transformam em carinhosas "mamães" das pequeninas. Suely, se quisesse, teria colo o dia todo, pois tem uma verdadeira corte de amas à sua disposição. Mas Suely é trêfega, irrequitada e quer andar por todo o lado. Tanto assistiu às aulas do "ballet" que, com um ano e meio de idade e três palmos de altura, já se converteu numa pequena bai-

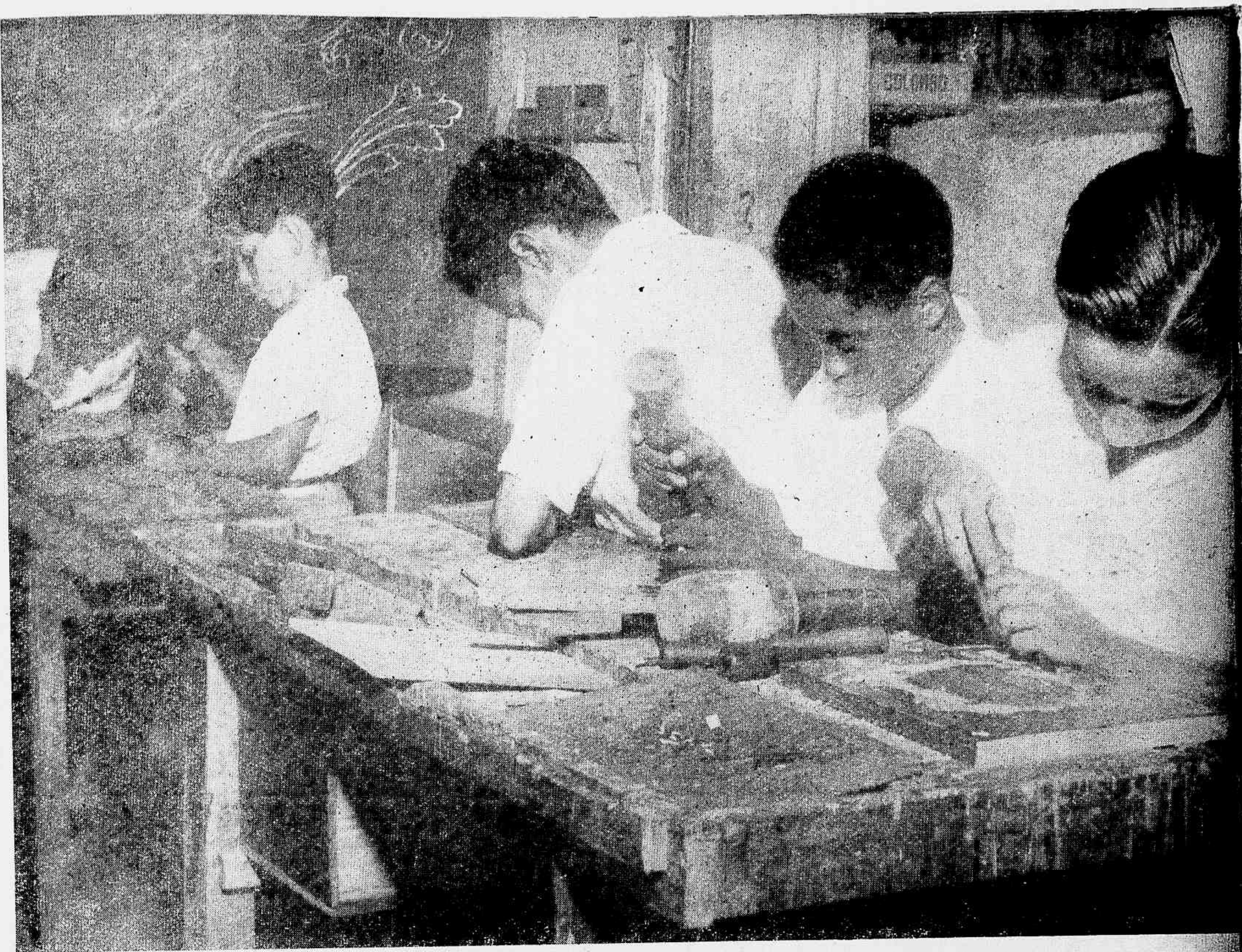
larina. As meninas fizeram-lhe uma roupa de malha especial para dançar, uns sapatinhos minúsculos, de setim, e assim vestida Suely vai para o salão de ensaios, põe a mãozinha na barra e começa a executar os gestos das danças. Quando ela foi executar a imitação da primeira bailarina Orlanda na "Dança do Fôgo" não havia música, e Suely no seu tati-bitati protestou:

— Tieta, dom-dom-dom-dom...

Isto queria dizer que D. Antonieta deveria tocar o piano.



A direita: A secção de alfaiataria em plena atividade. Jucary, ao fundo, o mais novo de todos (10 anos) pede explicações ao chefe da turma, Armando (14 anos). Este último está se especializando como alfaiate-modelista.



A secção de entalhe de madeira é uma das mais novas da "União" e já conta com 10 aprendizes. O mais novo deles, o Roberto, tem apenas 9 anos de idade (é o segundo que aparece na foto, da esquerda para a direita).

O "CONJUNTO COREOGRAFICO BRASILEIRO"

O "ballet" da União das Operárias de Jesus é uma das suas realizações admiráveis. Iniciado há menos de três anos e orientado desde a sua formação pelo ex-bailarino do Teatro Municipal de Paris, Vatslav Veltcheck, conseguiu nesse pouco tempo formar uma equipe de bailarinos que assombrou pela precocidade, harmonia, interpretação segura, ao pessoal do próprio "Ballet Russe" quando da sua passagem por esta cidade. Vatslav descobriu naqueles ado-

lescentes de 12 e 13 anos qualidades latentes de verdadeiros bailarinos. Instruiu-os, treinou-os com perseverança e, em pouco tempo, os alunos suplantavam de muito as previsões do mestre. O mais velho do corpo de baile, Yellé Bittencourt, conta apenas 15 anos de idade. Orlanda, primeira bailarina, tem apenas 14. As outras dançarinas têm 14, 13 e 12 anos. Esses bailarinos "mignons" fizeram delirar a platéia do Municipal nas festas do "Cega-Rega" e em outras apresentações posteriores. Hoje estão excursionando pelo Sul, tendo-se apresentado em Porto Alegre com

sucesso absoluto. De lá, irão a Buenos Aires, aos Estados Unidos e ao Canadá e, talvez mesmo, à Europa. O curso de bailado da U.O.J. conta com 52 figuras, 14 das quais integram o "Conjunto Coreográfico Brasileiro".

A mais nova aluna é, como já vimos, a caçulinha Suely, que, com apenas um ano e meio de idade, não perde um ensaio do Conjunto. Para a petizada da "União" os primeiros bailarinos do "ballet" — Yellé, Orlanda, Teresa, Beatriz, Miriam, Neusa e Amélia — são verdadeiros ídolos e quando nos contam os sucessos dos seus companheiros, falam com entusiasmo tal que temos a impressão de que se referem a Sérgio Lifar, Pavlova e outros ídolos mundiais.

NATAL E ANO BOM DOS 200 ASILADOS

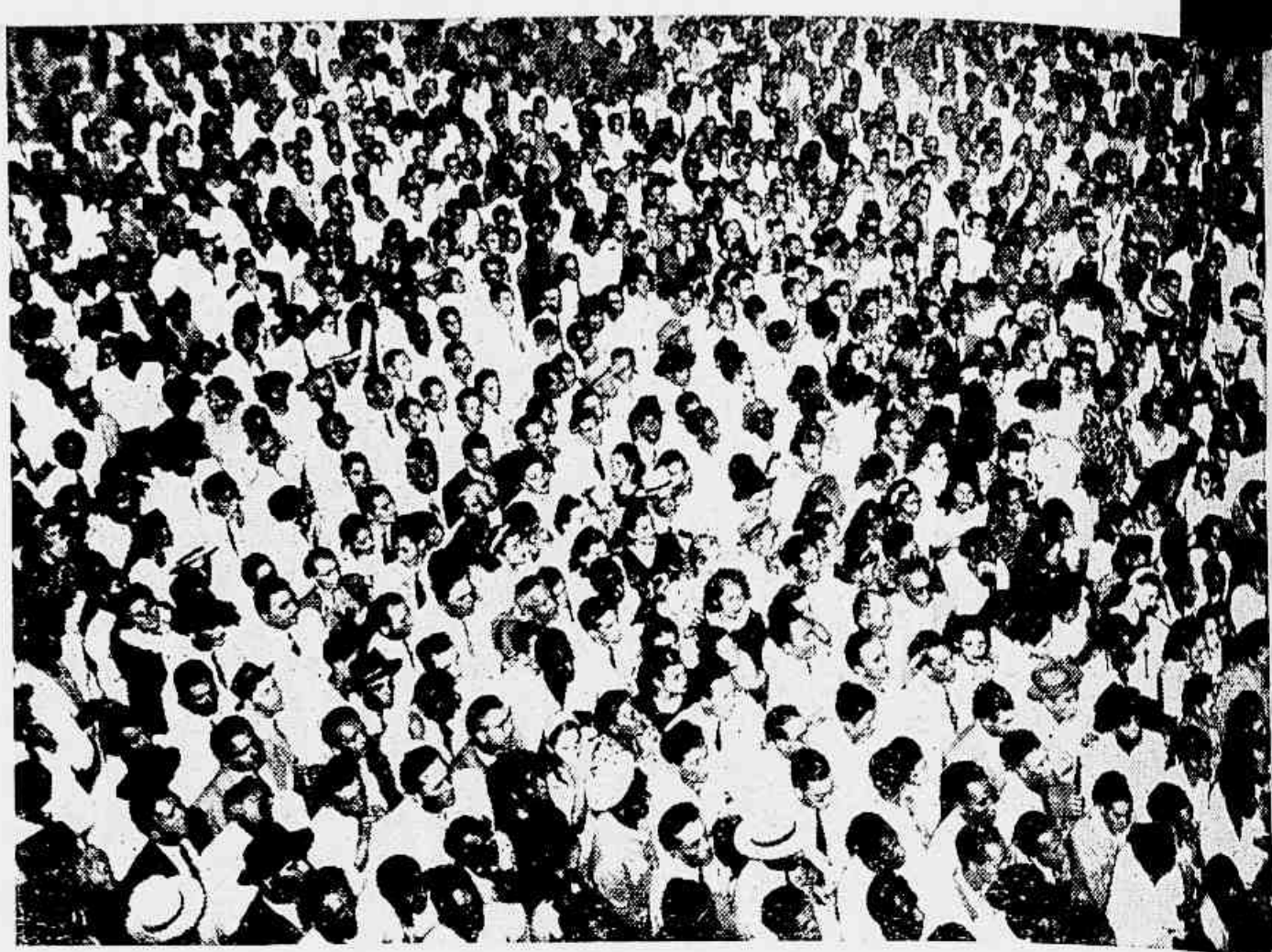
Vamos transcrever fielmente uma carta de uma garotinha, colhida ao acaso na "mala postal" destinada a Papai Noel, na qual a menina da União faz os seus pedidos. Diz assim: "Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1946. Querido Papai Noel. Eu desejava saber como o senhor está passando. Eu queria da árvore de Natal uma boneca. E se o senhor quiser me dar mais alguma coisa eu aceitaria com muito gosto. Receba muitos beijos e abraços da sua filhinha que tanto lhe quer. Maria da Conceição Borchet".

Mais de uma centena de cartas semelhantes são enviadas a Papai Noel, diferindo somente os pedidos. A U.O.J., auxiliada por algumas almas caridosas, vai atendendo, na medida do possível, aos desejos dos asilados. Se a época é propícia para pedidos, o reporter aproveita a boa vontade de Papai Noel para solicitar também alguma coisa. Já perdemos há muitos anos a ilusão da infabilidade do velhinha da noite de Natal, mas de qualquer forma vamos fazer o apelo. O Natal já passou, mas poderemos dizer que Papai Noel perdeu o trem...

Não poderia Papai Noel conseguir que o Governo auxiliasse de algum modo o asilo da União das Operárias de Jesus? Não precisa pedir ao ministro da Fazenda que crie uma nova verba; ele já anda assoberbado com o abono e outras coisas. Consiga, apenas, que a Câmara Federal aprove a isenção de todos os impostos e taxas que recaem sobre a União das Operárias de Jesus. Com isto haverá mais dinheiro para atender a maior número de necessitados. Será que você, bom velhinho, fará este favor às 209 crianças da União?

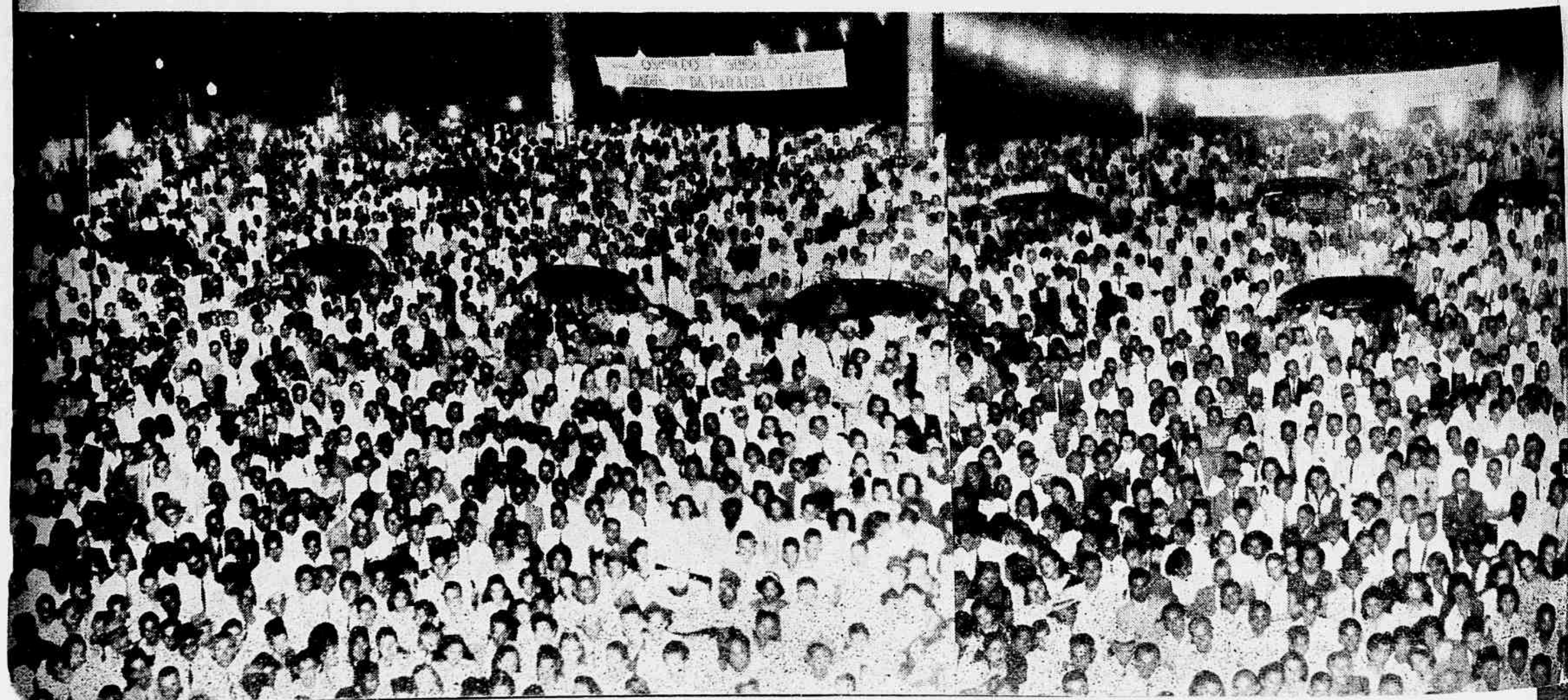
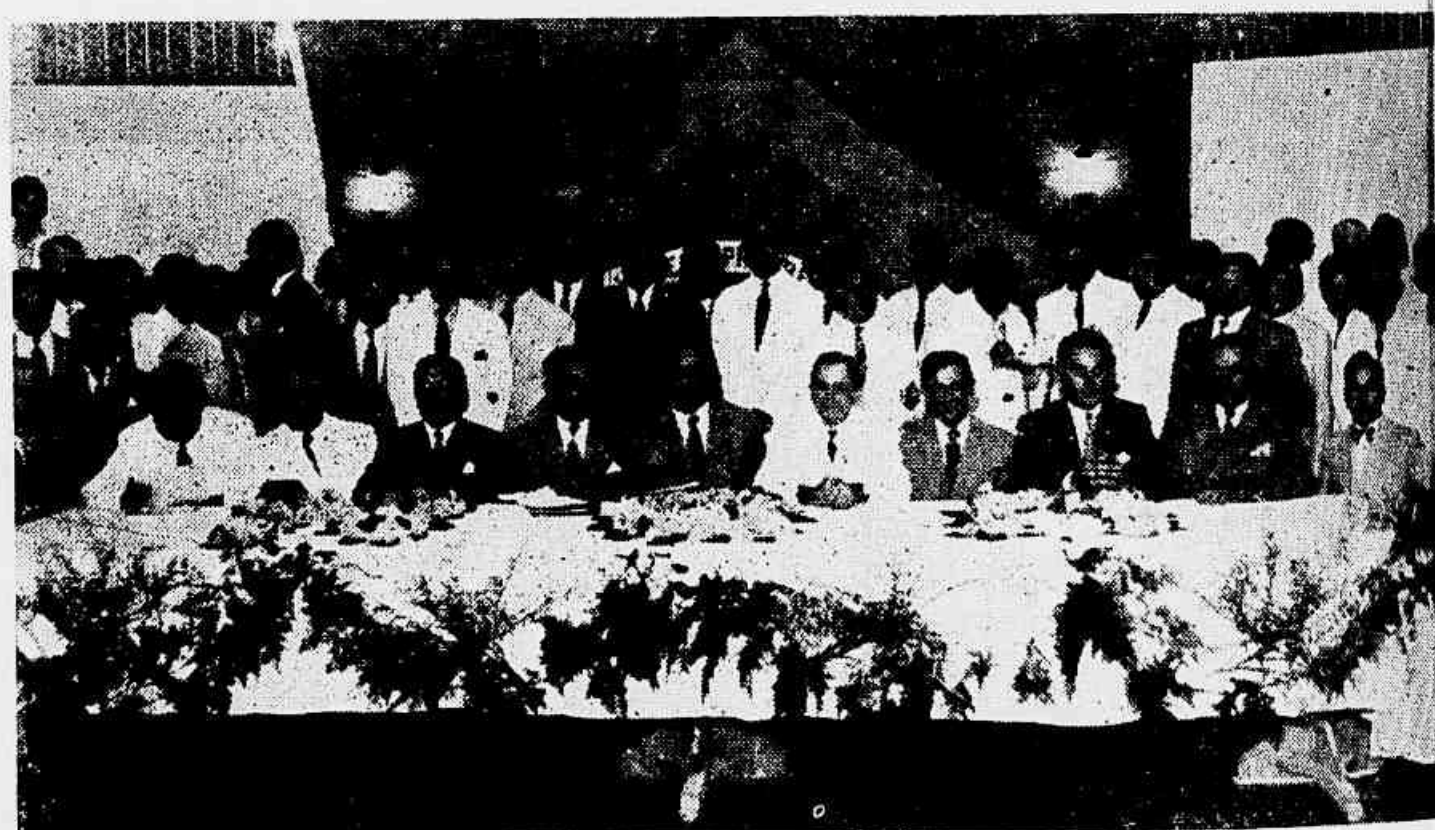
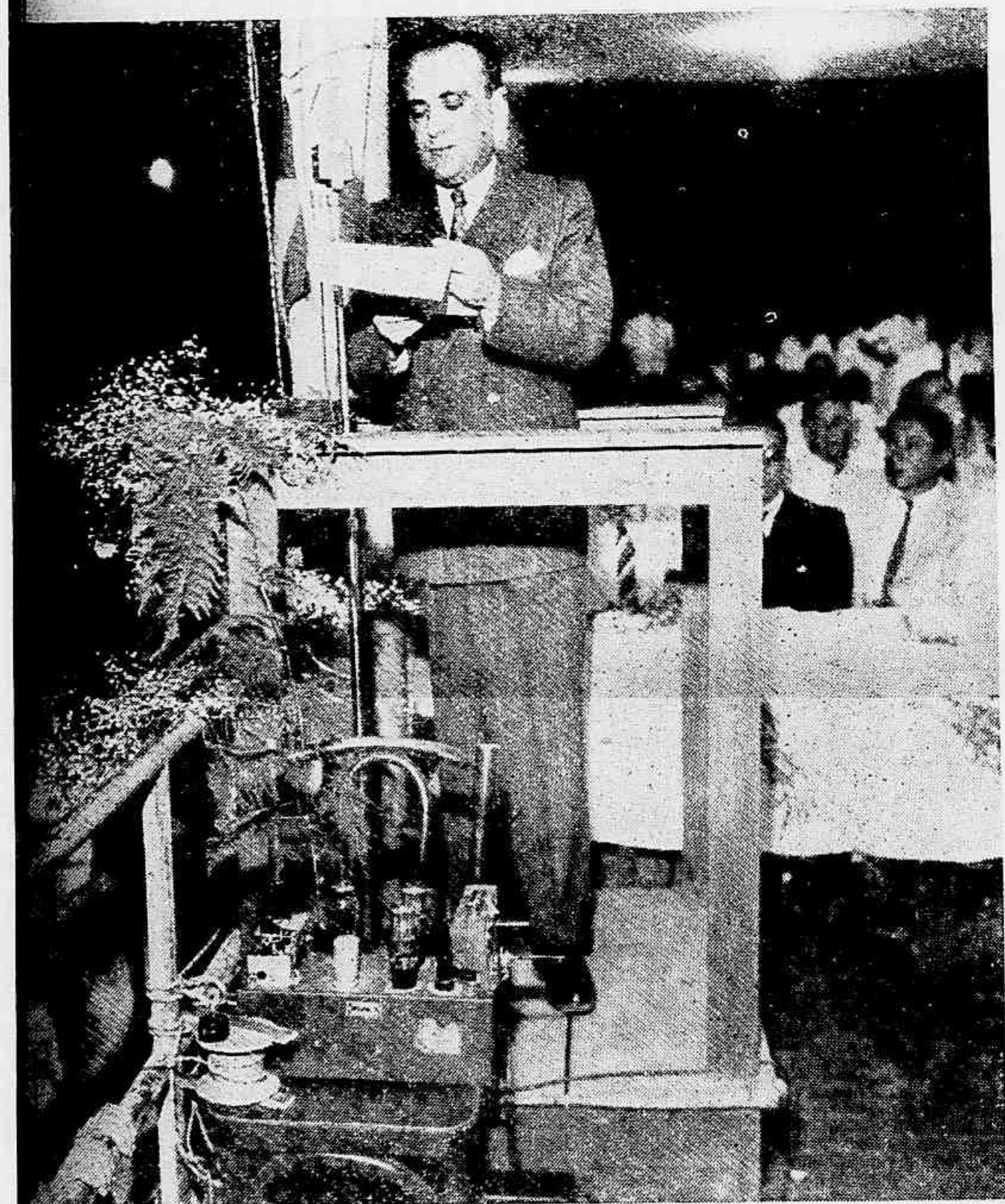
Jorge, um contra-mestre de 13 anos, é obrigado a subtrair um banco para fazer a prova no freguês. Este, como o seu companheiro Armando, já criou interessantes e originais modelos de vestidos para senhoras.

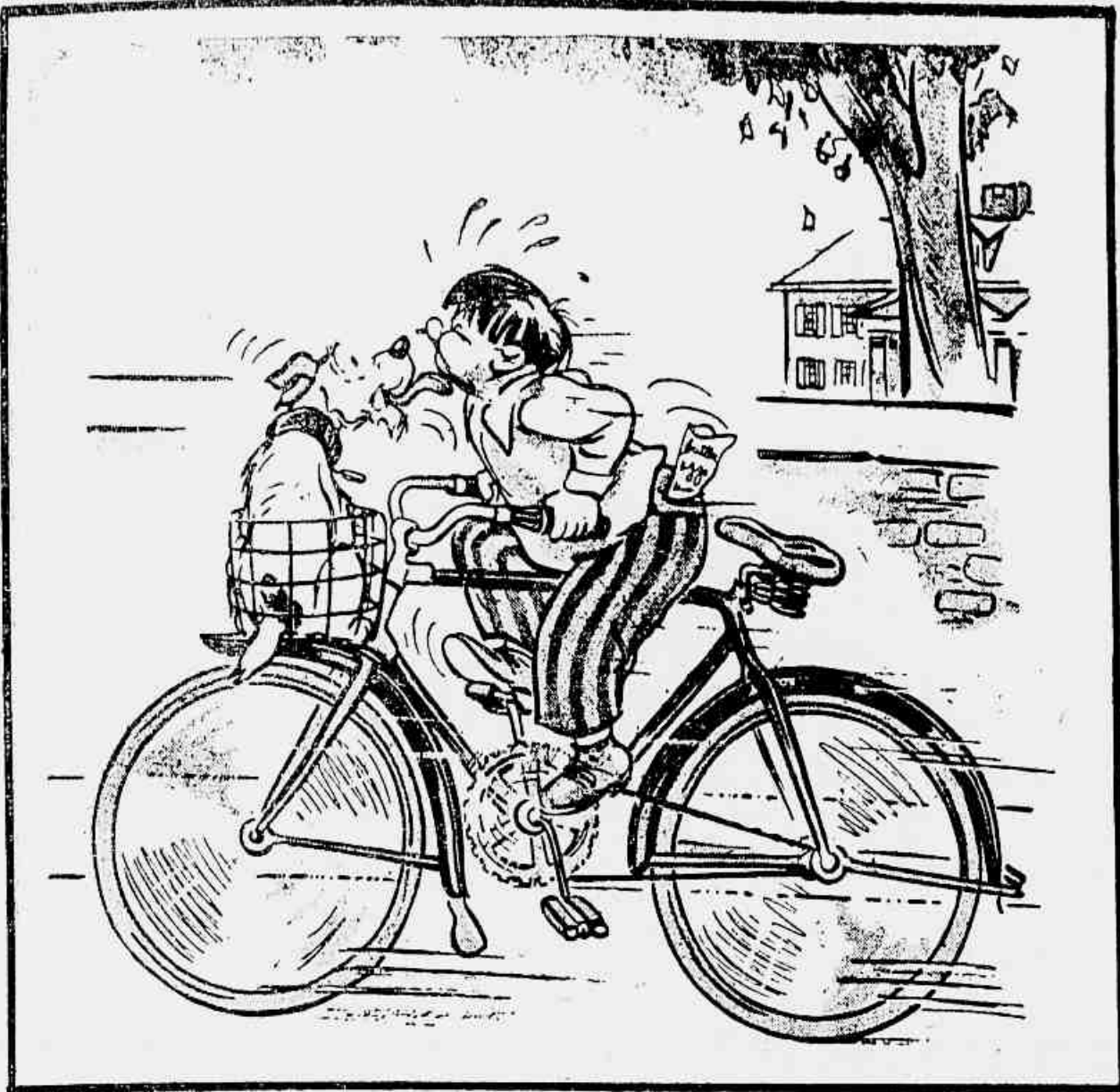




DA PARAÍBA

Flagrantes tomados durante a convenção realizada em João Pessoa, Paraíba, para o lançamento dos candidatos da União Democrática Nacional com outros partidos às eleições de 19 de janeiro próximo. Ao alto, da esquerda para a direita, o advogado Aluizio Afonso Campos orando; depois, o Deputado Plínio Lemos falando e um flagrante da assistência. A esquerda o Sr. Osvaldo Trigueiro, candidato ao governo do Estado, lendo seu discurso-programa. Em baixo um aspecto da mesa e outro flagrante da massa popular.





BOM HUMOR





Manuel Bandeira. O grande poeta modernista. O cronista delicioso. O homem que consagrou toda a sua vida às letras e à arte poética. Tradutor magistral de Elizabeth Barrett Browning, de Soror Juana Inez de la Cruz, de Ronsard e de outros poetas. Conquistou o primeiro prêmio de literatura do IBECC, espécie de Instituto Nobel do Brasil. Foi uma distinção merecidíssima.

A GALERIA DOS PREMIADOS DE 1946

Pode ter sido detestável para muita gente, mas para estas personalidades o ano que se encerra ficará marcado como um período de expressivos e gratos triunfos

O ANO DE 1946 pode ter sido detestável para muita gente, que nestes trezentos e tantos dias deixou de realizar velhas ambições ou de conseguir coisas pelas quais muito lutou. Mas para as personalidades que figuram nestas páginas o ano que ora se encerra ficará marcado como um período de expressivos e gratos triun-

fos. Vejamos o que lograram, em 1946, alguns dos premiados que conquistaram distinções significativas nas letras e nas artes, em diversas instituições culturais do país.

★

Para começar, o Poeta Manuel Bandeira. Desdenha-se da poesia, especialmente da poesia moderna. Certos críti-

cos rombudos acham que aquilo é falsa arte, moxinifada, bobagem. Negam-se sermão prático aos poetas. E aos poetas modernos negam-se até bom senso. Um daqueles críticos é o Sr. Eloy Pontes, que, — sem trocadilho, — pontifica no "O Globo". Com certeza ele deve ter tido um ataque, ao saber que o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, que funciona no Itamarati, sob a presidência do Sr. Levy Carneiro e ligado ao Unesco, resolveu atribuir ao Sr. Manuel Bandeira, o autor de "Carnaval" e do "Ritmo dissoluto", o seu prêmio de literatura, no valor de cinquenta mil cruzeiros. Prêmio muito merecido, de resto. Manuel Bandeira é um grande artista. Um homem de admirável cultura e de magnífico talento. E' o nosso primeiro grande poeta a fazer poesia política, — pois é preciso que ninguém esqueça seus versos em louvor do brigadeiro Eduardo Gomes e contra o "Estado quitandeiro". Politicamente, Manuel Bandeira pertence à Esquerda Democrática. Literariamente, à corrente renovadora das nossas letras e tem sido, na Academia Brasileira de Letras, uma força revolucionária. Na Academia, fez os melhores e mais vivos discursos ali proferidos até hoje, pela sã fusão do espírito acadêmico com os seus dons de grande poeta e de humorista não menor. Sim, de humorista, por que é preciso não esquecer o autor das "Crônicas da Província do Brasil" e antigo redator de "A Manhã", que ele foi...

★

Outro premiado: Villa-Lobos, o nosso grande compositor moderno. Villa-Lobos conquistou o prêmio de arte, do mesmo organismo, o IBECC, também no valor de cinquenta mil cruzeiros. E' um prêmio a uma vida dedicada toda ela ao culto da música e, particularmente, do canto orfeônico. Foi ele o homem que ensinou as crianças do Brasil a cantar em conjunto. No princípio, ridicularizado, hostilizado, mas, por fim, cercado de respeito. Fez obra séria. Recolheu, aprimorou, harmonizou, deu forma artística a centenas de canções populares brasileiras, editou-as ele próprio, gravou-as em disco. Hoje, essas canções são cantadas no Brasil inteiro. Sua obra de compositor não tem paralelo, na história da nossa música, quer em extensão, quer em qualidade. Tem tido em Manuel Bandeira um excelente colaborador, um letrista de primeira. Suas peças são executadas pelos maiores concertistas mundiais. Seu nome aparece em todos os grandes livros de referências sobre a música moderna publicados no exterior. Para



Villa-Lobos é o homem que ensinou as crianças do Brasil a cantar. E' o compositor magistral dos "Choros" e das "Bachianas Brasileiras". Foi um dos primeiros a valorizar a nossa música popular, a harmonizar os temas folclóricos. Adora as composições de Ernesto Nazareth e os instrumentos nativos, que só ele emprega nas suas obras. Para Stokowski, no mundo contemporâneo só há "dois grandes" na música: Stravinsky e Villa-Lobos. Mas não sabe qual é maior...

o maestro Leopold Stokowski só há realmente dois grandes compositores no nosso tempo: Stravinsky e Villa-Lobos. "A dificuldade está em dizer qual deles é o maior", diz Stokowski. Agora, está ele escrevendo uma opereta para ser estreitada na Broadway como resultado de sua recente visita aos Estados Unidos. E seus albuns de discos gravados por Bidú Sayão e Jennie Tourel são vendidos aos milhares, em U.S.A.

Não foram Manuel Bandeira e Villa-Lobos os dois únicos premiados do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura. Essa instituição premiou também, com igual quantia, a Associação Brasileira de Educação, que realiza obra altamente significativa, e o Núcleo de Matemática, dirigido pelo astrônomo Zélio Gama, para a publicação de monografias sobre alta matemática. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, animado, no início de sua vida, pelo espírito dinâmico do embaixador João Neves da Fontoura, que exerceu por um período tão curto quanto brilhante o cargo de ministro das Relações Exteriores, no próprio ano de sua fundação distribuiu os seus primeiros prêmios, aliás com o mais alto espírito de Justiça. O que fez o IBECC serve para mostrar que o atual governo está dando muito maior apreço à inteligência e aos valores culturais brasileiros do que a ditadura obscurantista do sr. Getúlio Vargas. Este, quando chefe de um governo discricionário, criou um prêmio de literatura, para o conjunto de obra, no valor de cem mil cruzeiros, e outro para o melhor livro publicado no ano, no valor de cinquenta mil cruzeiros. Embora tendo assinado esses decretos-leis em ato público e solene, na Biblioteca Nacional, em presença dos membros da Academia Brasileira de Letras, o sr. Getúlio Vargas jamais abriu os créditos necessários, nem aprovou o regulamento para a concessão dos prêmios. E' que não estava verdadeiramente interessado em coisas de cultura. Se ainda se tratasse de sua biografia...

★

O escritor Alvaro Lins é outro dos premiados de 1946. Um livro de sua autoria, escrito anteriormente, — "Rio Branco", — biografia do nosso grande estadista, que tanto brilho emprestou ao Ministério das Relações Exteriores, foi considerada a obra nacional mais digna do prêmio da Associação Brasileira de Escritores. Esse prêmio fora instituído pelo Sr. Valentim Bouças, por meio de uma doação à ABDE. Não precisamos falar aqui do que é a obra do Sr. Alvaro Lins, nem do êxito que ela alcançou. Porque esse êxito repercutiu por todo o Brasil. Na



Alvaro Lins apareceu com um livro sobre a "História Literária de Eça de Queiroz", agora em segunda edição. Era a revelação de um crítico como poucos haviam surgido no Brasil. O crítico se fez biógrafo, escrevendo um excelente retrato de corpo inteiro do nosso maior chanceler, o barão do Rio Branco. Antes, o barão era mais conhecido pelas anedotas da sua glotoneria, pelas suas peixadas em manga de camisa, do que pelos seus verdadeiros feitos. O livro foi premiado pela ABDE e pela Sociedade Felipe de Oliveira.



Este é o bailarino Carlos Leite. E' gaúcho. Estudava canto e depois de haver terminado o seu curso ginásial veio para o Rio, afim de continuar a preparar sua voz para iniciar-se, mais tarde, na arte lírica. Como tinha respiração curta, o professor aconselhou-o a fazer ginástica ou a dançar. Ingressou nas aulas de Maria Olenewa. Ela não o levou a sério, a princípio, mas depois se entusiasmou com o aluno, que revelava notável talento. Aconselhou-o a deixar o canto. E, em 1940, era ele o solista do bailado "Dança das Horas", na "Gioconda". Nesta temporada do Municipal, dançou apenas com o corpo de baile, o que foi uma pena. E' professor do "Ballet da Juventude".

★

biografia, gênero difícil, o Sr. Alvaro Lins conquistou êxito igual ao que obtivera anteriormente como crítico literário. Para os que porventura ignorem, acrescentamos aqui mais um detalhe curioso a respeito desse ilustre escritor: eram de sua autoria as críticas teatrais do "Correio da Manhã", publicadas sob o nome de Antonio Pedro de Andrade... O livro "Rio Branco", de Alvaro Lins, levantou não apenas um, mais dois prêmios, porque em 1945 já fora distinguido pela Sociedade Felipe de Oliveira, com um prêmio de Cr\$ 5.000,00. Como o da ABDE foi de Cr\$ 25.000,00, premiação, em conjunto, não fica muito a dever aos prêmios do IBECC, agora conferidos pela primeira vez.

★

Ha outros prêmios que, embora não tenham o mínimo valor venal, — mas apenas significação moral, — nem por isso deixam de despertar interesse e até mesmo de susci-

tar protestos, de vaidades feridas... Esses prêmios são os da Associação Brasileira de Críticos Teatrais. Este ano, os premiados foram: atriz senhora Henriette Risner Molineau, por sua atuação em "Frenesi"; ator, sr. Rodolfo Mayer (em segundo escrutínio), pela sua atuação em "Ter-nura"; bailarina, senhora Tamara Capeller, pela sua atuação no Municipal; bailarino, senhor Carlos Leite, pela sua atuação no Municipal; música, maestro Francisco Mignone, pela partitura do "ballet" intitulado "Yara", dado no Municipal e, mais tarde, em Nova York, na Metropolitan Opera House; cenógrafo, Sr. Eros Gonçalves, pelo cenário de "Desejo"; espetáculo musicado "A volta ao mundo", realizado sob a orientação do sr. Chianca de García, no Carlos Gomes, pelos ex-artistas da Urca. Deixou de ser premiada peça de autor nacional, muito embora tivesse vários votos a obra intitulada "Avatar", do escritor Genolino Amado, por ter prevalecido o ponto de vista de que sendo o assunto da peça tomado de um conto de Theophile Gautier, não existia o mérito da originalidade e da criação,



Ai está o cenário de Eros Gonçalves, para a peça "Desejo", de Eugene O'Neill, o mais consistente dos êxitos artísticos do conjunto "Os Comediantes", dirigido por Miroel Silveira, Erutus Pedreira e Santa Rosa. As soluções de Eros Gonçalves foram excelentes, tirando o cenógrafo grande partido das disposições do palco do Ginástico, em cuja boca de cena foi feita uma pequena ladeira, que leva à casa em que se desenrola a maior parte do drama.



multo embora a dialogação, a distribuição dos atos e a dinâmica da peça fossem excelentes. Uma peça brasileira foi, contudo, distinguida num concurso literário, o da Academia Brasileira de Letras: "Vila Rica", de R. Magalhães Junior, que levantou o prêmio Arthur Azevedo. As decisões da Associação Brasileira de Críticos não foram recebidas tranquilamente. Houve protestos, alguns deles desabusados, como o do empresário Luis Iglézias, que queria ver premiada a "estrela" de sua própria companhia, a graciosa atriz Eva Todor, — e que, entre outras coisas, alegou que a senhora Henriette Risher Morineau era "uma atriz que tinha escola" e que, portanto, não devia ser premiada em confronto com as que não tinham... Mas o mesmo o sr. Luis Iglézias acabou entregando os pontos, vencido pela opinião geral de que o prêmio fora dado com inteira justiça. E acabou dando o dito por não dito, numa retratação completa do seu ponto de vista anterior. E, como "all is well when ends well", no dizer de Shakespeare, tudo acabou voltando à santa paz do senhor...

★

E' preciso que se registre, ainda, que a Academia Brasileira de Letras não se limitou a dar aquele prêmio de teatro, de que acima falamos. Deu ainda um prêmio de erudição pelo conjunto de obra, no valor de dez mil cruzeiros, ao poeta Osório Duval; um prêmio de erudição ao professor Raul Briket, de São Paulo, pelo livro "Conferências e Palestras"; o de romance e o de contos à escritora Emy Bulhões de Carvalho, autora dos livros "Oitavo pecado" e "No silêncio da Casa Grande"; o de crítica ao

Aqui está uma cena da peça "Frenesi", na qual aparecem a senhora Henriette Risher Morineau, prêmio de interpretação de 1946, e o ator Alvaro Aguiar. A interpretação da senhora Morineau obteve o voto unânime dos críticos teatrais presentes à sessão de julgamento da ABCT.



Esta é Tamara Capeller. Filha de ucranianos, nascida no Brasil. Estuda dança desde os sete anos de idade. Foi discípula de Maria Olenewa, no Teatro Municipal. Conquistou fama como menina-prodígio. Quando chegou ao Rio Igor Schwesoff, esse coreógrafo descobriu-a entre as moças anônimas do Municipal e valorizou-a, dando-lhe primeiros papéis em vários "ballets". Fez um grande sucesso no Rio e em São Paulo. Principais criações: "Luta Eterna", com música de Schumann; "Sinfides", música de Chopin; "Prelúdios", com música de Liszt. E, acima de tudo, o "Cisne Negro", de Tchaikowsky, que dançou com Nathaniel Stourdenmire.

escritor Josué Montelo; o de estudos de linguagem ao Sr. José da Aparecida Teixeira, pelo seu livro "Estudos de dialetologia Portuguesa — Linguagem de Goiás"; e o de poesia ao Sr. Ruy G. de Almeida, pelo seu livro "A Últi-



R. Magalhães Junior foi o autor premiado pela Academia Brasileira no concurso de teatro. Prêmio Arthur Azevedo. A peça: "Vila Rica". Criação de Jaime Costa e Alma Flora, publicada depois, por Zélio Valverde. É a segunda vez que o autor é premiado no concurso de teatro da Academia e a primeira vez que isso acontece na história dos prêmios literários do Petit Trianon.

ma Elegia" (aliás, semanas depois, o autor morria). Os prêmios da Academia Brasileira de Letras são ainda bastante exíguos, sobretudo em relação à importância nacional da grande instituição, ao volume do seu patrimônio e, ainda, em relação à tremenda inflação dos nossos dias. Sendo, entretanto, o sr. João Neves da Fontoura, — criador dos prêmios do IBECC, — o atual presidente da Academia, os aspirantes aos lauréis que o Petit Trianon anualmente distribui esperam que a Casa de Machado de Assis desaperte os cordões da sua ilustre bolsa e passe a ser um pouco mais generosa...

Outro escritor premiado durante o ano foi o contista Breno Accioly, autor do livro "João Urso", a quem foi conferido o prêmio da Fundação Graça Aranha, de que Raquel de Queiroz e Murilo Mendes foram os primeiros detentores e que coube, mais tarde, a Jorge Amado, Erico Veríssimo e outros.

★

Desse modo, escritores, músicos, cenógrafos, bailarinos, etc., tiveram este ano prêmios que valeram, uns pela sua significação material, como pela significação moral de que se revestiram, outros pela sua simples e pura expressão artística. Tanto mais lamentável é, por isso mesmo, a exceção que prejudicou, injustamente, os nossos pintores e escultores, privados, neste ano de 1946, dos prêmios de viagem ao estrangeiro e ao país, em razão da atitude antipática do sr. Osvaldo Teixeira, diretor do Museu da Escola de Belas Artes, erigido em algos dos seus colegas, e da obstinação do ex-ministro da Educação, sr. Ernesto de Souza Campos, que insistiu em fazer prevalecer, contra a opinião dos artistas e da Congregação da Escola de Belas Artes, um regulamento fascista e injustificável. Ao historarmos os prêmios mais importantes de 1946, não podemos deixar de deplorar essa lacuna, que chega a ser verdadeiramente criminoso.

Este é o maestro Francisco Mignone, antigo colaborador de Oduvaldo Vianna, no filme "Bonequinha de Seda" e na opereta "Mizu", sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e regente já aplaudido nos Estados Unidos, que visitou em 1942. É ele o autor da música do bailado brasileiro "Yara", com libreto de Guilherme de Almeida e cenários de Candido Portinari. "Yara" foi a cena em Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro e Nova York. — na Metropolitan Opera House, — pela companhia de "ballet" do coronel W. De Basil.



Esta é a senhora Henriette Risner Morineau. Veio para o Brasil com uma companhia dramática francesa, de que faziam parte elementos da famosa Comédia. E por aqui ficou, durante os anos dramáticos da guerra. Aprendeu o nosso idioma. Dirigiu um curso dramático em língua francesa na A.B.I. Dirigiu peças para o Teatro das Segundas-Feiras, a convite de Maria Sampaio, e para a Companhia Bibi Ferreira, na qual também representou, com muito êxito, em "Rebeca" e outras peças. Formou companhia própria, substituindo Dulcina e Odilon no Regina, onde estreou sensacionalmente em "Frenesi".



Este é Rodolfo Mayer. Começou no cinema brasileiro. Depois passou para o teatro. Oduvaldo Viana e Procópio Ferreira foram os patronos iniciais de sua carreira. Esteve associado a alguns sucessos do teatro brasileiro, como a peça de Ernani Fornari, "Yayá Boneca", de que foi um dos criadores. Depois de excursionar por todo o Brasil, fixou-se no Rio, para filmar "A Inconfidência Mineira", filme de Carmen Santos, ainda não exibido, ao mesmo tempo que começou uma brilhante carreira na Rádio Nacional. A convite de Maria Sampaio, voltou ao palco, este ano, brilhando em "Luz de Gás", "Perfidia", "Uma mulher sem importância" e, especialmente, em "Ternura", que lhe valeu o prêmio.



O ARQUIVO MUNICIPAL

ESCRAIGNOLLE DORIA

NOS países policados a vida municipalense é antiga, relevante.

Teve-a o Rio de Janeiro, onde tal vida madrugou. Sebastiãopolis possuía vereança ou Senado da Câmara formado pelos "homens bons da cidade" o que supõe escol.

A vereança carioca foi a primeira vez da gente da Guanabara na defesa de seus direitos, de seus interesses de suas meixas.

Desatendidos, os cariocas mandavam as suas reclamações atravessar o oceano pedindo justiça à corôa e à sua suprema instância.

O Senado da Câmara do Rio de Janeiro era presidido por um juiz de fora. Vindo de além-mar pressupunham-se tal magistrado sobranceiro às rixas, às intrigas, às lutas da terra e suas lutas cuprinas.

A vereança carioca, para resguardo de sua documentação, tinha de ter arquivo, mesmo ao Deus dará.

Grande parte do arquivo edil colonial ardeu um incêndio irrompido na alta madrugada de 20 de julho de 1790. Começada em casa de negócio nos baixos do sobrado ocupado pelo Senado da Câmara em prédio do Terreiro do Paço, ora Praça 15, esquina da rua do Mercado. Estava pois a pouca distância do ainda existente Arco do Telles, o dr. Telles Barreto de Menezes dono do prédio do qual inquilino o Senado da Câmara.

O incêndio de 1790 custou a vida ao lojista estabelecido no térreo da Casa da Câmara. Prejudicando futuro, privando vindouros do conhecimento dos primeiros dias do Rio. Na cinza ficou muita história carioca.

Novo dano para esta sobrevivência quando, em 1711, Dugny Trouin saqueando filibustreiramente a cidade lhe saqueou arquivos, embora os invasores de portugueses não soubessem patavina. Prazer de destruir, prazer humano desde a criança.

Era sina do arquivo edil acompanhar o Senado da Câmara. E este mudava muito de sede após o incêndio de 1790. Morou na rua do Ouvidor, no consistório da igreja do Rosário, em prédio desta rua, na rua da Quitanda, afinal numa casa do Campo de Santa Ana, ora praça da República, descansando aí o seu de Herodes para Pilatos.

Diz o povo, o ignaro de sabedoria, que uma só mudança vale por dois incêndios. Faça-se a conta dos incêndios sem fogo do Senado da Câmara, no Segundo Reinado Ilustríssima Câmara. Esta, na casa do Campo, ornando sala de sessões, organizou pequeno museu histórico, complemento natural de todo arquivo. Ficaram no museu reliquias do passado colonial da cidade, a ensinarem história pelos olhos.

O tempo qual a lima, gasta às surdas. Bem o sabem os homens e as casas. A Casa Municipal do Campo arruinou-se, a ponto de impossível dizer-lhe à brasileira: fica para amanhã.

Reconstruindo-se o paço edil no mesmo local, mudou-se mais uma vez a Ilustríssima, presidida pelo comendador Antônio Barroso Pereira.

Instalou-se a Câmara em prédio no Campo, esquina da rua do Conde, agora Frei Caneca.

Em 1882, o engenheiro-arquiteto José

de Magalhães entregou pronto o novo Paço Municipal a Ilustríssima prestada pelo av. José Ferreira, à testa da Câmara até 1888.

Do Campo veio ao Campo, então da Aclamação, o "Arquivo Municipal" dependente da Secretaria da Câmara e tendo por arquivista um amigo do passado, o dr. Pires de Almeida.

Assim foi até vir a República. Quem muda regime tem raiva da véspera. A Ilustríssima passou logo a Intendência, os vereadores e acharam intendentes, o Município Neutro foi Distrito Federal. Ninguém se lembrasse ter havido também o Município da Corte.

Aclamada a fúria nômada, a editidade teve Conselho Municipal. Alojou-se este na antiga Escola Pública da Freguesia de S. José, depois posta abaixo para construção de novo prédio, alcunhado Galoia de Ouro, sem lhe faltar alpinista orgumentária.

O "Arquivo Municipal" permaneceu no paço do Campo da Aclamação, pela República da Proclamação. Em aperta-aperta ficou o Museu do Arquivo em sala de trabalhos burocráticos.

Em sala condigna colocaram o Arquivo, sem maior espaço para sua massa documental, sem a qual impossível historiar o Rio de Janeiro.

Dois arquivos podem explicar o Rio, o da municipalidade e o da Santa Casa

da Misericórdia ambos à mercê de um fustero.

Requerendo em parte o mal imprevidente, um provedor da Santa Casa, Miguel de Carvalho, mandou imprimir velhas atas da Irmandade, interrompida a publicação tão útil para saber Rio de Janeiro.

Um prefeito municipal, Furquim Werneck, autorizou publicação de revista do arquivo edil. Dirigida pelo grande tradicionalista Mello Moraes Filho, a "Revista do Arquivo Municipal" formou volumes, o seu préstimo completado por índices da autoria de Noronha Santos, tanto vale dizer trabalho consciencioso.

A utilidade da "Revista do Arquivo Municipal" é dotada presentemente pelos estudos do professor Everardo Bac Kenser, que com a sua "Geografia Carioca" vai desvendando o Rio de Janeiro e seus recônditos, serviço laborioso a agradecer ao amigo da cidade.

A mingua de Revista ou de Anais, o "Arquivo Municipal" tem logrado, com intermitências, divulgar em publicações avulsas documentos valiosos ou curiosos, ricos de informações a bem dos que estão nos casos de compreender a natureza e os fins de arquivos, que muitos tomam por sinônimos de pó.

A documentação municipal tem tido fardário de judeu errante. Ha pouco acompanhou a sorte da demolição da Prefeit-

tura Municipal a Bem de avenida saharana, sem uma árvore em terra tropical.

Mais feliz que o "Arquivo" salvou-se a tempo a "Biblioteca Municipal" outrora também no palácio municipal. Escondida em casa arboria, na espedagada rua General Câmara, a "Biblioteca Municipal" presta ótimo auxílio aos que precisam estudar e não podem comprar livros a preço de jóias.

O "Arquivo Municipal", repartido, aguarda função em sede definitiva onde possa mostrar o Rio de Janeiro pela voz de sua história na confirmação de seus cronistas.

Provenho exemplos. Aqui está um colírio em "Extratos" do "Arquivo Municipal" coligidos por dedicado funcionário do "Arquivo", Aureliano Restier Gonçalves.

Reuniu ele copiosa documentação sobre a vacinação anti-variolica no Rio de Janeiro, a sua origem, a sua difusão.

A cidade carioca, como todo o Brasil, muito deve ao marquês de Barbacena, propagandista da vacina Jenner. No túmulo do propagandista, no cemitério de S. Francisco Xavier, é mencionado, em honra de Barbacena, o humanitário serviço prestado às populações brasileiras pelo que se chamou "fluido vacínico" tão preventivo.

Outro exemplo dos préstimos do "Arquivo Municipal", que na coleção fotográfica de Augusto Malta bem resguardada tanto subsídio poderia fornecer.

O "Arquivo Municipal" possui muitos livros de registro de "Ordens Régias". No livro 40 de tais ordens, encontra-se registrado o alvará de 2 de outubro de 1704, mencionado como (alvará enfama de Ley).

A qualificação não atrapalha ninguém de hoje. E' só ler decreto-lei em vez do que está escrito no livro 40 registrador do alvará de 1704.

Que ordenou? Que em todo o Estado do Brasil se praticasse com atravessadores de farinha o que em Portugal se praticava com os atravessadores de pão. A ordem já anunciava "doguras" de penalidades.

Os dicionários definem atravessadores, dizendo serem eles quantos "embarração, negócios açambareando mercadorias ou interpondo-se astutamente entre vendedores e compradores".

Quem tenha vivido ou viva depois de 1704 achou ou acha similaridade entre abusos antigos e outros modernos, representados pelas figuras de atravessadores nocivos à vida econômica dos povos, o que o alvará de 1704 compreendia punindo.

Avizava o alvará em termos singelos, mas expressivos ser imprudência zombar das justias d'El Rey, pois tinham à disposição força, podendo desta palavra retirar a cedilha.

Provado quanto os documentos do "Arquivo Municipal" podem dar a conhecer, comparar e refletir, reconheça-se que não só o dinheiro constitui riqueza. O intelecto humano é de epulências. Mostram as instituições de cultura tão devedoras ao passado. Ha encontrá-lo no "Arquivo Municipal" da cidade como o Rio de Janeiro cuja história tanto entende com a história pátria idosa de mais de quatro séculos.

Alexandre José de Mello Moraes Filho — (Bahia 1842 - Rio de Janeiro 1919)





ALBERTO MADEIRA nasceu em Garanhuns, Pernambuco. Passou a infância em Maceió. Vindo para o Rio, depois de formado em direito, ingressou no nosso "broadcasting" como locutor da Rádio Jornal do Brasil. Dessa emissora transferiu-se para a Tupi, exercendo as funções de narrador de rádio-teatro, além de ser organizador de programas da Rádio Roquete Pinto. Também foi locutor da extinta "Hora do Brasil", durante o governo Lulhares. Casado com D. Simone Virmond Madeira, tem duas filhas, Denise e Rejane. Alberto Madeira gosta dos filmes que tragam lições para a vida real, sem muita dramatização, e que percam certos convencionalismos imperdoáveis. Quanto ao rádio acha que embora já conte com vários programas interessantes, ainda necessita de modificações básicas. Apreciador da leitura, seus autores prediletos são Eça de Queiroz, Aldous Huxley e Roger Martin du Gard. "Acha" que "desde a mesa até os problemas sentimentais, as coisas devem ser feitas com senso e que não adianta gozar prazeres sensuais passageiros e depois sofrer consequências desastrosas. Por isso aconselha: "regime vegetariano e pouco romance". Dotado de absoluto senso prático, encontra solução para tudo. Daí sua cotação na "emissora associada", onde é responsável pela cenoplastia de todas as novelas ali irradiadas. Muito ligado à família, preocupa-se em garantir o futuro dos seus, não poupando esforços para atingir esse objetivo. Gênio folgazão, Alberto Madeira tem sempre um caso pitoresco para divertir os colegas, sendo raro aborrecer-se. No momento, ele está com seu contrato prestes a terminar na PRG-3.

DILU MELO nasceu a vinte e cinco de setembro de 1918, em Viana, Estado do Maranhão. Com quatro anos de idade começou a estudar violino e aos nove compunha sua primeira valsa, "Heloisa", em homenagem a uma irmã. Aos dez, escreveu "Alvorada do Soldado", cujo sucesso tem sido dos mais apreciáveis. Seu ingresso no "broadcasting" carioca deve-se a um recital de canto no "Studio Nicolas", em que estava presente o maestro Martinez Grau, então diretor da Cruzeiro do Sul. Entusiasmado com sua voz, convidou-a para ingressar na PRD-2, com os vencimentos de quatrocentos cruzeiros mensais, convite esse aceito sem delongas. Daí, passou para a Rádio Nacional e desta para várias outras e, por fim, para a Globo, onde se encontra. Dilu Melo, cujo nome verdadeiro é Maria de Lourdes, já cantou em quase todas as emissoras brasileiras, além de haver se apresentado em Buenos Aires, na "Rádio El Mundo", e nas províncias de Tucumán, Córdoba e Concordia. Autora de inúmeras composições de sucesso, tem prontas para lançar "Minha velha gaita" e "Meu cavalo trotador", esta gravada pelos "Trigêmeos vocalistas" e em parceria com Ademar Pimenta. Seus divertimentos prediletos, são o cinema e o teatro, afora o futebol. Das suas composições, as que mais resultado financeiro lhe tem dado, são "Roleta de cana" e "Alvorada do Soldado", mas sua preferência recai na canção "Acalento", cujo poema é de Lygia Menezes. No rádio, Dilu gosta da voz de Francisco Alves, de Orlando Silva, Silvio Caldas e Dircinha Batista. E' também apreciadora dos espetáculos de rádio-teatro, e dentre em breve irá a Pernambuco inaugurar as novas instalações da emissora de lá.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS



VIOLETA CAVALCANTE é amazonense. Nasceu em Manaus, veio ainda muito criança para o Rio, iniciando aqui os seus estudos. E nos fins de 1938, atraída pelo microfone, inscreveu-se no programa "Raio K em busca de talento", transmitido pela Rádio Nacional, no qual logrou vantajosa colocação. Tempos depois conseguiu aprevel contrato na Rádio Tupi, onde permaneceu durante cinco meses. Daí, transferiu-se para a Educadora. Mais tarde ingressou na Ipanema, até que uma nova proposta da PRE-6 a fez voltar ao ninho antigo. No momento, a popular intérprete de sambas e marchas está em entendimentos com a Rádio Club do Brasil. Violeta Cavalcante adora crianças, distraíndo-se muito ao jogar peteca com seus pequeninos amiguinhos. Quando lhe sobra um tempinho, pega das agulhas e vai fazer tricô, sendo perita na execução de sapatinhos e toucas. Também aprecia os bons livros, selecionando autores como André Maurois, Louis Bromfield, John Steinbeck, Manuel Bandeira e J. G. de Araújo Jorge. Prática a natação e adora os banhos de sol, razão de sua tez queimada. Dentre as melodias que gravou, pretere o "Pulo de gato", de J. Cascata e Cerreia da Silva, que, aliás, foi seu primeiro disco. A popular cantora é "fan" de muitos dos seus colegas de rádio e gosta de ouvir novelas, preocupando-se com o final das mesmas. Também aprecia um bom filme, recaiando sua preferência nos celuloides de Bette Davis, Greer Garson, Ingrid Bergman, Clark Gable e Charles Boyer. E' francamente das histórias em quadrinhos, sendo louca pelas aventuras de Flash Gordon e do Bruce. Solteirinha da Silva, Violeta Cavalcante aguarda ainda o seu príncipe encantado.

FRANCISCO IGNACIO DO AMARAL GURGEL, novelista, rádio-ator, compositor e teatrólogo, nasceu a vinte e quatro de janeiro de 1910, contando, portanto, trinta e seis anos. E' natural de Araraquara, no Estado de São Paulo, sendo filho de Luiz Ignácio do Amaral Gurgel e de dona Sebastiana Machado Gurgel. Antes de ser descoberto pelo locutor Celso Guimarães, exercia modestas funções numa ferrovia paulista, além de ser o "faz-tudo" numa pequena emissora bandeirante. Nesse período logrou obter o primeiro prêmio num concurso lançado pelo Departamento de Cultura de São Paulo, com a peça "Terra bendita", mais tarde publicada em volume. Trazido para o Rio, por Celso Guimarães, ingressou no quadro redatorial da PRE-8, redigindo textos comerciais e colaborando nos espetáculos do "Teatro em Casa". Mais tarde passou a se dedicar exclusivamente ao rádio-teatro, escrevendo inúmeras peças, entre as quais "Trapeiros volantes", "Os transviados", "Eduardo segundo". Das peças passou para as novelas, sendo autor de "O passado não volta", "Ternura", "Garôa" e outras tantas. Quando do lançamento da Rádio Globo, Amaral Gurgel foi chamado a dirigir seu elenco de rádio-teatro, posto esse que desempenha até hoje, independente de elaborar outros programas. Para o teatro escreveu alguns originais, inclusive o "O décimo terceiro mandamento", encenado pela Companhia Jaime Costa, e "O Pão Duro", "Gente honesta", — também filmada pela Atlântida, — para Procópio Ferreira. Escreveu ainda a canção "Ternura", que Lirio Panicali musicou e Francisco Alves gravou. Amaral Gurgel gosta da cor verde e fuma excessivamente.

INVASÃO

Conto de AUREA LEMOS

O dia em que fiquei noivo de Marcia foi um dos mais felizes da minha vida. Conhecí-a em Copacabana, ora dourando-se aos quentes raios do sol, ora passeando, em trajes de esporte, na companhia da irmã ou de um grupo de amiguinhas. Fiquei encantado pela sua beleza e pela sua juventude. Era clara, tipo "mignon" com uma linda cabeleira loura e doces olhos azues, sempre muito alegre como se na vida tudo lhe saísse a contento.

A princípio ignorava a minha presença e parecia não notar os olhares apaixonados que eu lhe lançava, sempre que a encontrava à hora do banho de mar.

Já estava desanimado de conseguir chamar a atenção da moça, praticando acrobacias na areia ou aventurando-me muito longe, em nado de estilo, quando um feliz acaso nos aproximou. Fora convidado, dias antes, para um "cock-tail" no apartamento de um amigo, meu colega de faculdade e que desejava festejar o seu 28º aniversário reunindo algumas pessoas de suas relações para uma festa íntima. Não pretendia comparecer à reunião. Era minha intenção enviar-lhe um telegrama de cumprimentos e excusas. No dia da festa, porém, consultando o meu caderno de apontamentos, noite que não havia organizado programa para aquela tarde: nem cinema, nem teatro, nem encontro com amigos. Naquela época eu era estudante de medicina e apesar de já ter completado 25 anos vivia ainda às expensas de meu pai, satisfeito com a gorda mesada que ele me dava e sem ter a menor intenção de procurar trabalho. A falta de que fazer, resolvi aceitar o convite de Roberto e um tanto desanimado, segui para o seu apartamento no 8º andar de um luxuoso edifício da Avenida Atlântica.

Depois de cumprimentar os pais de Roberto, dirigi-me à sala onde encontrei grande número de pessoas, principalmente rapazes e moças — das relações do meu amigo. Conversava com um grupo de colegas da faculdade quando divisei a um canto, bebericando um "cock-tail", Marcia, na companhia de um rapaz e da irmã. Sem demora pedi a Roberto que me apresentasse à moça.

Ao apertar-lhe a mãozinha, com um sorriso malicioso, Marcia observou:

— Parece-me que já nos conhecemos. Da praia, creio eu.

Não pude conter a minha satisfação ao notar que a muda adoração com que eu a cercava não lhe tinha passado despercebida. Para atenuar o meu embaraço, convidei-a a dançar um "fox-blue" dolente que, naquele momento, se fazia ouvir na vitrola automática. Nada como um "fox-blue" para exprimir, sem palavras, todo o calor de um sentimento. A doce harmonia da música, a proximidade da mulher amada, sua face e seus cabelos acariciando-me de leve o rosto, tudo isto perturbou-me a tal ponto que ali mesmo confessei a Marcia o meu amor e

a grande admiração que lhe votava há tanto tempo. Ela ouviu-me com uma expressão brejeira nos olhos; não me encorajou, mas também não me tirou as esperanças. Continuamos dançando quase a noite inteira e, ao despedir-me, acedeu em encontrar-se comigo para um lanche, no dia seguinte, com a condição de levar a irmã para lhe fazer companhia.

Quando encontrei Marcia à hora combinada, ela pareceu-me mais linda que nunca. Trajava elegante vestido de "jersey" azul-turquesa que realçava a cor de seus olhos e o seu corpo jovem e bem feito. Acompanhava-a Helena, sua irmã, moça simpática e agradável, que manteve uma atitude discreta enquanto durou a nossa entrevista.

Depois desse encontro na casa de chá, estive diversas vezes com Marcia, ora nos cinemas, ora na praia e, finalmente, em sua própria casa, quando pedi permissão para ser apresentado a seus pais. Dias depois ficamos noivos e então passei a frequentar com regularidade a sua residência desfrutando as delícias de um noivado calmo e burguês, sob as vistas atenciosas de D. Clara, minha futura sogra. Marcia morava na companhia dos pais, de uma tia velha, D. Ismenia e de sua irmã Helena, a quem já conhecia desde o início do nosso namoro.

Achava Helena bastante simpática, mas um tanto enigmática. Quase nunca me dirigia a palavra e quando se via obrigada a fazê-lo, era de uma maneira tão impessoal, tão excessivamente correta e convencional, que um dia não me contive e perguntei à minha noiva a razão daquela procedimento.

— Nada vejo de estranho na atitude de Helena, respondeu-me Marcia. Acho que você está exagerando. Pode ocorrer, sim, que ela sinta um pouco de ciúme de você, que lhe roubou em parte a minha amizade.

— Não sabia que Helena era um verdadeiro Otelo de saias, respondi sorrindo. Cuidarei em não externar, na sua presença, o meu excessivo amor por você.

Uma tarde, como de costume, fui a casa de Marcia. Cheguei porém, um pouco antes da hora e como Marcia não estivesse pronta, Helena sentou-se ao meu lado, na sala, e iniciamos uma conversa banal. Até então não tinha notado a beleza da moça, seus gestos graciosos e o estranho brilho de seus olhos negros e amendoados. A revelação súbita da beleza de Helena, deixou-me perturbado e, totalmente, deixei morrer a palestra que havíamos iniciado. Repentino mal-estar apoderou-se de mim. Não conseguia desviar os olhos de Helena. Achava-a linda, linda. A mesma beleza de Marcia, os mesmos gestos, o mesmo sorriso. Ela era a reprodução exata da irmã. Era como se um pintor houvesse pintado um quadro e, súbitamente resolvesse atenuar as suas nuances, sombrear certos detalhes para dar maior relevo a outros. Assim era Helena em relação a Marcia: uma reprodução em cores diferentes, mas não menos encantadoras.

A entrada de D. Ismenia veio interromper as minhas divagações.

— Chegou cedo hoje, Jorge. Mas acho que sua noiva não tarda a aparecer. Faltava quase pronta.

Marcia chegou logo depois. Beijou a tia Ismenia e sentou-se nos fundos do sofá. Helena desculpou-se e saiu da sala. Iniciei o meu noivado a três, pois D. Ismenia não dava sinais de querer deixar-nos a sós. Entretanto, e ao contrário do que sempre ocorria, dei graças a Deus de que a tia de Marcia nos fizesse companhia naquela tarde. Não me sentia a vontade com minha noiva. Estranho sentimento de remorso e de culpa apoderou-se de mim. Entretanto sentia que amava Marcia verdadeiramente.

Em casa, refleti naquela estranha ocorrência; lembrei certas atitudes de Helena, o seu acanhamento quando na minha presença, o leve rubor que lhe coloria as faces sempre que eu lhe dirigia a palavra. Liquei esses a outros fatos e concluí que Helena me amava. A princípio fiquei aturdido, quis negar a mim mesmo a evidência desse fato, mas não pude escapar à realidade daquela situação. Sim, Helena me amava e, o que é pior, eu correspondia àquele sentimento, embora sem o perceber. Como explicar, porém, a profunda adoração que eu votava à minha noiva? A ternura sem limites que meu coração guardava só para ela? A alegria que me proporcionava a sua presença? Era possível um homem amar duas mulheres ao mesmo tempo, dedicando a cada uma delas igual carinho? Essas e outras perguntas eu as fazia a mim mesmo e não conseguia obter uma resposta que me satisfizesse. O dia já ia nascendo quando fui deitar-me, atormentado com aqueles acontecimentos para os quais não conseguia uma explicação. Rolei no leito, de um lado para o outro, sem conseguir conciliar o sono. Finalmente, sentei-me numa poltrona e acendi um cigarro tentando pôr em ordem os meus pensamentos e os meus sentimentos. Aos poucos fui compreendendo o que se passava no meu íntimo, sem que, entretanto, diminuísse a angústia que sentia pesar sobre o meu coração. Procurei um remédio para aquele mal, mas não o encontrei. Resolvi, então, apressar o meu casamento, que estava marcado para o fim do ano. Naquela tarde falei à Marcia sobre isso e fixamos a data do nosso casamento para prazo mais curto. Pensava que, desta forma, poria um ponto final àquela situação e que, uma vez casado, a imagem de Helena desapareceria para sempre do meu espírito. Assim pensando, dei-me a adormecer, já mais tranquilo.

Três meses mais tarde, casei-me e desfrutei momentos de verdadeira ventura, a sós com Marcia no pequeno apartamento que alugamos, nas proximidades da casa de seus pais.

Nos primeiros tempos, raramente via Helena, pois quando não saíamos de casa, nem mesmo para visitar a família de minha mulher. Passado, porém, aquele breve período de lua de mel, Marcia insistia em ver os pais alegando sentir muita falta deles e da irmã e obrigava-me a acompanhá-la naquelas prolongadas visitas. Quase não via Helena, pois a moça esquivava-se prudentemente, mas as suas raras aparições constituíam um tormento para mim, pois reviviam em meu espírito todo aquele antigo afeto que eu lhe dedicava.

E assim a vida seguiu o seu curso, mas meu coração não mais possuía paz. Quando eu beijava Marcia, era a Helena que eu beijava; cada traço de seu rosto, cada gesto seu era a exata reprodução de sua irmã.

Compreendi que seria um eterno prisioneiro do encanto daquelas duas mulheres, sem jamais decidir-me por uma delas. E assim tomei uma decisão profundamente egoísta, mas a única capaz de pôr um fim àquela situação: evadir-me, fugir, abandonar tudo e procurar a paz perdida em outro lugar. Deixei uma carta para Marcia onde lhe pedia perdão daquele gesto e lhe assegurava o meu profundo amor. Nada expliquei sobre o meu procedimento. Julguei que só assim poderia atenuar todo o mal que havia causado a Marcia e poupar a Helena a constante tortura da minha presença.



Zalvar 946

A VIDA DE VOLTAIRE

(François Marie Arouet — 1694 - 1778)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

VOLTAIRE foi o jogral na corte dos filósofos-reis do mundo. Começou com uma piada. Nasceu semi-morto, e a parteira teve de dar-lhe palmadas para que vivesse. Não lhe davam mais do que quatro dias de vida, mas ele enganou a todos e viveu oitenta e quatro anos. E acabou com uma piada. Quando jazia em seu leito de morte chegou-se um padre para ouvi-lo em confissão. Perguntou-lhe Voltaire: "Quem foi que o mandou aqui, Monsieur l'Abbé?" "O próprio Deus, Monsieur Voltaire", replicou o padre. "Ah, meu caro senhor", retorquiu Voltaire, "e onde estão as suas credenciais?"

Durante mais de meio século empenhou-se, Voltaire, em espedaçar com o riso as pretensões e hipocrisias do mundo. Rasgando os véus da diplomacia que recobriam as instituições políticas e sociais de seu tempo, deixou exposta — a amarga verdade. "Rio-me", dizia, "para não enlouquecer".

★

Toda a sua vida foi um paradoxo. Embora desprezasse a humanidade, gostava, enormemente, dos homens. Ridicularizou o clero e dedicou um de seus livros ao Papa. Escarneceu a realeza e aceitou uma pensão do Rei Frederico, o Grande. Odiava a hipocrisia e era hipócrita em sua atitude para com os judeus. Motejava da vaidade das riquezas e adquiriu vasta fortuna (por processos que nem sempre foram honestos). Não cria em Deus e, durante toda a vida, procurou encontrá-Lo. Não tinha respeito pela religião e criou uma nova religião do riso. Quando se deixava dominar pela cólera chegava a ser cruel como um tigre. No entanto, quando se lhe espiavam as simpatias, especialmente à vista da injustiça, punha de lado o próprio interesse e mergulhava durante anos a fio na perigosa tarefa de acudir o fraco contra o forte.

Magro como um esqueleto, o nariz comprido, marcado de varicela, os olhos que pareciam contas de vidro, a expressão sarcástica, era talvez o homem mais feio de Paris, e o mais popular. As mulheres o idolatravam. Doentio durante toda a sua vida, era um verdadeiro dinamismo de energia. Uma vez, num ensaio de uma peça "Mérope", procurou mostrar a uma atriz como fazer para adquirir maior vivacidade de movimentos. "Para representar como exigis", queixou-se ela, "era preciso que eu tivesse o diabo dentro de mim". "Exatamente", retorquiu Voltaire. "E' preciso que a gente tenha o diabo no corpo para triunfar em qualquer uma das artes".

Este foi o segredo de seu triunfo. "Voltaire avait le diable au corps", como observou Saint-Beuve. Realmente, Voltaire era uma combinação do diabo, Aristófanes e Rabelais — com não pouco, também, de S. Francisco.

Era, seu pai, um jansenista o que, em si mesmo, constituía um paradoxo. Pois o jansenismo era uma seita de "católicos protestantes". Protestavam contra o rigor dogmático da Igreja estabelecida e insistiam sobre um estudo e uma interpretação pessoal, da Bíblia. Como os puritanos de Inglaterra, desprezavam os prazeres terrenos e pregavam uma doutrina extra-terrena. Consistia a sua tarefa, na palavra de um de seus piedosos historiadores, "em despovoar a terra e levar novos cidadãos para o céu".

Foi essa a atmosfera em que Voltaire — cujo nome verdadeiro era François Marie Arouet — passou os seus primeiros anos. Perdera a mãe em sua primeira infância. Impôs-lhe o pai a sua doutrina de misticismo abstrato com tamanho vigor que Voltaire cresceu com uma sede rebelde de realidade concreta. Odiava cordialmente o jansenismo.

Mas cresceu com outro ódio também —

ódio contra a perseguição aos jansenistas. Contra qualquer gênero de perseguição. Desprezar uma idéia era uma coisa. Punir pessoas por "professarem" essa idéia, era coisa completamente diversa. Voltaire tinha 15 anos quando Luiz XIV destruiu o colégio jansenista de Port Royal e ordenou que uma charrua passasse pelo cemitério "dos seus santos mortos". Voltaire não se agradava dos santos mas indignavam-no os pecadores que os oprimiam. Descobriu agora o seu papel na vida. Devotou-lhe a perseguição dos perseguidores. Tratar-se-ia um soldado da pena.

O pai, contudo, além de jansenista, era um advogado forense — outro dos estranhos paradoxos dessa estranha família. Tentou persuadir o filho de ser um escritor. "Uma carreira literária", dizia, "é inútil. Leva, apenas, a morrer à fome". Mandou Voltaire para uma Escola de Direito imediatamente após ao seu bacharelato (aos dezesseis anos de idade) no Colégio Jesuíta de Louis le Grand. Voltaire negligenciou os estudos jurídicos e consagrou o tempo à poesia, ao jogo e ao amor. O pai, num derradeiro esforço para devolver o bom senso ao filho, conseguiu empregá-lo a serviço do Marquês de Saint-Ange. Esse, veterano político, conhecia "bem", todas as pessoas tendo entrada no Palácio de Louis XIV — entrada pela porta dos fundos, por assim dizer. Jactava-se de conhecer intimamente toda a vida, pública e privada, do ilustre Rei Sol. Folgava tagarelar acerca das discreções e indiscreções de seu Real senhor — e, à medida que ele tagarelava, Voltaire tomava notas e estabelecia os fundamentos de sua futura obra histórica.

Aconselhou, o Marquês, ao jovem protegido que tivesse cuidado ao abrir caminho através das ambições, rivalidades e invejas da Corte, e decidiu resguardar Voltaire de qualquer interferência exterior. Mas foi incapaz de defendê-lo contra uma coisa — a língua afiada de Voltaire. Louis XIV acabava de morrer (1715) e o regente, Felipe de Orleans, tornou-se o alvo de todo o cinismo reprimido durante o reino opressivo do Rei Sol. Voltaire, aderindo à brincadeira, escreveu um libelo difamatório contra o regente e foi recompensado com uma estada de onze meses na Bastilha.

Foi durante essa sentença de prisão que adotou o pseudônimo Voltaire e deu à luz a primeira de suas obras literárias — um poema épico sobre a vida do Rei Henrique de Navarra.

A sua sentença de prisão foi seguida de ulterior punição, um ano de exílio fora de Paris. Durante o exílio, escreveu a sua primeira tragédia, "Édipo". Essa peça ficou no cartaz durante 45 noites, record que nem sequer lograram as tragédias de Corneille e de Racine. Um êxito chama outro. O regente não só perdoou Voltaire mas também deu-lhe uma medalha e uma pensão em reconhecimento ao seu talento dramático. Voltaire agradeceu ao regente o interesse pelo seu sustento e pediu-lhe que, a partir desse momento, não mais se preocupasse com sua moradia. Ele preferia a ausência de conforto de seu lar, dizia, aos "confortos" da Bastilha.

Seguiu-se a "Édipo" um certo número de tragédias que alcançaram êxito e lhe proporcionaram boa soma de dinheiro. Esse dinheiro empregou-o ele com o talento — e a sorte — de um corretor de Wall Street. Certa vez, como o governo organizasse uma loteria, superou em astúcia os organizadores, comprou por atacado todos os bilhetes e ganhou todos os prêmios.

Novas peças, novos triunfos, novos lucros — e depois viu-se de novo na Bastilha. Eis como isso ocorreu. Certa noite na ópera, enquanto entretinha um grupo de amigos com o seu espírito costumei-

ro, aproximou-se dele um aristocrata e perguntou insultuosamente, "Arouet, Voltaire, qual é o seu verdadeiro nome?" O interpelador era o Chevalier de Rohan, portador de um dos mais nobres nomes de França mas que, pessoalmente, nada fizera para o distinguir. Voltaire fitou os olhos no Chevalier e voltou à sua conversação sem responder. Rohan, entretanto, não se deu por vencido. "Ouviu o que lhe perguntei?" gritou, insolente. "Quero saber o seu nome!" Desta feita respondeu Voltaire com presteza: "O nome que trago, meu senhor, é obscuro. Mas "eu", ao menos honrei-o".

Corando, o Chevalier de Rohan voltou-lhe as costas e afastou-se. Na noite seguinte foi Voltaire atacado e severamente espancado por um bando de criminosos assalariados por Rohan. Voltaire desafiou Rohan para um duelo; mas este temendo que a espada do rival fosse tão pronta quanto a sua língua, apelou para a proteção do chefe de polícia, que, por sinal, era seu primo. Voltaire foi preso e mandado para a Bastilha pela sua "fala aleivosa e procedimento desregrado".

Ao deixar a Bastilha (1726) abandonou Paris com os seus títulos e capangas e recolheu-se à Inglaterra. Chegou a Londres no dia do aniversário do Rei, celebrado com uma festa aquática no Tâmisa. A nave real, acompanhada por uma banda de música, passou, processionadamente, rio abaixo entre "seis milhas de navios com as velas pandas". Comoveu-se Voltaire, ante o espetáculo de "uma ilha livre empoleirada sobre o limiar de um continente escravizado". O seu gênio receptivo encontrou-se perfeitamente à vontade no novo ambiente. Aprendeu a língua inglesa com a habitual facilidade. Um ano depois dominava-lhe toda a literatura — à exceção de Shakespeare. O ridículo filósofo francês nunca foi capaz de compreender o espírito inglês no que este possuía de melhor, assim como os sérios filósofos ingleses nunca foram capazes de compreender o que possuía de melhor o espírito francês. Voltaire considerava Shakespeare como um selvagem e Carlyle revidou, um século depois, chamando de louco a Voltaire.

Mas se a Voltaire não foi dado apreciar o maior inglês do passado, encontrou muitos espíritos congeniais entre os ingleses de seu tempo. Agradou-se da liberdade dos pensamentos deles e da coragem com que os expressavam. Conheceu os Quakers, e admirou-lhes a tentativa

de "converter ao cristianismo os países cristãos". Pensou até em fixar na Inglaterra a sua residência. "Neste país", escreveu a um amigo parisiense, "é possível a gente fazer uso do espírito livremente sem receio de se quebrar. Se eu sentisse a minha própria inclinação, ficaria aqui apenas para aprender a pensar".

De fato, chegou, verdadeiramente, a "pensar em inglês". Adquiriu um fundo de quadro científico para as suas especulações filosóficas; entusiasmou-se pelo governo constitucional em contraposição com a monarquia absoluta; e, debaixo da influência de Jonathan Swift, transformou-se de adolescente cinico em satirista maduro.

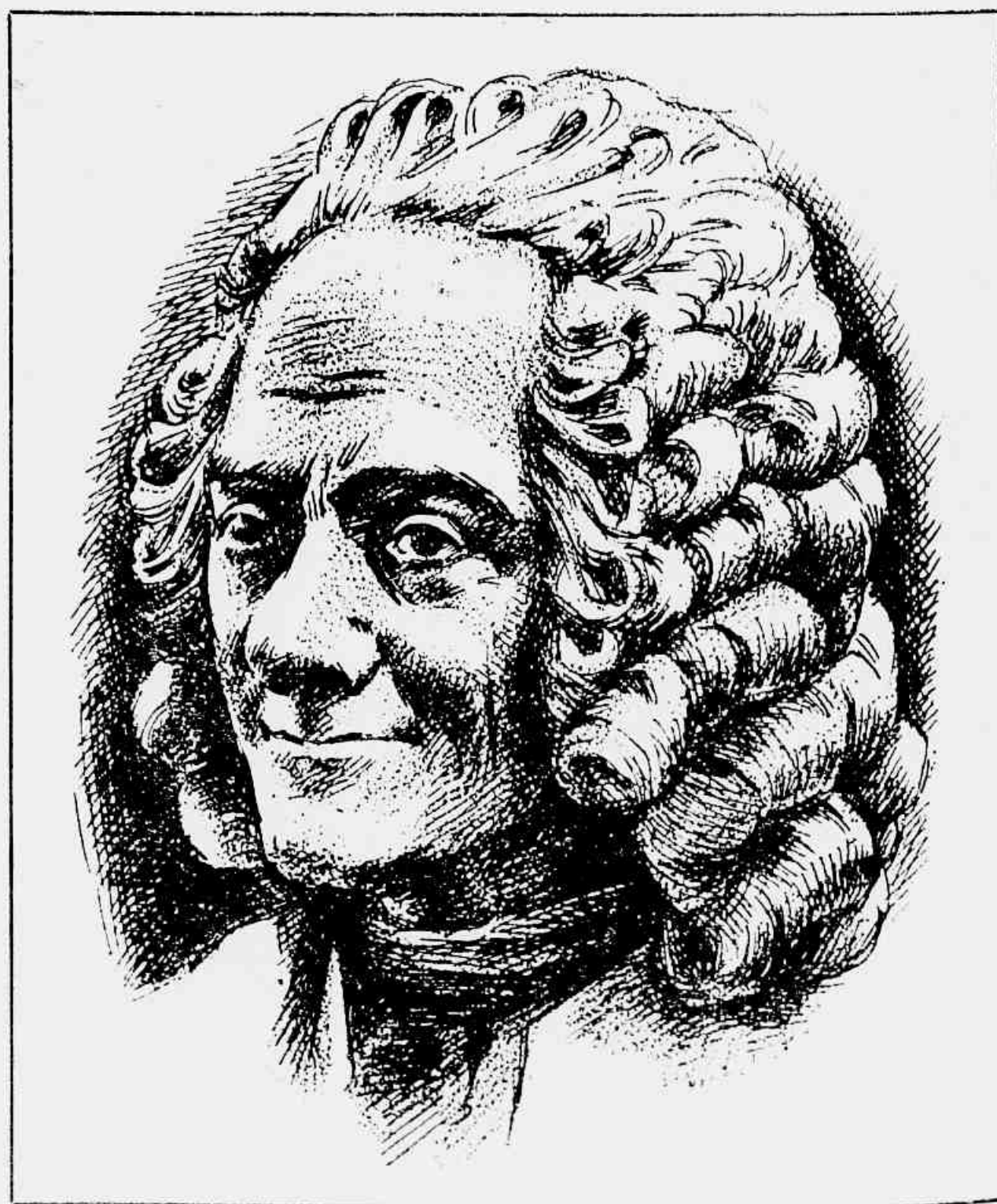
Deve ter sido uma festa para os deuses, ouvir os dois maiores satiristas do século empenhados num duelo de línguas. Um dos romances mais encantadores de Voltaire, o seu "Micromégas" (O grande pequeninho) foi inspirado pelas "Viagens de Gulliver". Faltava, a Voltaire, a pungência amarga da sátira de Swift — a sua pena fazia cócegas ao passo que a de Swift acutilava — mas tinha maior riqueza de imaginação. Mofa, o livro, de nossa vaidade em cremos que desempenhamos parte importante no esquema das coisas. Micromégas, um habitante de Sirius que mede, de altura meio milhão de pés, encontra-se com um habitante de Saturno, minúsculo sujeitinho que tem apenas mil e quinhentos pés de altura. Juntos, decidem viajar pelos campos do espaço. Casara-se, recentemente, o habitante de Saturno e sua esposa não quer deixá-lo parti depois de bravíssima lua-de-mel que durara, apenas, duzentos anos. Consola-a, porém, o marido, assegurando-lhe que breve voltará. Atiram-se os dois amigos à cauda de um cometa e põem-se a navegar entre as estrelas.

Abicam, finalmente — entre todos os lugares! — no insignificante grãozinho de pó, conhecido como Terra.

Atravessando o Mediterrâneo, que para eles não é mais do que um charco, toparam, por acaso, com um navio que tornava, trazendo a seu bordo um grupo de filósofos, de uma expedição polar. Esse navio é para o habitante de Sirius tão pequeno que não pode vê-lo sem o microscópio. Tira-o do Oceano e coloca-o sobre uma de suas unhas afim de examiná-lo melhor. Fica espantadíssimo, depois de observar o navio por algum tem-

(Continua na pag. 53)

VOLTAIRE





Félix de Vandenesse (ou Balzac aos 20 anos).

O ESTATUARIO DE BALZAC

Por PAULO RÔNAI
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

clamá-lo vencedor; publicou até, a respeito dele, uma bibliografia mais cheia de paixão do que um volume de versos de amor.

Na França, que talvez seja o país mais letrado do mundo, o culto de certas obras e de certos escritores é fenômeno muito frequente. Há especialistas de Molière e de Montaigne, de Rabelais e de Racine, de La Fontaine e de Voltaire, de Flaubert e de Proust; os dois autores, porém, cujas obras suscitaram o maior número de admirações fanáticas, são decerto Stendhal e Balzac.

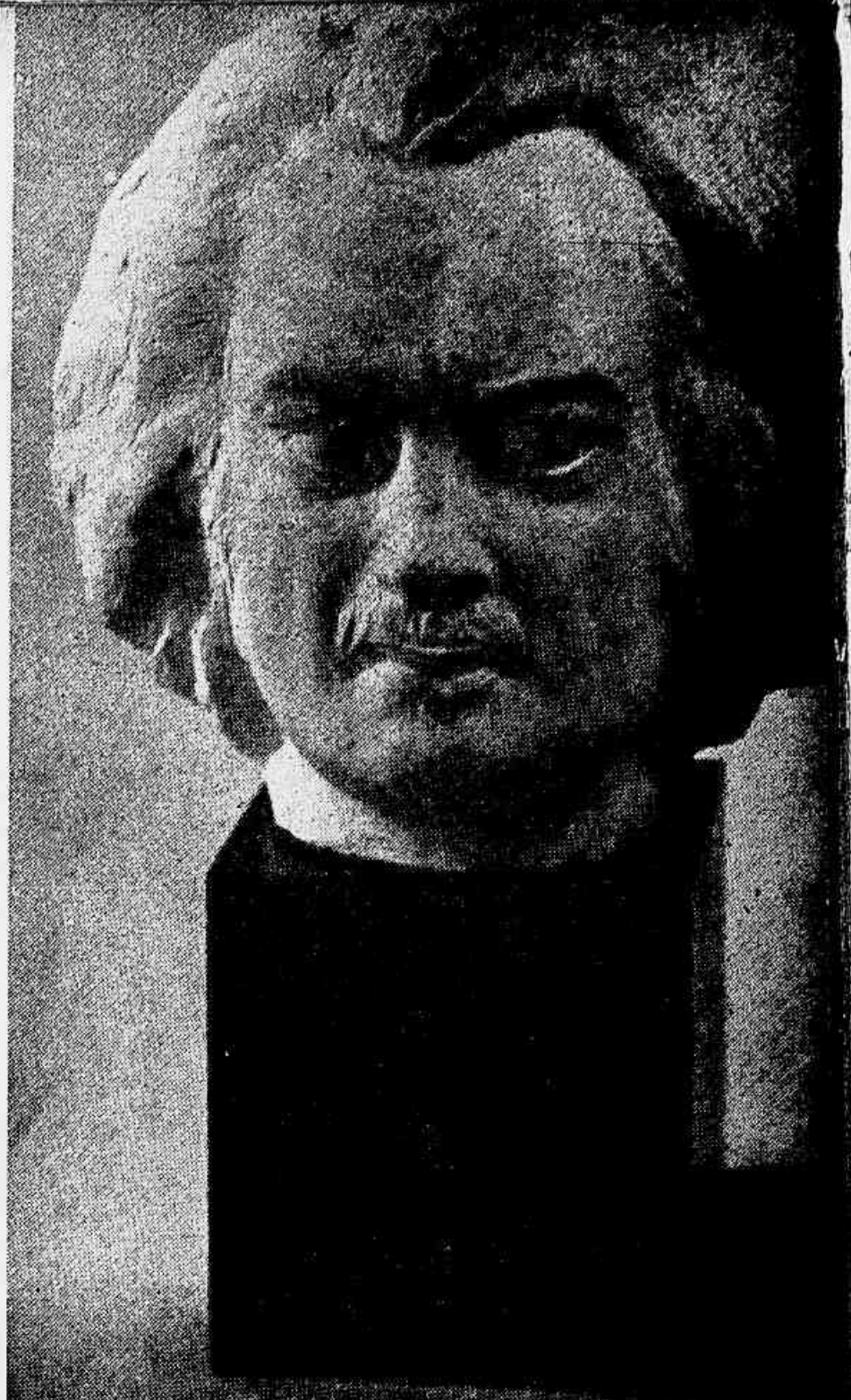
Li, há pouco, um interessante artigo francês sobre stendhalianos e balzaquianos. O autor assinala que os primeiros se empenham sobretudo em resolver algum dos inúmeros enigmas da "vida" de Stendhal; os últimos se preocupam quase sempre em decifrar algum problema da "obra" de Balzac.

Compreende-se: Stendhal interessava-se antes de tudo pelo homem como indivíduo e passou a vida toda a analisar-se a si mesmo, não apenas em seus diários, como também nas personagens de seus livros, em Julien Sorel como em Henri Brulard, e assim, conhecemos Stendhal o homem, chega-se a compreender melhor a sua obra inteira. Mas o que preocupava Balzac, acima de tudo era o homem em suas relações com a sociedade. Embora ele também tenha uma que outra personagem autobiográfica na imensa multidão de figuras da sua "Comédia Humana", a grande maioria dessas personagens são criações objetivas. Eis porque os amigos de Balzac estudam, mais que a vida de Balzac, a sua obra, procurando determinar em que medida esta última reflete a sociedade, os tipos, os costumes, a essência indefinível da época.

Houve um jurista que nela verificou os pormenores relativos à jurisprudência e ficou espantado com a sua exatidão; um contador que devassou a escrita da falência de Cesar Birotteau e achou-a em perfeita ordem; um médico que examinou os doentes de Balzac, e depois atestou a excelência das nosografias e dos diagnósticos do romancista.

Houve também quem se pusesse a inquirir a exatidão dos retratos físicos de Balzac. Todos os seus leitores se lembram da excessiva minúcia de tais retratos, que chega às vezes a cansar o leitor impaciente e apressado de nossos dias. Mas quem possui a agudeza de um observador ou a imaginação de um artista, pode-se divertir a reconstruir mentalmente a aparência exterior dos heróis balzaquianos.

Aconteceu que o escultor francês Pierre Ripert, que possui ambas, ficou tão impressionado com o mundo da "Comédia Humana" que operou essa reconstrução não apenas mentalmente, porém com o cinzel na mão. Depois de se ter integrado completamente na obra balzaquiana, entrou a reviver no bronze, no gesso e em terracota as personagens mais representativas de Balzac. Para executar esse trabalho com êxito que ele conseguiu, era indispensável uma leitura atenta de todos os trechos em que aparece a personagem escolhida, a fim de neles catar os pormenores significativos; ao esculpir a figura do presidente Cruchot de Bonfon, aquele que desposaria Eugénia Grandet, o escultor tinha em mente que este "se as-



Z. Marcas (ou Balzac aos 33 anos).

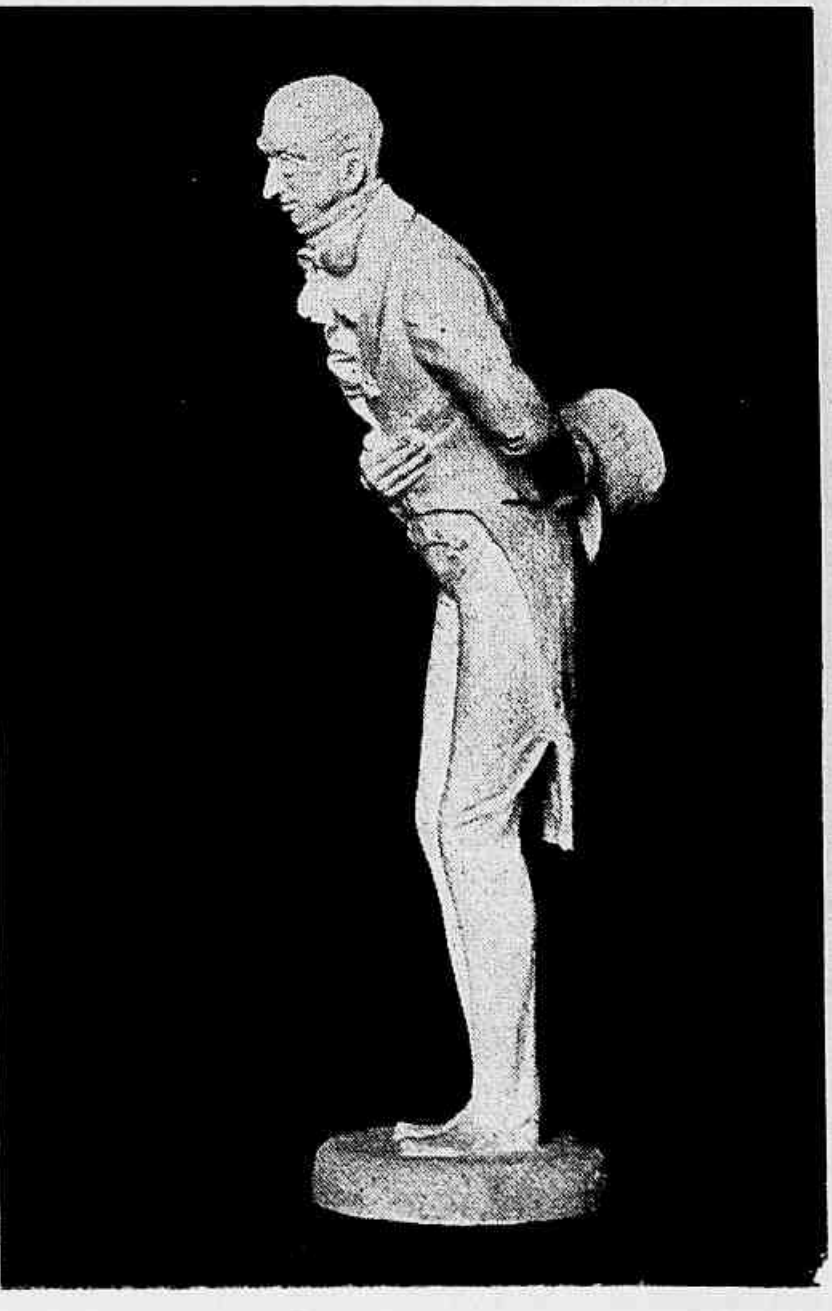
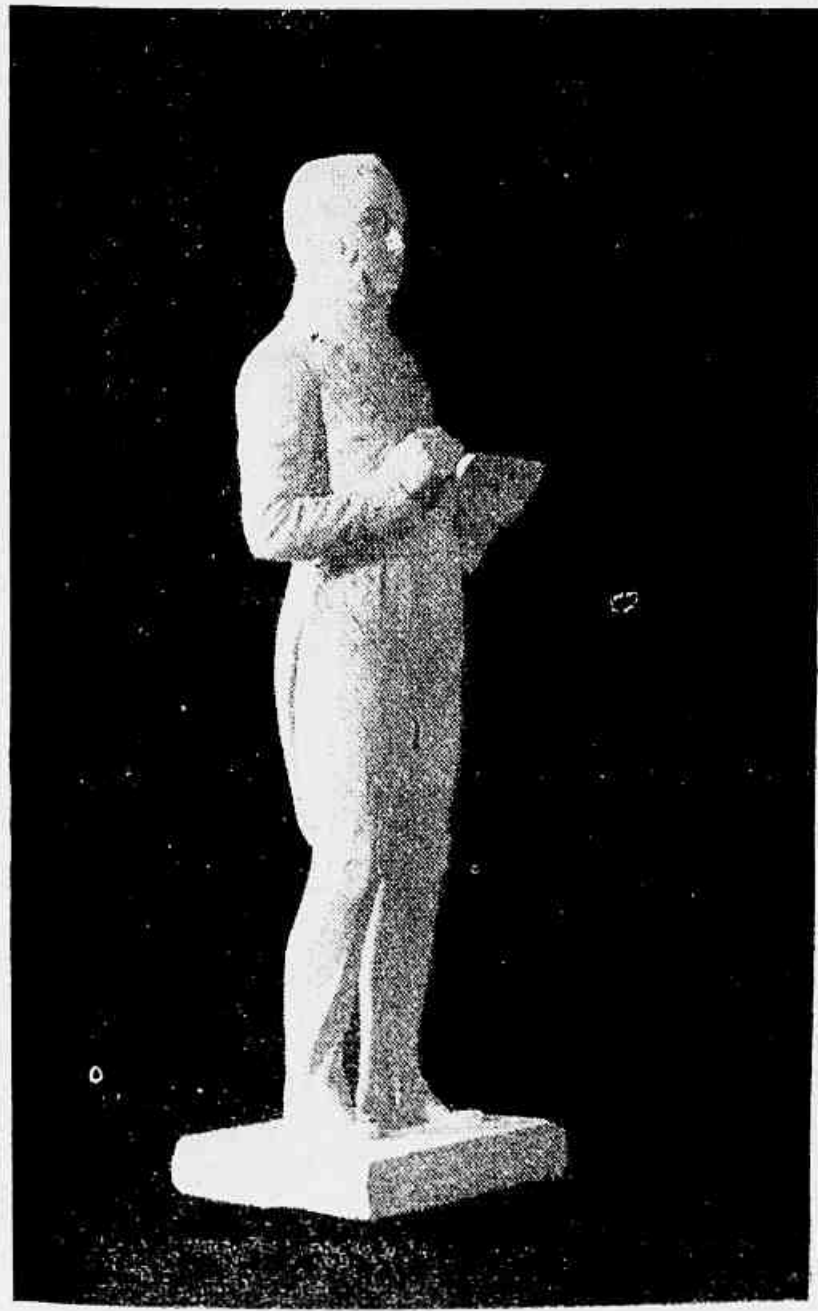
semelhava a um grande prego enferrujado". Era preciso estudar os costumes da época para se convencer de que o chapéu usado pela Sra. Vauquer quando ia ao teatro era o mesmo da taboleta do Boi da Moda, restaurante famoso de Paris daqueles tempos. Era necessário ler o que se escrevera sobre a "Comédia Humana" para não ignorar que o caricaturista Bixiou tinha seu modelo vivo na pessoa de Henri Monnier e para dar-lhe os traços deste último. Finalmente, no caso das personagens em que Balzac entendia representar-se a si mesmo, o Sr. Ripert lhe atribuiu as fisionomias do próprio Balzac em diversas épocas de sua vida, fisionomias que, naturalmente, tivera de estudar de perto: o radiante moço Félix de Vandenesse é Balzac aos vinte anos; o fracassado político Z. Marcas é ainda ele aos trinta e três.

Ao examinarmos as fotografias dessas esplêndidas miniaturas, espalhadas nos museus da França e em coleções particulares, não sabemos o que mais admirar: se o escultor capaz de obra tão trabalhosa ou o escritor capaz de inspirar afeição tão abnegada a um outro artista; se as estatuetas que com tamanha plasticidade encarnam personagens imaginárias ou essas personagens concebidas com tal riqueza de feições, que obtêm uma consagração reservada unicamente, em geral, a pessoas de carne e osso.

QUASE todos os grandes escritores da literatura universal têm seus admiradores entusiásticos, embora menos apaixonados do que os "fans" das estrelas de cinema ou dos jogadores de futebol. Eles não se recrutam apenas entre os críticos e os estudiosos que consagram suas pesquisas à obra de determinado escritor, mas também entre simples leitores e curiosos que, à força de lerem assídua e atentamente os livros de seu autor predileto, tornam-se verdadeiros especialistas do assunto. Sabe-se que na Inglaterra há inúmeros shakespeareanos. Eu mesmo já encontrei na Itália pessoas que traziam o seu Dante de cor e vi, num pequeno apartamento de Budapeste, uma bela coleção goethiana, reunida por um comerciante que nunca escreveu de literatura uma linha mas diariamente lia algumas páginas de seu idolo. Essas idolatrias me comovem mesmo quando exageradas, pois constituem um dos vestígios do antigo respeito às coisas do espírito, em vias de desaparecer.

Ao Brasil tampouco faltaram especialistas eruditos e colecionadores apaixonados que consagram o melhor de seus esforços a um autor único. Um belo representante do gênero foi o saudoso Nogueira da Silva que, adepto fanático de Gonçalves Dias, chegava ao extremo de comparrar o seu poeta a todos os outros, um por um, e de pro-

Da esquerda para a direita: Bixiou. A Sra. Vauquer. O presidente Cruchot de Bonfon.





No dia 5 do corrente mês realizaram-se, em Petrópolis, os esponsais dos irmãos Hellmuth Schlick e Alfredo Schlick com as irmãs Irene Emmy Rittmeyer e Carolina Rittmeyer, elegante acontecimento social que uniu duas tradicionais famílias da encantadora cidade serrana.

Os noivos são filhos do sr. Alfredo Schlick, já falecido, fundador da Casa Flora, e da sra. Gertrud Schlick, e as noivas são filhas do sr. Guilherme J. B. Rittmeyer e da sra. Luisa Rittmeyer.

O ato civil teve lugar no Forum local, servindo de padrinhos, por parte do casal

ENLACES

HELLMUTH SCHLICK - IRENE EMMY RITTMAYER ALFREDO SCHLICK-CAROLINA RITTMAYER

Ao alto : Aspecto da nave da Igreja Evangélica de Petrópolis, fixado do alto, no momento em que se iniciava a cerimônia religiosa. Vê-se parte da assistência e os dois casais de noivos perante o altar. Em baixo : Os noivos entre seus padrinhos. Da esquerda para a direita : sr. Eitel Rittmeyer, sra. Gertrud Schlick, os casais Alfredo-Carolina e Hellmuth-Irene, a sra. Luisa Rittmeyer e o sr. Guilherme J. B. Rittmeyer.

Hellmuth-Irene, o sr. Eitel Rittmeyer e a sra. Gertrud Schlick, e por parte do casal Alfredo-Carolina, o sr. Johannes Francisco Pedro Friese e a sra. Nadja Rittmeyer Friese.

A cerimônia religiosa, efetuada na Igreja Evangélica de Petrópolis, constituiu uma belíssima solenidade, à qual compareceram destacados elementos da sociedade petropolitana e carioca, amigos e membros das duas numerosas famílias dos nubentes. Oficiou o ato o Pastor Hans Wiemer, que proferiu uma bonita e emocionante pregação aos noivos, sendo esta





Os noivos partindo os bolos nupciais, na recepção do Tennis Club de Petrópolis.



uma das passagens mais eloquentes do simples e belo ritual da igreja evangélica. Paraninfaram o ato, por parte dos noivos Hellmuth-Irene, o casal Guilherme J. B. Rittmeyer, e por parte dos noivos Alfredo-Carolina, o sr. Eitel Rittmeyer e a sra. Gertrud Schlick.

O tradicional templo da Avenida Ipiranga achava-se linda e ricamente ornamentado com flores e lírios, fazendo-se ouvir orquestra com acompanhamento de órgão e cântico, e a bela voz da srta. Marinha Marques em comovente solo. Ao término da cerimônia, os noivos e seus progenitores receberam cumprimentos na Igreja, de todos quantos ocuparam literalmente o recinto secular, entre os quais conceituados elementos e representantes de altas autoridades, do comércio e da indústria, cariocas e petropolitanas.

Após os cumprimentos, os noivos e suas famílias deram recepção íntima nos salões do Tennis Club de Petrópolis, tendo sido saudados, ao "champagne", pelo dr. Corregio de Castro, em nome dos amigos das duas ilustres famílias, agradecendo o sr. Guilherme J. B. Rittmeyer. Pudemos anotar, ali, entre outras, a presença das famílias Affonso Kuenerz, Leão Vellozo Friese, dr. Mário Paula Fonseca, dr. Corregio de Castro, Oldemar Pinto, Antonio Cunha, Josef Hohl, Carlos Keller, Alberto Schaeffer, Walter Hasse, Armando Zillmann, madame Paula Buschmann, dr. José Moraes Rattes, Emilio Leipner, Oliveira Marques, Oscar Hamacher, Louis Siegrist, sra. Elisabeth Keetmann, prof. Flavio de Maciel, dr. Plinio Leite, dr. Alvaro Oliveira, Francisco Egler, Kurt Ahlert, Lothar-Steinthal, Maria Lenz, Paulo Kappel, Margarida Kuening, dr. Mario Pinheiro, dr. Gabriel Reis Junqueira, Alberto Becker, Pastor Hans Wiemer.



A direita : — Dois flagrantes da recepção do Tennis Club, nos quais aparece a mesa dos noivos.





ERA o primeiro natal que passavam juntos, depois do casamento. Nina olhava desolada as brasas do fogareiro, que se apagavam lentamente, deixando a pequena cozinha imersa em semi-obscuridade. Sentia frio, pois chovia a cantaros e a casa era húmida, pobre, bofarenta. Cruzou os braços sobre o peito e sentou-se num tamborete ao pé da mesa, puxando as mangas já meio curtas do velho casaquinho de tricô, procurando aquecer-se.

O relógio do vizinho badalou, compassada e gravemente, marcando as cinco horas. Um leve arrepio percorreu o corpo da moça. José não tardaria a aparecer e estava tão ruim o seu jantar! Apenas um pouco de feijão e arroz, algumas batatas cozidas e o resto da couve que lhe dera dona Marília, pela manhã...

Suspirou, triste e imensamente cansada. Que véspera de Natal, santo Deus! E, no entanto, havia sómente dois anos, que lindas, que deliciosas conjecturas faziam, juntos, nessa mesma data! Eram noivos, então.

Dona Adalgiza, mãe de Nina, conseguira arranjar uma árvore e os filhos, eles mesmos, ornamentaram-na, com enfeites baratos: pedacinhos de papelão colorido, imitando estrelas, meialuas, pássaros e flores... Conseguiram também algumas frutas, pedaços de papel prateado e um pouco de algodão fizera o resto. A árvore ficara "uma belezinha", todos foram unânimes em reconhecer.

Depois, juntaram-se em seu redor, para admirá-la. Lilita, a menorzinha, batia palmas. Estavam felizes, imensamente felizes, naquele dia. Eram muito pobres, mas o Natal representava para eles uma sagrada tradição. Economisavam o ano inteiro para comemorá-lo, embora modesta, mas dignamente.

José, apertando as mãos da noiva, murmurava-lhe:

— Daqui em diante, a festa será para nós, sózinhos... E será uma festa, has-de ver!

Iam-se casar dali a dois meses. Ele, conseguira, com muito esforço, amealhar algum dinheiro, com o qual esperava que não iniciassem em muito más condições a vida matrimonial.

O PRESENTE DE NATAL

Conto de LOLA KNEIP DE MELO — Ilustração de A. PACHECO
Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA

Viera o dia do casamento, a mudança para a cidade vizinha, onde José tinha possibilidades de melhor remuneração. A casa, alugada, era muito simples, mas ficara bonita, com algumas cortinas, algumas flores... Nina, feliz, cantarolava de manhã à noite, mesmo fazendo todo o serviço doméstico. Estado acostuada a trabalhar, era moça, era forte, e depois, ora! não seria para ambos todo o dinheiro que conseguissem guardar?

Assim, corriam os dias, corriam as horas... Contentes, na sua vida sem luxos, queriam somente amar-se e trabalhar, trabalhar muito, para comprar uma casinha, onde poderiam estar em sossego e que seria também de seus filhos, e depois de seus netos.

A cada novo depósito na Caixa Econômica, ela saltava ao pescoço do marido, exclamando, jubilosa:

— Mais um pouco de tijolos para a nossa casinha! Não falta, não é, José?

O marido sorria. (não queria desanimá-la. Dinheiro de pobre custa tanto a juntar! Cr \$ 50,00 de uma vez, Cr \$ 100,00 de outra, só Cr \$ 20,00 nesse mês, porque o dente se lembrou de doer e o dentista comeu todas as notinhas destinadas à caixa, guardadas com tanto carinho, com tanta paciência...).

Respondia-lhe, acariciando seu pescoço branco e gordinho, o que a fazia rir e encolher-se, de cócegas.

— Não, não falta muito meu bem. Mais dia, menos dia e teremos iniciada a construção de nossa casa.

Nina sonhava com isso hora após hora, como criança sonhando com um brinquedo.

Mas uma tarde José apareceu

em casa indisposto, febril, sem apetite nenhum. Pensando ser gripe ou um resfriado forte, Nina deu-lhe um comprimido e um chá bem quente, à hora de deitar. Mas no dia seguinte ele não melhorou, nem no outro. Uma febre manhosa fazia sua pele seca e quente. Assustada, chamou então o médico. Este, examinando-o, abanou a cabeça:

— Não sei, mas está-me parecendo febre tifóide...

Ela levou a mão à boca, para esconder do marido um grito de extremo pavor. Transtornada, não sabia o que fazer. O médico tirou sangue, para exame. Teve esperanças, quando este deu negativo.

Pensou, para si própria:

— Ora, eles também se enganaram...

Mas José não melhorou. A febre continuava, queimando, queimando... Extrairam mais sangue, para outro exame, de hemocultura, um nome complicado, que nunca ouvira antes.

Ficou quase louca, quando lhe deram o resultado, positivo, desta vez.

Depois, o hospital, semanas e semanas de angústia, José delirando, José sofrendo, José entre a vida e a morte...

Afinal, salvara-se. Em casa já, muito pálido e fraco, foram essas suas primeiras palavras:

— Minha pobre Nina, lá se foi nosso sonho... Não temos mais nenhum dinheiro, minha doença levou o último níquel.

Ela, que não pensara em nada daquilo, ao vê-lo tão mal, abraçara-o chorando.

— Não faz mal, meu querido... Ficarás forte e trabalharemos de novo. Que me importa o dinheiro, se tu te salvaste?

Pensava em tudo aquilo, naquela véspera de Natal, o frio cortando sua pele e tornando quase insensíveis seus pés mal resguardados.

Suspirou de novo, levantou-se e começou a andar enérgicamente de um lado para o outro, para aquecer-se. Já estava muito escuro, acendeu então a luz.

O velho despertador marcava sete horas. Céus! E se o jantar já estivesse frio? Tentou reavivar as brasas, depois alisou com os dedos os cabelos, defronte a um espelhinho de parede.

A porta da frente abriu-se nesse instante. Era o marido que chegava. Correu a seu encontro, lançou-se em seus braços, beijou-o nas duas faces. (— Tão cavadas ainda, meu pobre querido!)

Em seguida, tomando seu braço, acompanhou-o ao quarto.

Aí beijou-o de novo.

— Feliz Natal! — exclamou. E entregou-lhe um pacote que estava sobre a cama, dizendo-lhe:

— Papai Noel deixou para um bom menino.

Antes de pegar no embrulho, o marido olhou-a com imensa ternura, bendizendo-a com a alma, e acreditando amar mais ainda aquela fronte alta e bela, aqueles olhos castanhos tão meigos, a boca pálida que sorria docemente.

Abriu o pacote e soltou uma alegre exclamação à vista da sueter que aí se achava. Não lhe perguntou como a comprara, não lhe perguntou nada. Apenas abraçou-a apaixonadamente, dizendo depois:

— E' linda, meu amor. Mas Papai Noel não se esqueceu de ti, também.

E tirou um embrulhinho do bolso, entregando-a. Nina abriu-o logo, numa vivacidade de menina que ganha um presente, soltando gritinhos de prazer. Mas ficou súbitamente séria, quando teve na palma da mão o colarinho de ouro e a medalha, representando São José, que ela empenhara alguns dias antes e fora seu presente de noivado.

Sentia as faces vermelhas, a confusão tornava-a muda e inquieta. Vertiginosamente, as perguntas se sucediam em seu cérebro: — "Mas, como ele soube? — E agora, deve estar zangado, que pensará de mim, que empenhei meu próprio presente de noivado?"

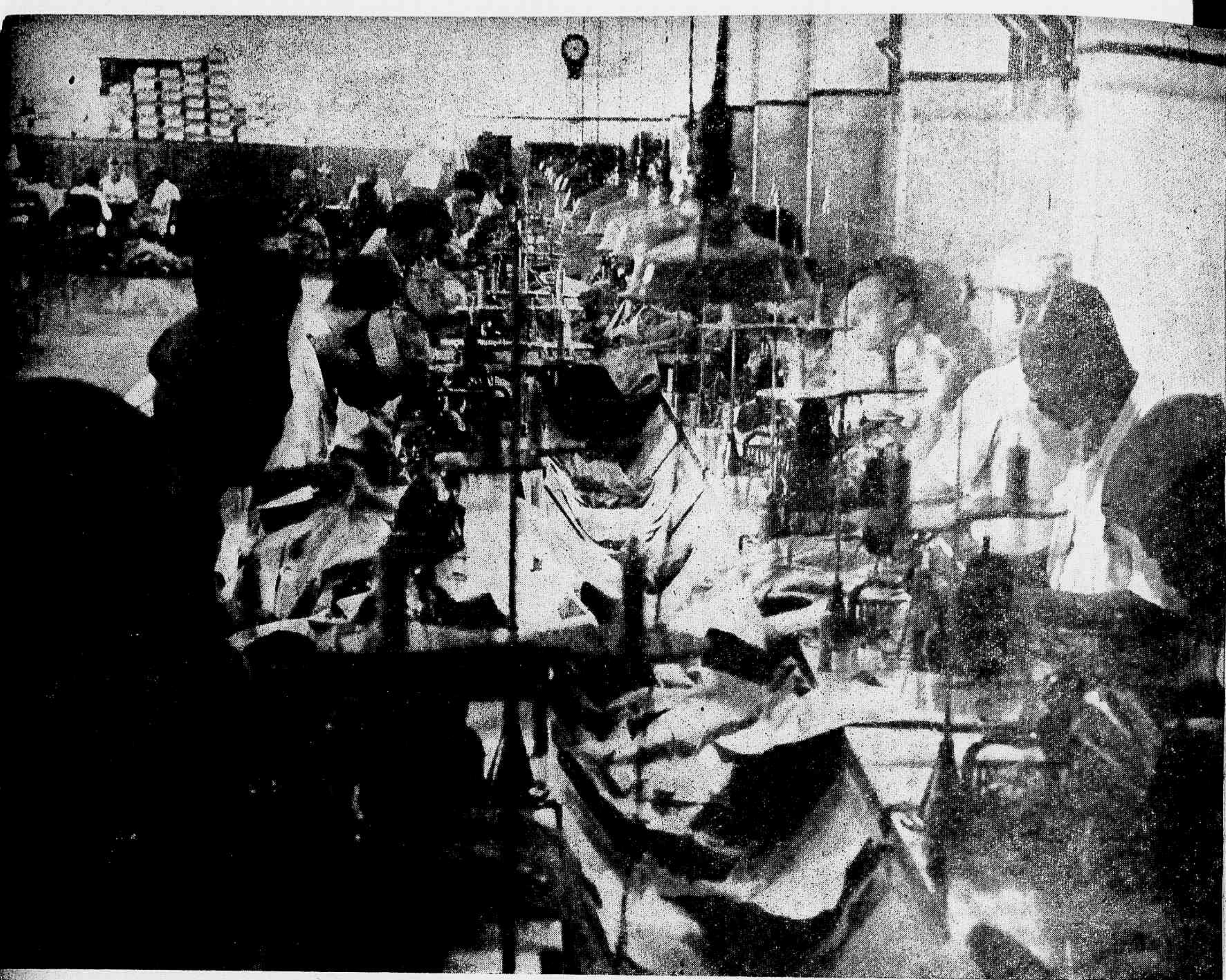
A medalha lhe queimava a palma da mão. De vagarinho, sem que ela notasse, as lágrimas foram pingando de seus olhos... Ergueu-os depois de alguns instantes, fitando o marido através da névoa de seu pranto:

— Perdoa, José. Perdoa querido... Eu não tinha nada, para te dar... Então pensei...

José colocou suas mãos nos

(Continua na pág. 56)





Janelas envidraçadas substituíram as antigas grades. Nas oficinas o trabalho é contínuo e o preso percebe tanto quanto um operário especializado, além do diminuto soldo que o governo lhe concede.

DEMOCRACIA ENTRE GRADES

25 SENTENCIADOS GOVERNAM PRESENTEMENTE A PENITENCIÁRIA

Nem cabeça raspada, nem grades, nem números — Trabalho obrigatório e produção industrial — Cem por cento de alfabetizados — "Shows", jornal e os "juris" do professor Roberto Lyra — As declarações do presidiário 1.358.

Reportagem de AUGUSTO AGUIAR

Fotos de ARNALDO VIEIRA

Inicialmente devemos chamar a atenção dos leitores para o seguinte fato: há, nesta mui leal e heróica cidade de São Sebastião, uma Penitenciária Central — à qual se subordinam as Colônias da Ilha Grande, o Sanatório Penal e a Penitenciária de Mulheres de Bangü, e o Presídio do Distrito Federal, duas repartições completamente independentes e absolutamente diferentes. O Presídio é um depósito de presos processados, que ali se encontram em trânsito, esperando um julgamento decisivo. A Penitenciária, com suas dependências acima enumeradas, é o local para onde são mandados os condenados: é a casa de regeneração, é a grande universidade do Rio de Janeiro, como dizem os próprios sentenciados. Ali se educa o indivíduo. Ali ele desenvolve atividades normais de trabalho. Aprende um ofício ou se dedica a afazeres burocráticos. Advogados — também presos — se constituem numa comissão judiciária, que acompanha processos e presta assistência jurídica aos menos favorecidos da fortuna. Jamais uma rebelião ali se verificou: a alimentação é abundante e sadia. Os guardas e funcionários responsáveis pela administração portam-se mais como companheiros do que carcereiros. Esta introdução tem por fim desfazer certa confusão que o público e até mesmo alguns jornalistas têm feito entre Presídio e Penitenciária, confusão essa sempre e sempre desfavorável à segunda.

MIL cento e vinte e oito homens, das mais variadas camadas sociais e responsáveis por delitos e crimes os mais diversos, vivem em perfeita harmonia e em completa ordem nas vinte e oito galerias da Penitenciária Central do Distrito Federal. Ali trabalham, são alfaiates, sapateiros, datilógrafos ou garçons e contam os dias que faltam para a libertação. Alguns sonham com possíveis indultos e esperam, minuto a minuto, o dia em que voltarão ao convívio dos outros homens.

AS GRADES

O primeiro chi! de quem visita a Penitenciária é dirigido às janelas. As grossas barras de ferro — que caracterizavam os antigos cárceres — foram substituídos por gradis — porque não dizer graciosos gradis? — e as portas das celas, de madeira, envernizadas, escuras, não relembram masmorras. Atrás dos pesados portões de acesso, manejados eletricamente por guardas silenciosos e protegidos por telas de arame, — quer o da portaria geral, quer os das várias galerias — começa o território administrativamente pelo tenente Castro Pinto e onde os presos, sem roupas listradas, de blusas brancas ou uniformes cin-

zas, constituíram seu outro mundo, enquistado naquele em que vivemos, porém em quase tudo semelhante ao nosso se não fora o sentido estranho que ali adquire a palavra liberdade. Embora se possam locomover livremente, ouvir rádio, trabalhar, receber visitas de namoradas ou esposas, sua "democracia" seja tão avançada quando a do mundo exterior, há sempre uma insatisfação latente, amenizada pelo tratamento humano que lhe dispensa a direção.

A DEMOCRACIA EM AÇÃO

Alva risonho, sempre bem humorado e compreendendo que "seus" presos são homens — e como homens têm direitos e deveres — o tenente Castro Pinto, hoje uma das mais modernas e obalizadas autoridades em sistema penitenciário, procurou dar-lhe o máximo de liberdade dentro de sua transitória situação. Não há castigos corporais e os casos de desobediência e as faltas são julgadas por um tribunal especial, constituído inteiramente por sentenciados, que aplica as penalidades julgadas necessárias a cada delito: recolhimento em celas especiais, deportação para a Ilha Grande ou, privação em caráter temporário de algumas regalias.

Salas de aulas, amplas e bem iluminadas, sucedem-se às oficinas. Dois cursos são ali mantidos: alfabetização e primário.

A EXPERIÊNCIA DO AMOR

Não se admira, leitor, que o amor aqui seja permitido. A observação constante da vida do homem recluso levou o moderno carcereiro a encarar clinicamente as necessidades amorosas do sentenciado. E, a exemplo do México, uma experiência ousada foi levada a efeito: permitiu-se que — em apartamento especial, após exames médicos e com todo o conforto indispensável — o preso recebesse sua esposa. Preliminarmente, ou seja nos primeiros meses de adoção dessa medida, o encontro efetivava-se uma vez em cada período de trinta dias. Hoje — depois de se constatar que a angústia desapareceu daquela casa e que os casos de loucura de fundo erótico são inexistentes ali — condições especiais foram criadas para que marido e mulher tivessem uma vida sentimental e genética perfeitamente organizada.

O TRABALHO

Obrigatório o trabalho, o jogo e o sentimento de abandono, que dominavam os presos, foram vencidos. As poucas oficinas da administração anterior foram aumentadas em número e equipadas com máquinas modernas na administração Castro Pinto: cosem-se roupas e se consertam rádios. Fabricam-se sapatos. Em todas se produz bastante e máquinas são fornecidas a várias companhias de aviação. Entre as oficinas especializadas e modernas contam-se de rádio, móveis de vime, encadernação, tipografia, sapataria, alfaiataria e mecânica, num total de vinte, das quais dezessete montadas pelo atual diretor.

Policarpo Antonio Ferreira, nº 761, o sentenciado mais antigo, condenado a 15 anos e 4 meses, caboclo, de pouco riso, declara-me que percebe seis cruzeiros por dia. É sapateiro e tem direito a gastar um terço do pagamento de seu trabalho em objetos de uso pessoal. Outra terça parte é destinada à família e a última fica depositada, formando um capital que poderá dispor quando cumprir a pena. Diz-me, ainda, que apenas sessenta centavos percebia anos atrás, devendo-se notar que essa quantia acima especificada se refere apenas ao subsídio oficial ao preso 761.

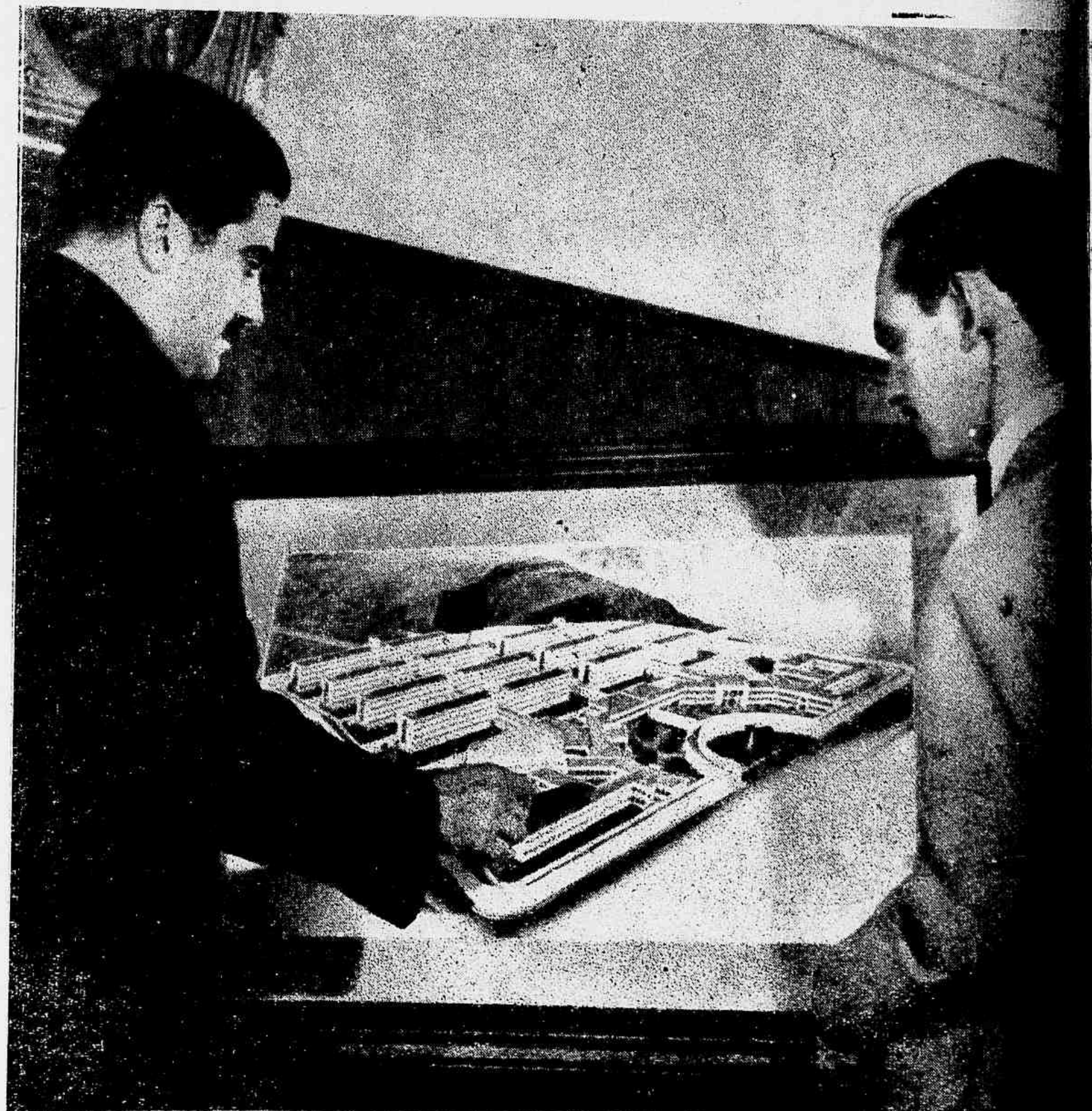
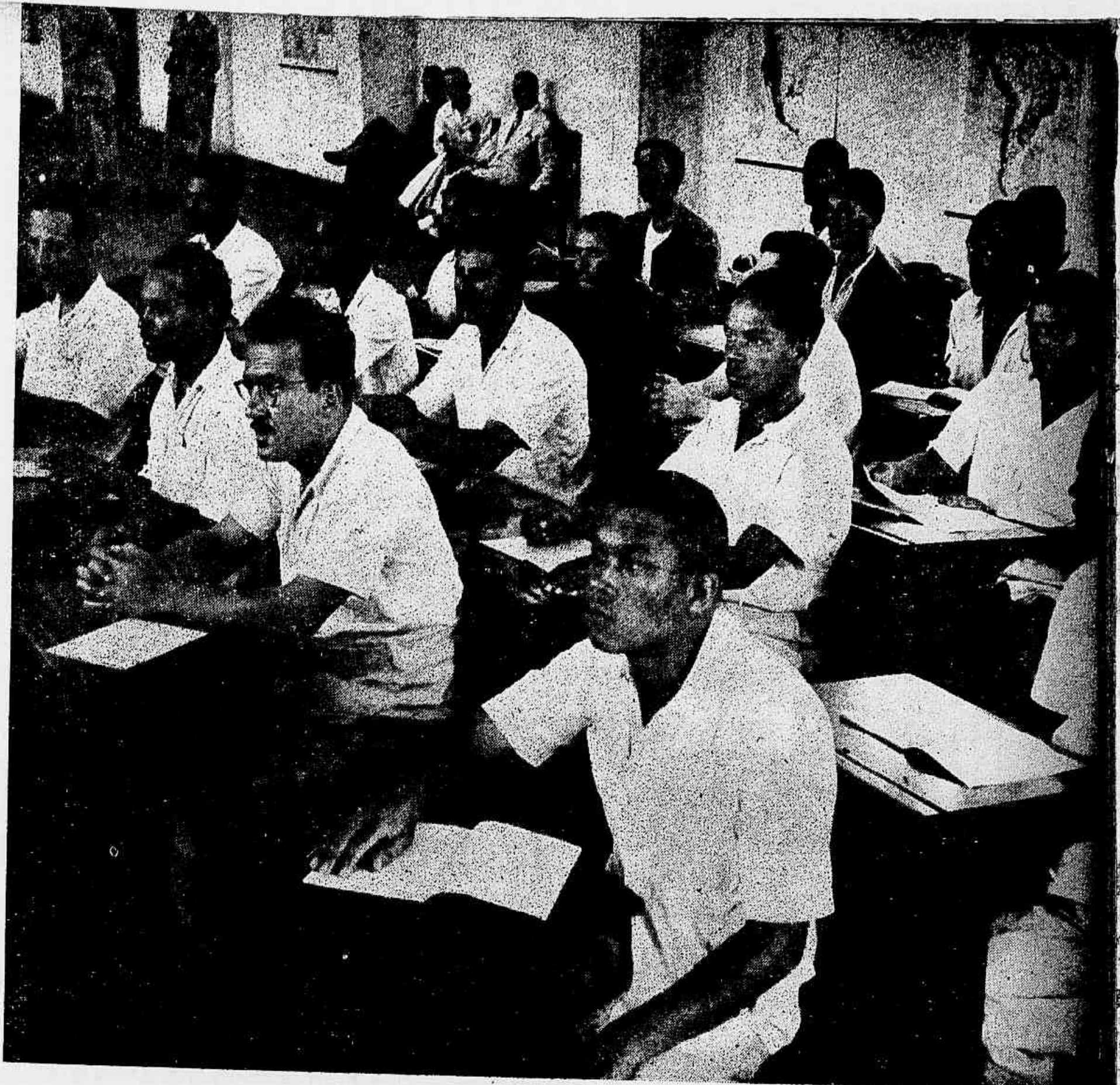
PÁTOS E CELAS

Sentenciado algum converteu-se em Prestes. Durante todo o tempo que ele ali esteve preso. Nem mesmo os outros comunistas que tinham permissão de passear, alta noite, pelos pátos desertos. O quarto onde viveu o líder comunista — separado do edifício principal da Penitenciária — é, hoje, ocupado por um antigo nazista, Niels Cristian, aquele mesmo que Hitler enviou ao Brasil para aparelhar estações de rádio clandestinas e enviar mensagens para a Alemanha. Oficial da marinha germânica, espião e engenheiro, Cristian perde seus dias em desenhos de mecânica ou concertos de máquinas. Fala muito e espera uma revisão de seu processo.

ACABARAM-SE OS NÚMEROS E JÁ HÁ ROUPAS SOB MEDIDA

O primeiro passo dado, nesses últimos meses, na remodelação da Penitenciária foi a abolição do número que identifica o preso. Julgado e condenado, o homem perdia toda sua personalidade, passando a ser tão somente três ou quatro algarismos que levava ao peito, destruída, assim, a sua personalidade. A raspagem da cabeça foi também suprimida: hoje em dia, cabelos ghorstados e longos são vistos frequentemente. Uniformes novos — de três tipos: verão, inverno e visitas — foram adotados, sendo os mesmos confeccionados por alfaiates, todos eles sob medidas. "Antigamente, o uniforme que usávamos era tal qual o do soldado recruta: caindo nas mangas, as pernas da calça muito compridas, todo ele malamanhado", declara-me um preso.

O diretor da Penitenciária — tenente Castro Pinto — mostra ao repórter a "maquette" da Penitenciária, cujas obras estão sendo efetivadas à rua Frei Caneca. Entretanto, algum dia a Penitenciária será transferida para a zona rural do Distrito e esse prédio será destinado ao Presídio.





A esquerda: Este é Policarpo, o deão dos sentenciados, omele depois de preso, se transformou num habil operário. A direita: En e poucos homens. Há higiene em toda parte e os pres pode

A INDUSTRIALIZAÇÃO

Um plano ousado foi concebido, dentro da própria penitenciária, para a sua completa industrialização, desde que o problema de suprimento de gêneros agrícolas fora já solucionado com as colônias penais de Banquê e Ilha Grande. Lutando com a falta de verbas sem dinheiro suficiente para fazer face às altas despesas necessárias ao renova-mento do material, procurou-se transformar aquela casa de correção num pequeno parque industrial. Máquinas foram compradas a prazo e o trabalho se iniciou. Hoje, seis meses depois, quase todas já se encontram pagas com o resultado econômico obtido de sua produção.

Um tipo de eletrola — o "penitenciário", como o batizaram — encontra-se à venda nas casas comerciais do centro e seu preço de custo — ele é fabricado numa oficina bem montada e com todos os requisitos modernos — varia de cinquenta a sessenta do de venda. Rádios de ondas curtas e longas são equipados por Niels Cristian, não mais para enviar mensagens à Alemanha nazista, mas tão somente para ser negociados.

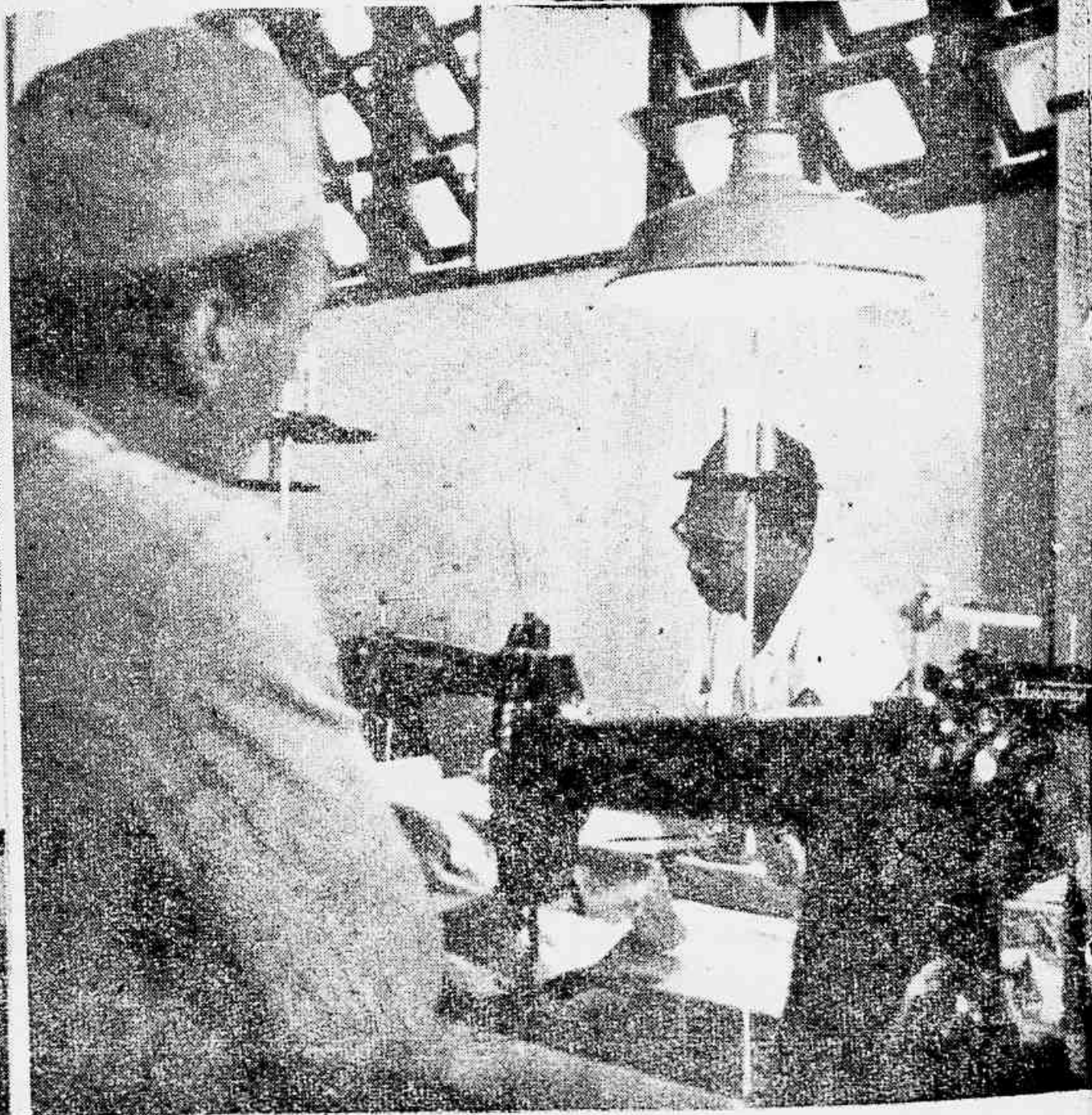
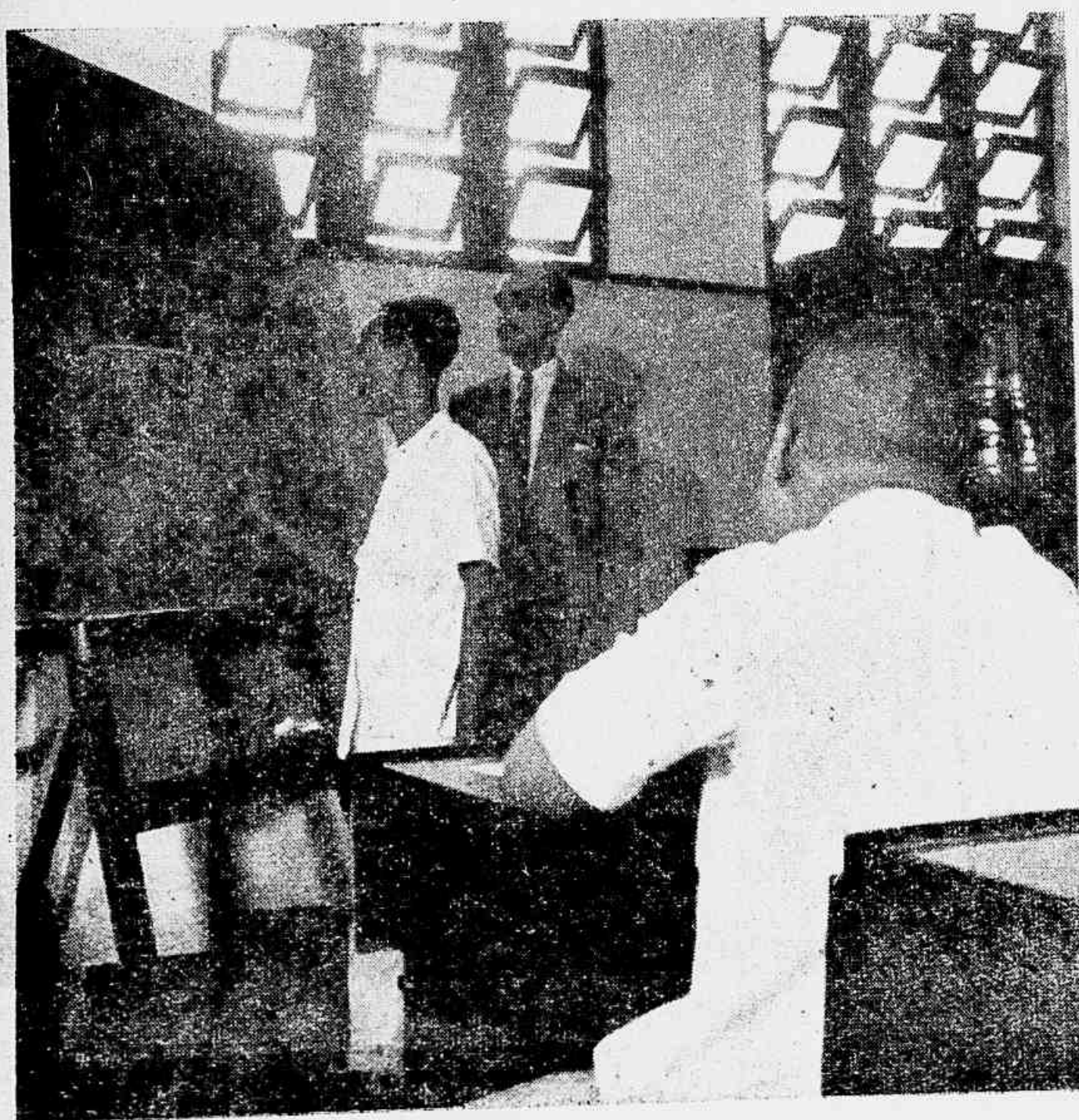
"SHOWS", JORNAIS E JURIS

Artistas de rádio, nomes conhecidos por todos, a convite da administração, realizam, regularmente, "shows" num salão de espetáculos, que recebeu o nome de Auditorium Meira Lima e comporta mais de 1.600 pessoas. Mas, não somente os astros radiofônicos que o utilizam. Palestras educativas são frequentemente pronunciadas e uma vez, por outra, o meu amigo Roberto Lyra abandona suas atividades jornalísticas ou seus implacáveis estudos penais, para levar os alunos da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro a efetivar juris, acompanhados atentamente pelos presos. São terceiro e quartanistas que tomam, assim, um contacto direto e proveitoso com a prática forense.

25 PRESOS GOVERNAM A PENITENCIÁRIA

25 presos, democraticamente eleitos em memoráveis campanhas, formam as cinco principais comissões que regulam a vida do sentenciado: Judiciária, Alimentação, Esportes, Imprensa e Assistência Social. À primeira cabe o estudo da situação do preso e dos processos, orientando-o no sentido de recorrer novamente à Justiça ou de pedir o livramento condicional. Há um tribunal — o atual é presidido pelo sentenciado Mario Cezario — que julga as faltas cometidas e aplica os correspondentes castigos. "Assim — informa-me o cearense de voz arrastada e lenta — ninguém pode reclamar, pois fomos nós mesmos quem elegemos os juizes. O mais que se pode alegar é que o advogado de defesa tenha sido um pouco fraco".

A esquerda: Não há um só analfabeto na Penitenciária Central do Distrito Federal. A frequência as aulas é obrigatória e todos os presos são obrigados a estudar. A direita: Oficinas modernas e bem aparelhadas — como esta de alfabetaria — foram compradas e pagas com o produto do trabalho dos presos.



dos, cometeu dois crimes e foi condenado há 16 anos. Esse agricultor
diz: Em 28 galerias — com cubículos individuais — vivem mil
presos podem conversar e fumar livremente nas horas de folga.

A fiscalização da cozinha, remoção dos que ali tra-
balham ou nomeações são funções da Comissão de Ali-
mentação que sugere à direção as medidas indispensáveis
para a melhoria da "bela" e manutenção da higiene in-
dispensável.

Diversos clubes de futebol se congregam numa Liga
orientada pela Comissão de Esportes e a Comissão de Im-
pressão está cometida a tarefa de editar o jornal "A Es-
trela", órgão noticioso e literário, mensal, que resume a
vida da penitenciária em suas oito páginas. Publica ane-
dotas, poemas, uma seção esportiva e colaborações di-
versas, tudo, enfim, que interesse a uma coletividade.
Além disso, repórteres e intelectuais são recebidos por es-
sa comissão, à qual está atribuída a função de informar
tudo quanto se deseja saber a respeito daquela casa.

A assistência à família dos presos, em verdade um
prolongamento do problema penitenciário, está afeta à Co-
missão deste nome, que mantém um corpo de visitadoras.

EM VEZ DE PROMISCUIDADE, EDUCAÇÃO

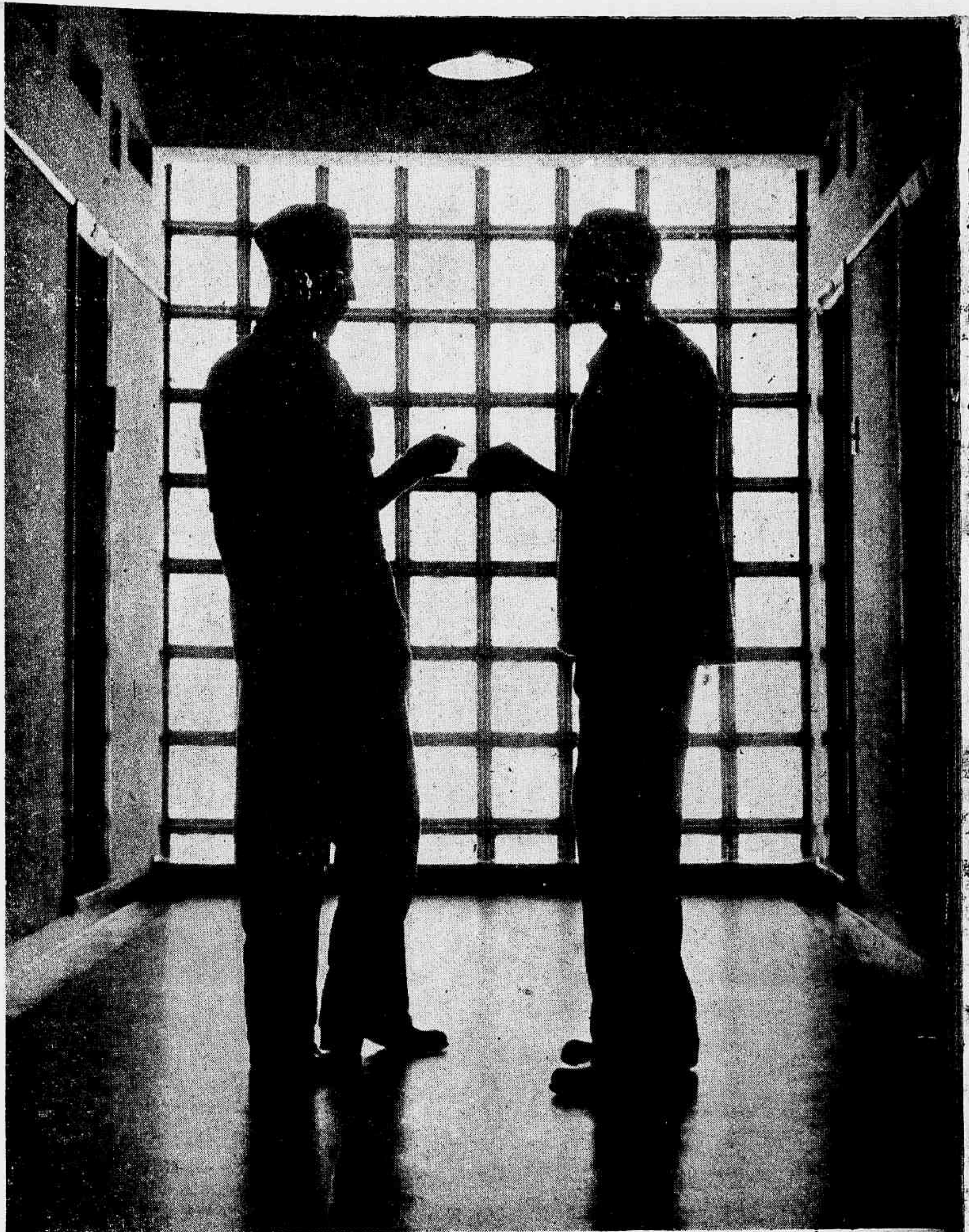
Era comum, há quatro ou cinco anos atrás, a promiscui-
dade no velho casarão da Penitenciária. Presos que ali
chegassem, de preferência adolescentes, eram influenciados
e iniciados pelos outros, mais velhos e mais experientes,
em práticas nocivas. Na Colônia Penal de Dois Rios, em
1942, raros eram os que escapavam à regra geral. Em
contraste com isso, hoje em dia não há um caso seme-
lhante na moderna Casa de Correção: a resolução do pro-
blema conjugal do preso, por um lado, contribuiu decisi-
vamente para evitar a depravação. Além disso, atualmente
os cubículos são individuais e é proibida a entrada de dois
presos em qualquer cela.

A educação é outro ponto a merecer destaque: não há
nenhum analfabeto, pois o estudo é obrigatório: todos os
sentenciados fazem curso de alfabetização e, em seguida,
um curso primário.

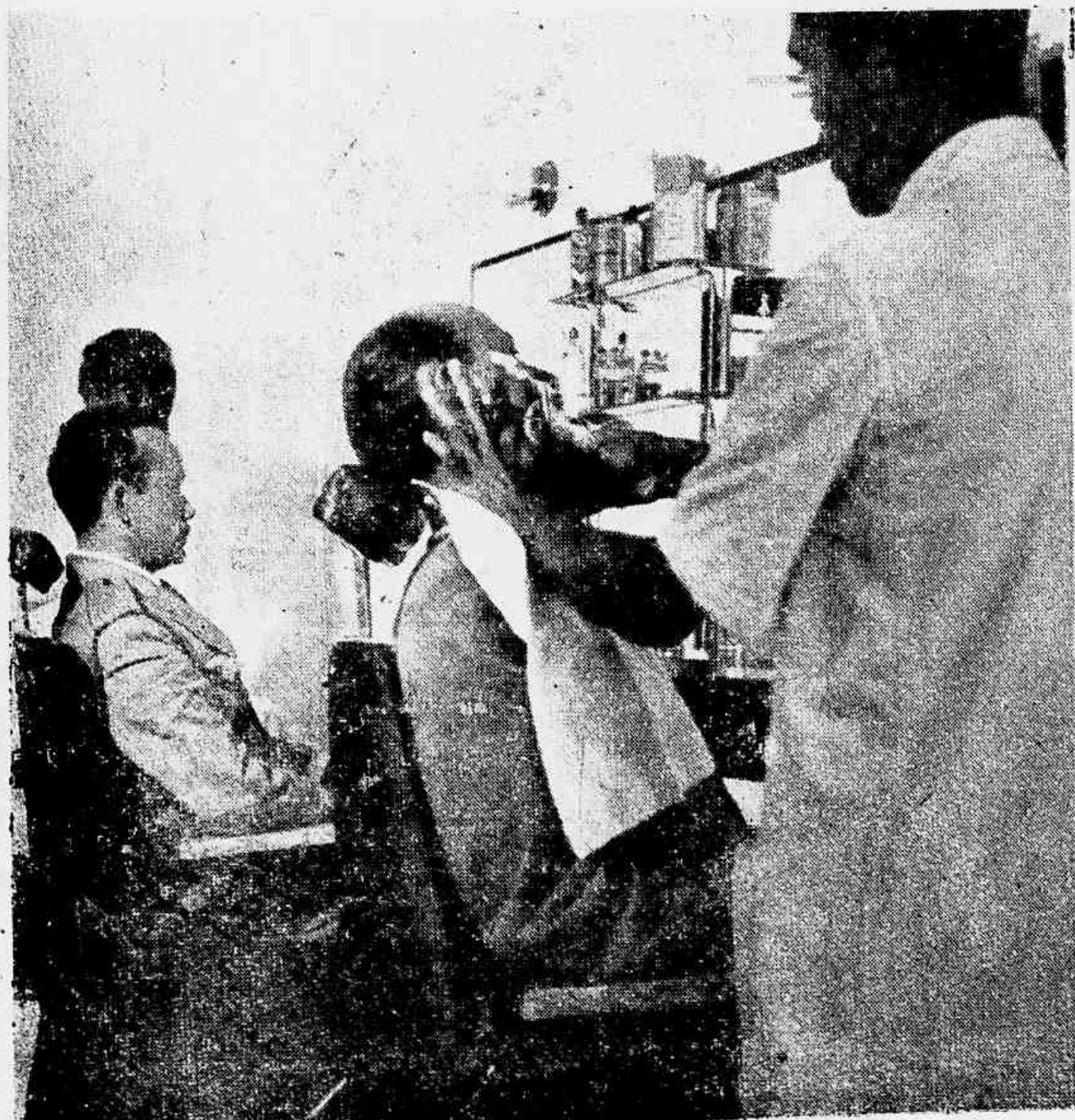
MOVIMENTO EM PROL DA ANISTIA

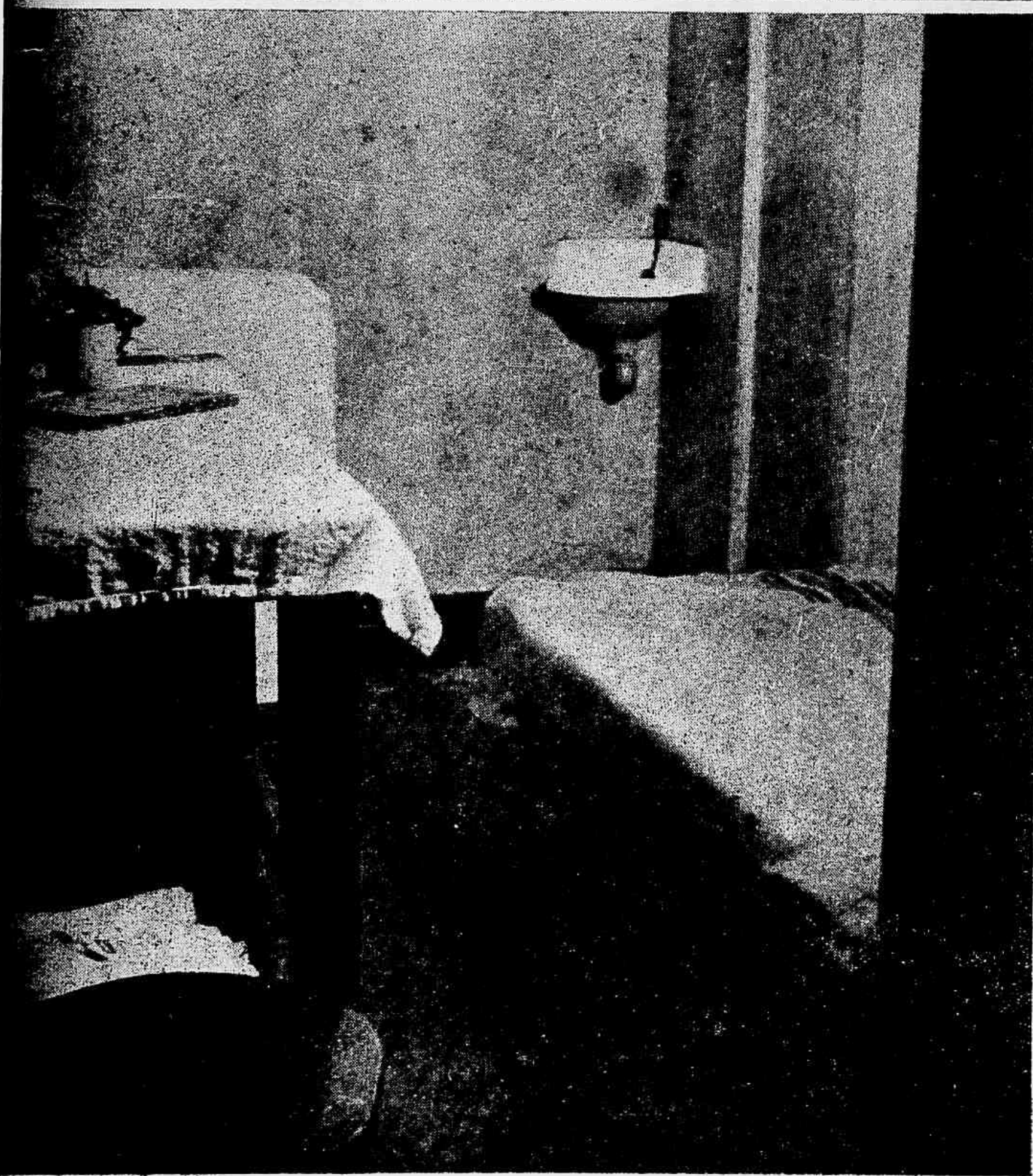
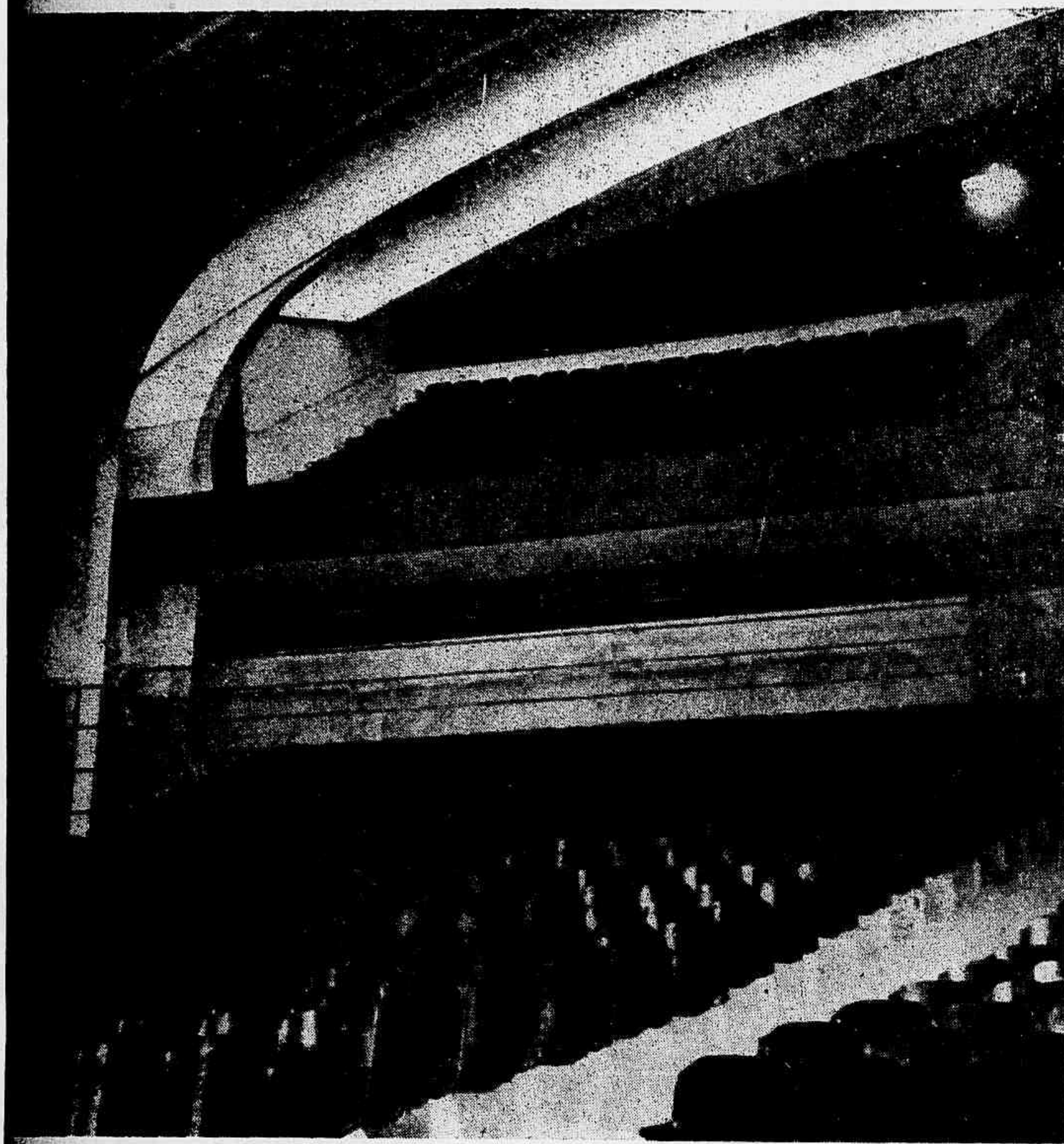
Finalizando essa reportagem, que já se torna longa,
queremos transcrever as declarações que nos fez o pre-
sidiário 1.358, presidente da Comissão Pró-Anistia e da
Comissão Judiciária, a respeito do recente indulto concedi-
do pela presidência da República aos presos primários.
Disse-nos o presidiário 1.358:

— O recente indulto do governo federal, em seu artigo
primeiro, não beneficiou a nenhum preso primário, isso
porque todos os condenados a pena não superior a dois
anos de detenção ou de prisão simples, já estão em plena
liberdade há muito tempo desde a sentença condenatória.



A esquerda: Sentenciados barbeiros servem aos guardas: é proibida a gorgeta e por 10 cruzeiros mensais qualquer funcionário tem direito a cabelo e barba durante 30 dias. A direita: Protegidos por grades e telas de arame, os guardas — risonhos e afáveis — manejam mecanicamente as portas que fecham o mundo proibido de Castro Pinto.





É neste auditorium onde os presos assistem aos "shows" e aos juris dos estudantes do professor Roberto Lyra. Além disso, há representações de peças teatrais e muito em breve um cinema moderno estará funcionando.

dado que o artigo número 696, do Código de Processo Penal, compulsoriamente, lhes deu o chamado "sursis", ou seja a suspensão condicional da pena.

Da mesma maneira, já foram postos em liberdade, muito antes do aparecimento do referido indulto, todos os presos primários condenados à penas pecuniárias (multas) de quantias muito superiores (de Cr\$ 2.000,00 a Cr\$ 50.000,00) àquela de Cr\$ 1.000,00, citada no mencionado artigo primeiro, visto como a jurisprudência mansa e pacífica de todos os nossos tribunais legados, concede automaticamente, revelações de penas de multas a todo e qualquer condenado que seja primário, tendo em cogitação, unicamente, os elementos seguintes: a) — primariedade em processo e condenação; e, b) — insolvência ou comprovado estado de miserabilidade.

Além do mais naquele artigo, só seriam atingidos e beneficiados aqueles que tivessem sido, na data de sua promulgação, 16 de novembro de 1946, definitivamente condenados, deixando assim de serem agraciados os que não tiveram ainda a sua responsabilidade penal devidamente apurada e, bem como, os que não tiveram as suas sentenças passadas em julgado tão somente devido à impetração de recursos criminais legais anteriores, tais como "habeas corpus", apelações, revisões, etc.

Quanto ao artigo segundo do indulto era localizado, no que tange ao condenado à pena de reclusão, fixado a penas um limite de dois anos de reclusão, a sua redação bem demonstra que não houve nenhuma inspiração jurídica no artigo nº 742 do Código Penal, vigente, o qual coordena e expressa, em sua essência, espírito e forma, uma autêntica medida de graça, pois, nele, nem de leve se cogita e se condiciona ao tempo de cumprimento da pena, quando mais do grau da pena se mínima ou máxima, do condenado, se primário ou reincidente, da espécie ou natureza do crime, contravenção praticada, do grau de periculosidade ou da adaptação ou readaptação social, ou, ainda, dos respectivos antecedentes, e da vida pregressa e comportamento carcerário.

No particular, é bem de ver-se por sem dúvida, que é aquele artigo (742) que deva nortear e presidir o espírito de quaisquer atos de graça, de clemência e de perdão, do juiz dos que foram promulgados anteriormente. É de mencionar-se, ainda, que o artigo terceiro daquele indulto exclua os condenados por crime contra a economia popular, como se esses não fossem criaturas humanas passíveis de erro, dignas, portanto, da comiseração de um ato de clemência, mas porque já sofreram eles o rigorismo das leis, digo da lei penal, que os multou em sanas elevadas e os condenou a duras penas. Tal medida de exceção é anti-cristã e fere a sublimidade da graça de um governo cristão e democrata, sobre querer acorrentar o sentenciado à sua vida pregressa, à natureza do delito praticado, em permitir-lhe e admitir-lhe a emenda, a regeneração.

Há, ainda, no artigo quarto, atribuições aos esclarecidos Conselhos Penitenciários, que vão além das demarcadas no citado artigo 741 do Código de Processo Penal, que diz o seguinte: "Se o réu for beneficiado por indulto, o juiz, de ofício ou a requerimento do interessado, do ministério público, ou por iniciativa do Conselho Penitenciário providenciará de acordo com o artigo 738".

Agora vejamos o artigo 738: "Concedida a graça e junta aos atos cópia do decreto, o juiz declarará extinta a pena ou penas, ou ajustará a execução nos termos do decreto, no caso de redução ou comutação da pena".

Como se verifica pelo teor daqueles artigos aos Conselhos Penitenciários só caberá o papel de, no caso dos juizes, de ofício, ou do próprio interessado ou da promotoria pública não o fazerem, requererem na forma do artigo predito (741) a extensão, redução ou comutação da pena, competindo aos juizes o cumprimento das demais formalidades adstritas ao supra citado artigo número 738.

Com a presente análise ditada pelo desejo de melhor construir, edificar a já meritória obra do presidente da República — o indulto para os primários é que mais se justifica como medida inadiável, imperativa, justa e humana, a promulgação da Anistia que se acha em curso na Câmara dos Deputados e cujo ante-projeto apresentado para estudos, certo será suprido em suas falhas pelas sábias e douradas emendas dos senhores deputados, em cujos espíritos justos, democráticos e humanitários confiamos, fazendo-os depositários dos destinos que nos aguardam.

Banheiro, pia, cama, mesa, um rádio: aí vive o prisioneiro. É a sua "casa", conforme ele chama pitorescamente ao cubículo.



SEU maior desgosto era o nome: Cantidiana. Gostaria de chamar-se simplesmente Diana ou ter um apelido gracioso, como Belinha, por exemplo. Mas, quem não a chamava pelo nome, é porque preferia a alcunha, igualmente desgraciosa, de Tudinha. O desgosto de ter passado dos trinta sem arranjar marido não era tão profundo. Ainda lhe restavam, quanto a isso, algumas esperanças. Um dia, — quem sabe? — num baile, num pique-nique, um rapaz de fora, talvez um calceiro-viajante, atentaria na sua figura, na sua distinção de maneiras, na sua inteligência, e estava o marido arranjado.

O nome, entretanto, era irremediável. Cantidiana. Nascera, crescera, havia de morrer com esse nome antipático, que lhe fazia mal aos ouvidos, que lhe mexia com os nervos, que ela própria não podia tolerar.

Vivia numa espécie de oposição constante à mãe, guerreando-a quase, por-

que fora ela quem lhe escolhera o nome. Muitas vezes, no curso de uma conversa com os parentes, condenando um ato qualquer da mãe, exagerava, dizendo:

— Mamãe, também, é capaz de tudo... Não vêm o nome que ela me deu? Cantidiana...

— Coitadinha... Realmente, um nome assim é um peso...

Tudo quanto a mãe decidia, ela, autoritária, virava pelo avesso, vingando-se. Talvez o nome, — pensava, — houvesse afastado dela dezenas de candidatos, de rapazes de futuro, com quem poderia haver casado. Realmente, a ninguém ocorre escolher para mulher uma Fredegunda, uma Espiridiana, uma Dorotéia, uma Fellsmína ou uma Cantidiana. O nome, às vezes, embeleza a pessoa. Outras vezes, prejudica-a. Já houve um presidente da República com o nome de Epifânio ou de Flausino, de Hildegardo ou Praxedes? Nunca. Os presidentes têm sido portadores de nomes comuns, mas

Conto de R. MAGALHÃES JUNIOR — Ilustração de A. MOURA

enfônicos, simpáticos: Deodoro, Floriano, Prudente, Francisco, Artur, Epitácio, Washington, Getúlio... O mais complicado, sem dúvida, foi o Washington. Por isso mesmo o arrancaram do poder. Um homem há de gostar, certamente, que sua esposa tenha um belo nome romântico: Laura, Beatriz, Julieta, Margarida... Um nome que se diga com prazer e que sôe bem mesmo nos momentos agudos das discussões domésticas:

— Laura, faça isto! Julieta, mude de

fornecedor! Beatriz, não compre tais vestidos! Margarida, tenha vergonha da cara!

★

Cantidiana não dava gosto dizer, animava. Can-ti-di-ana... Excesso de "aa" e excesso de "li". Duas vogais nasais, de mistura com uma porção de soantes. Pior ainda Tudinha. Era,

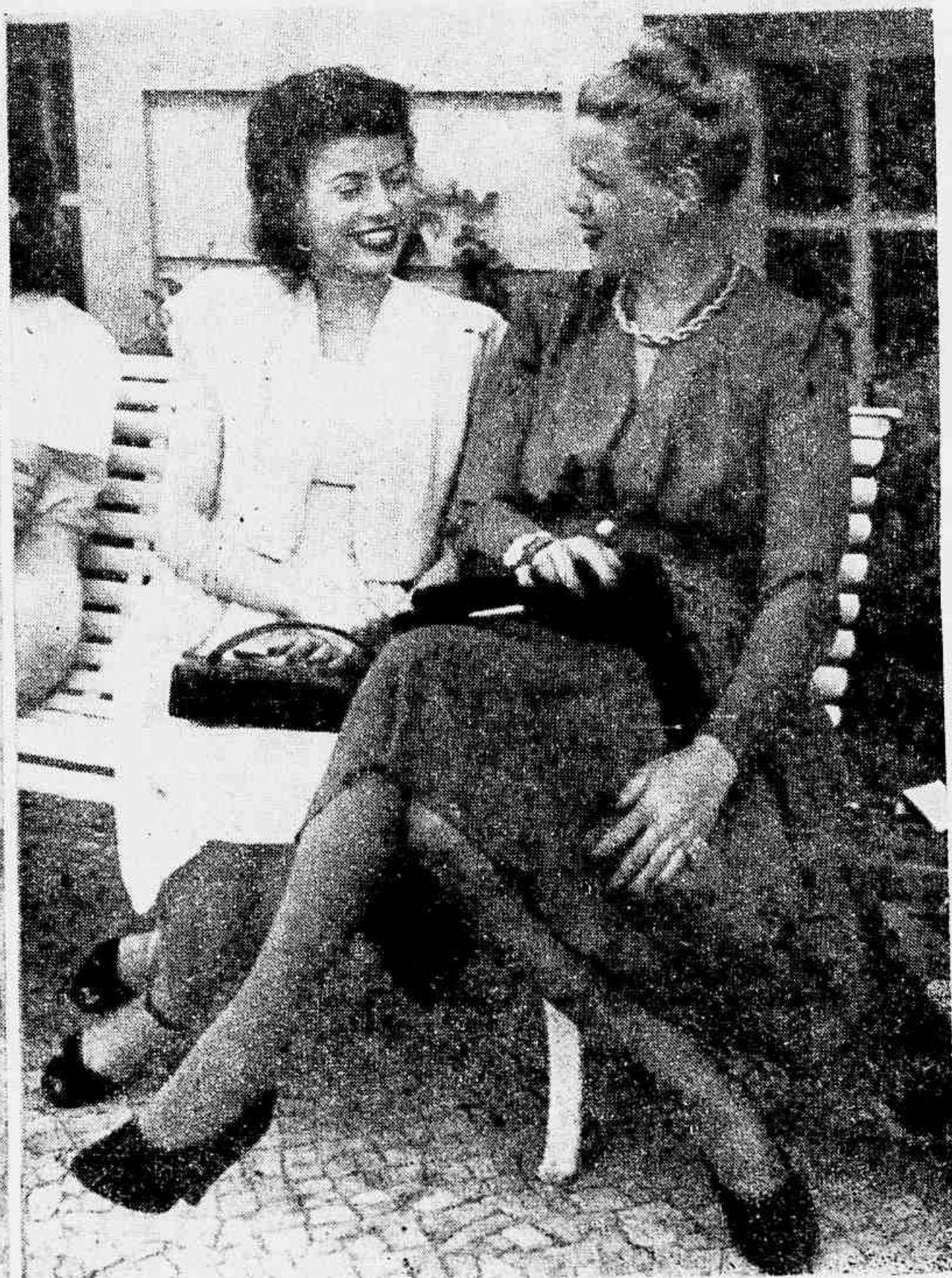
(Continua na pág. 48)

CANTIDIANA



JOCKEY CLUB MUNDANO

O Jockey Club Brasileiro proporcionou sábado último aos seus frequentadores mais uma reunião, à qual, como sempre, compareceram os elementos mais representativos da nossa sociedade. As fotos que aqui estampamos foram colhidas na "pelouse" da Gávea, durante o desenrolar das carreiras.





Aí estão Dinah Shore e George Montgomery, ambos famosos, ela como cantora e ele como astro de Hollywood, mas nem por isso deixam de ser felizes, pelo menos a julgar pela foto. Agora uma pergunta, a que grupo de maridos pertencerá ele? Você, leitora, seria capaz de responder depois de tirar uma linhadazinha?

BOM MARIDO... MAU MARIDO...

O que vem a ser um bom ou mau marido? Muitas mulheres se queixam de possuir maus maridos quando, muitas das vezes, o que existe é apenas um pouco de incompreensão. Em geral, quase todas as esposas gostam de comparar os seus maridos com os das amigas e acabam sempre achando que os outros são melhores... No entanto, é bem possível que para essas amigas o marido ideal seja exatamente o da primeira descontente.

Para que vocês possam saber se possuem um bom ou mau marido, apresente este questionário, o qual deve ser respondido com um honesto "sim" ou "não".

GRUPO A: 1 — Ele a auxilia nos serviços domésticos quando você está "abafada"?

- 2 — Leva-a em suas viagens?
- 3 — Torna-se mais delicado e atencioso quando você está doente?
- 4 — Gosta dos pratos que você faz e os elogia à mesa?
- 5 — Será capaz de retrair-se para evitar discussões?

- 6 — Demonstra interesse pelas suas atividades diárias?
- 7 — Fica orgulhoso quando a vê bem vestida?
- 8 — Presenteia-a mesmo fora de qualquer data importante?
- 9 — Mantém sempre a palavra dada a você?
- 10 — É espontâneo nas suas manifestações de carinho?

GRUPO B: 1 — Costuma criticá-la em público?

- 2 — Tem o hábito de levar para casa visita que você não espera?
- 3 — Fica "emburrado" horas a fio?
- 4 — Chega sempre tarde para jantar?
- 5 — Você tem motivos para se envergonhar dele?
- 6 — Tem necessidade de lhe pedir cada centavo de que necessite?
- 7 — Ele costuma acusá-la de mentirosa?
- 8 — Acha-a extravagante?
- 9 — Já alguma vez ele a comparou à outra mulher?
- 10 — Já alguma vez a ameaçou de pancada?

Agora, some todos os "sim" do grupo "A" com os "não" do grupo "B". Se o total for de quinze para cima, você pode estar certa de que encontrou o marido ideal, e deve fazer tudo para conservá-lo. Se o total é de onze a quatorze, você tem um bom marido; um marido que satisfaria a muitas mulheres. Se o total é de oito ou menos de oito, eu lhe dou os parabéns... Porque é preciso ser um anjo para aturar um marido assim!

K I T T Y

**NOS BASTIDORES
FEMININOS**



VESTIDOS



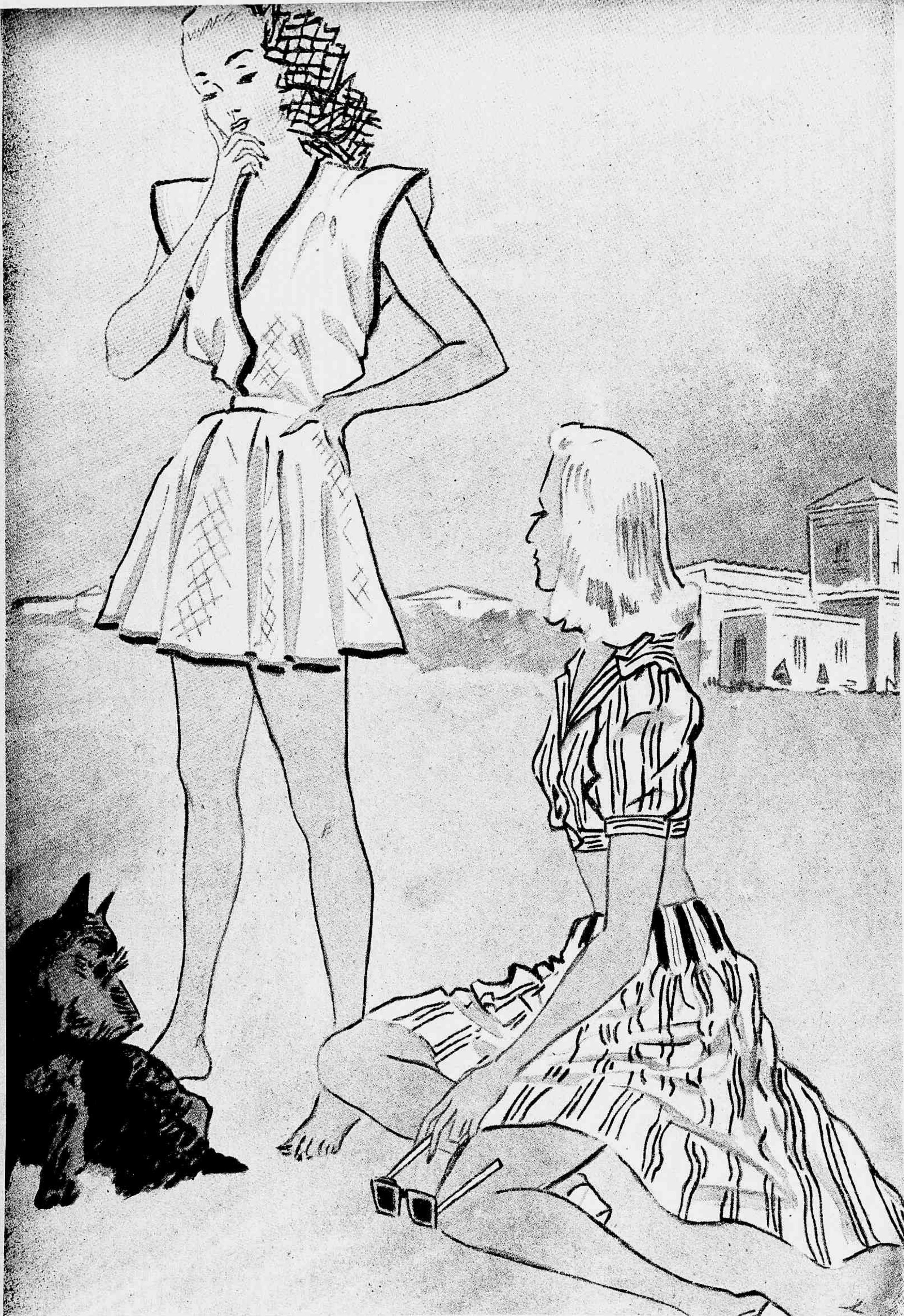
O VERÃO é uma estação alegre. O branco, o amarelo, o rosa e o azul, são as cores que predominam. Também os estampados de cores vivas têm grande aceitação. As mulheres se tornam mais jovens e a sua beleza mais radiante nesses dias de sol. Nessa temporada, estão também em grande moda os bordados, os quais, de fato, dão um aspecto ainda mais alegre a uma "toilette" de verão. Nestas páginas, apresentamos alguns dos últimos modelos que Hollywood nos envia, por intermédio das suas "stars": Traje esportivo bastante gracioso. A saia, de fina lã, em dois tons de cinza, é toda em "machos". A blusa é de seda branca com mangas japonesas e gola alta. Modelo bastante gracioso é esse que a simpática June Allyson, da MGM, apresenta. É de crepe de seda branco, com folhas e diversos tons de verde, bordadas na gola e na saia. Pequenos laços pretos, também bordados, encimam as ramagens da saia e, na cintura, estreita fita



ALEGRES



de veludo preta, termina também em laço na frente. Ann Blyth, da Universal, veste um traje bastante juvenil, composto de saia estampada, fundo branco com motivos mexicanos, franzida, e blusa de algodão com pala e mangas de renda branca de algodão. Modelo esportivo e elegante, usado por Frances Gifford da MGM. E' executado em "shantung" branco, todo aberto na frente, fechando com "eclair" oculto sob larga pestana. Bolso na blusa, saia em panos. Um lenço estampado dá uma nota mais viva ao traje. E agora, temos a sensacional Virginia Mayo, da RKO Radio, num modelo estampado branco e azul forte. A blusa tem decote em "V" com lapela recortada em bicos e as mangas japonesas franzidas e também com recortes. Saia "godet". Vestido de rayon listrado. Tira enviezada na frente, de alto a baixo. Laços do mesmo tecido na blusa. Bolsos grandes com listras em sentido contrário. Usa-o Vera Hruba Ralston, da Republic.



PRAIA E CAMPO

Nestas páginas apresentamos às nossas leitoras quatro originais modelos para o verão que aí está radioso e brilhante: Da esquerda para a direita: Traje para a praia em "shantung" branco. Decote transpassado, mangas japonesas. No decote, mangas e saia, vez azul e vermelho. Criação de Madeleine Geroy. Também de Madeleine Geroy é este modelo de algodão listrado. Saia franzida e bolero preso por uma tira em sentido contrário. Saia de linho branco, pintada à mão, usada com uma blusa kimono de linho havana. Criação de Paquin. Vestido azul gris, ombreiras largas, mangas e "plastron" de tecido listrado azul e branco. Modelo de Mad Carpenter.



MODELOS PARA

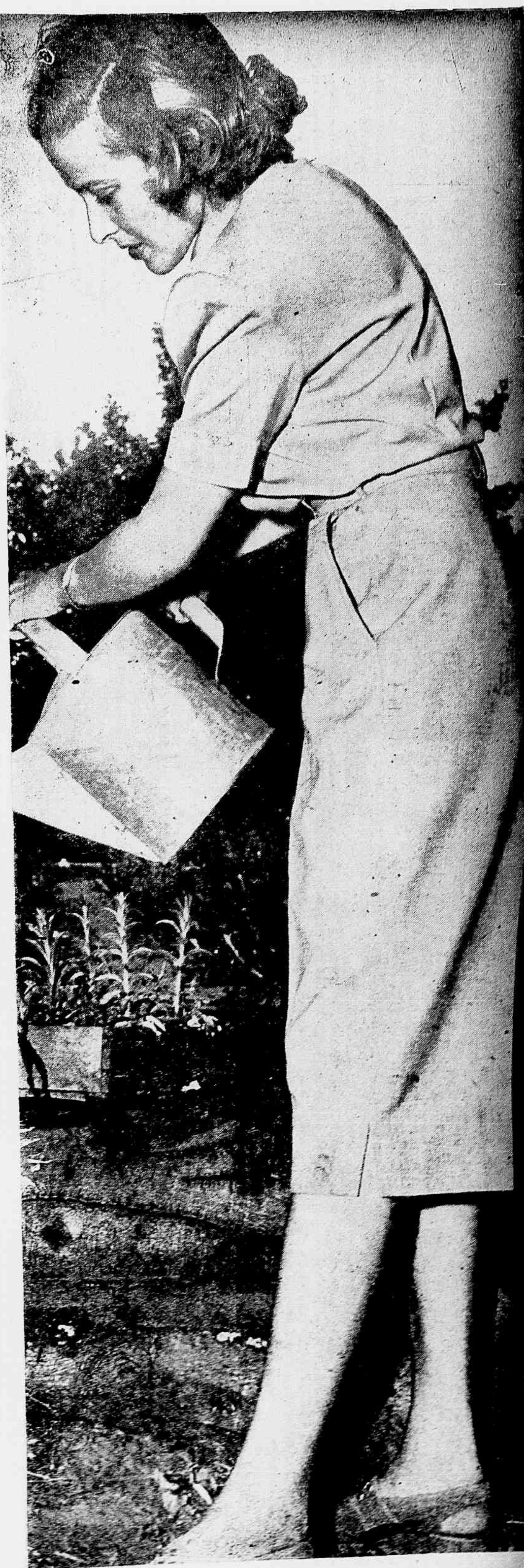


PARA você que se retira do Rio para o costumeiro veraneio, as "estrelas" de Hollywood oferecem elegantes e graciosas sugestões, que vemos nestas duas páginas. Da esquerda para a direita, para começar, temos Dorothy Patrick, da MGM, neste traje muito elegante, executado em lã fina ou linho branco. O bolero tem mangas três-quartos e botões dourados. A calça é também "três-quartos", com bolsos embutidos. Cinto do mesmo tecido com "tachas" douradas. Botões de couro de cabra. Para montaria, Frances

O ESPORTE



Gifford, da MGM, sugere este "calinhado-ímio" traje. O culote é de gabardine azulona. Sobre uma blusa simples de seda ou cambraia branca, ela usa um colete também de gabardine, metade azulona, metade marrom. Angela Greene, da Warner Bros, exibe a sua "classe" num conjunto composto de "short" azul marinho, "sweater" de malha verde e largo cinto de listras muito vivas. Finalmente, Laraine Day, da MGM, usa, para jardi-





SEU PROGRAMA DE BELEZA

FRANCES GIFFORD, uma das mais encantadoras "estrelinhas" da MGM, dá, às nossas leitoras, algumas lições sobre o seu programa de beleza. "A limpeza é o ponto de partida, diz Miss Gifford. Sabão e água são ainda os instrumentos favoritos. Com uma escova macia faça-se uma ligeira massagem (fig. 1). Para que o cabelo cresça depressa e conserve sempre o seu brilho, basta escová-lo todas as noites e fazer duas tranças. As tranças impedem também, que as pontas se quebrem (fig. 2). A lubrificação é o terceiro passo. Um bom creme nutrirá a

pele, dar-lhe-á maior suavidade e evitará que se formem pequeninas rugas ao redor dos olhos e da boca (fig. 3). Quando for à praia, não esqueça duas coisas: o óleo para evitar queimaduras e bronzear, e os óculos escuros (fig. 4). Finalmente na página à direita: Para tonificar e refrescar, nada melhor do que o gelo. Afim de que a pele não se queime, o gelo é coberto com uma camada de gaze. O gelo tonifica, estimula e ainda age como adstringente (fig. 5).







PENTEADOS MODERNOS

EM matéria de penteados, surgem diariamente as mais espantosas criações. Eles se tornam, dia a dia, mais extravagantes e audaciosos...

Aqui, Gail Patrick, da Republic Pictures, exhibe os seus mais recentes penteados, um dos quais tem causado verdadeira sensação.

É uma "torre" de cachos, tranças, ondas, etc., com um "penacho" sobre a testa. A "pirâmide" é mostrada de frente e de perfil, para que não se perca um só detalhe. O segundo, é menos complicado e a sua realização requer menos técnica... Há uma onda sobre a testa, pequenos "boucles" num dos lados e atrás, o cabelo é levado para o lado, formando um grande "boucle".



LÁBIOS RUBROS... PALPITANTES...

O amor cantando em cada vibração.

Para que todas possam alcançar um sonho de mulher bonita, Constance Bennett criou maravilhosos arvífícios de beleza e os oferece em seu lindo estojo "Beauty-Bar" com o Baton "Flipstick".

Constance Bennett

Produtos fabricados e
condicionados nos Es-
tados Unidos da Amé-
rica do Norte.

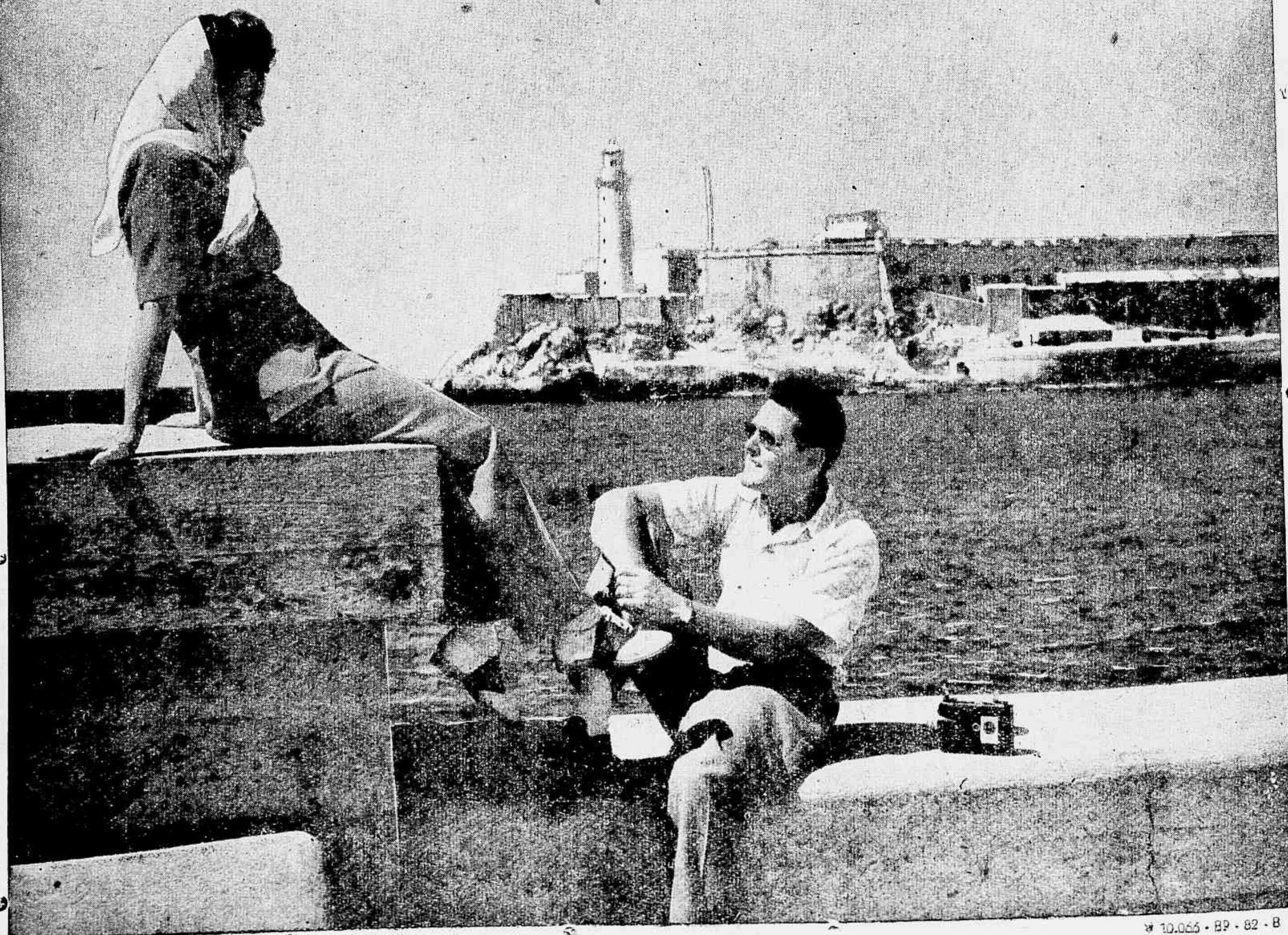


O MUNDO É SEU

PELO *CLIPPER*

Dias e noites de ventura inesquecível guardam V. S. em Cuba... e a sua visita a este maravilhoso recanto tropical será ainda mais memorável se V. S. viajar nos rápidos e confortáveis Clippers quadrimotores da Pan American World Airways. Para suas férias em Cuba consulte o seu agente de viagens ou o representante da PAA mais próximo.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers Voadores





LETRATE MUSICA

NÃO é para falar mal, mas 90% dos versos das nossas melodias populares nos conduzem lamentavelmente a uma triste conclusão: somos um povo de poucas letras. E isso é positivamente o diabo para uma terra de poetas como a nossa. Contudo, o mal não é novo e se agravou de uns tempos para cá diante da passividade geral. Até mesmo as nossas elites são, também, responsáveis por esse retrocesso, porque depois de haverem declamado os lindos versos dos nossos Bilhaques, ao som da Dalila, passaram a colar ouvidos aos seus luxuosíssimos receptores, decorando a baboseiras poéticas cantadas pelas vozes rouque-nhas dos Jorge Veigas do nosso pequenino mundo radiofônico. As letras das nos-sas canções populares breitam do cérebro dos nossos "songsmiths" juntamente com a melodia e, quase sempre, uma prejudica a outra. Raros são os compositores que compõem sobre um texto poético, quando este deveria ser a técnica a se-guir. As vezes dá-se justamente o inverso: a letra é fabricada para a melodia já composta acontecendo, em muitos casos, saírem versos alegres para u'a música triste, tudo isto de mistura com vocábulos encaixados a martelo e sem nexo. Quando, afinal, terminará esse estado de coisas? Para quem apelar? Para a Academia de Letras? Para a censura policial? Para as sociedades de autores? Para as estações de rádio ou para uma greve geral... de silêncio?

NIGHT AND DAY

Fox de Cole Porter

(Do filme de mesmo nome da Warner)

Night and day, you are the one;
Only you beneath the moon
and under the sun.
Whether near to me or far,
It's no matter, darling, where you are.
I think of you, night and day.
Day and night, why is it so,
That this longing for you
follows wherever I go?
In the roaring traffic's boom,
In the silence of my lonely room,
I think of you, night and day.
Night and day, under the hide of me,
There's an oh, such a hungry yearning
Burning inside of me.
And its torment won't be through
'Til you let me spend my life
making love to you.
Day and night, night and day.

SOMEONE SHOULDA TOLD ME

(BONECA DE RINÉ)

de L. L. Kipp e Ary Barroso

(Do filme da Metro "Easy to Wed")

I guess I thought that I was pretty
smart.
I thought that love was just an apple
tart.

How could I know I'd fall
and break my heart?
Someone shoulda told me
Someone shoulda told me
I thought I'd wait for someone sweet
and true.
Someone that I could tell my trou-
bles to.
I waited and I ended up with you.
Someone shoulda told me not to let
you hold me.
My heart was a gay thing (so, so gay)
A merry as May thing (warm as May)
You made it a plaything (say, say, say)
Why treat me that way?

VAGABUNDO

Bolero de Federico Brena

Soy un pobre vagabundo
sin hogar y sin fortuna,
y no conozco ninguna
de las dichas de este mundo.
Voy sin rumbo por la vida.

el dolor es mi condena
y en licor calmo mi pena,
porque el amor es mentira.
No me importa lo que digan
de mi corazon bohemio,
me emborracho porque llevo
en alma una tragedia.
Y así voy por el camino
que el destino me condena
porque al fin seré en la vida
vagabundo hasta que muera.

AMARGURA

Tango de Alfredo Le Pera e Carlos Gardel

Me persigue implacable
su boca que reía,
acecha mis insomnios
ese recuerdo cruel
mis propios ojos vieron
como ella se ofrecía
el beso de sus labios
rojos como un clavel.
Un viento de locura
atravesó mi mente
deshecho de amargura
yo me quise vengar
mis manos se crisparon
mi pecho las contuvo
su boca que reía
yo no pude matar.

Refrán

Fue su amor de un día
toda mi fortuna
conté mi alegría
a los campos y a la luna.
Por quererla tanto
por confiar en ella
hoy hay en mi huella
sólo llanto y mi dolor.

Doliente y abatido
mi vieja herida sangra
bebamos otro trago
que yo quiero olvidar
pero estas penas hondas
de amor y desengano
como las yerbas malas
son duras de arrancar.
Del fondo de mi copa
su imagen me obsesiona,
es como una condena
su risa siempre igual,
coqueta y despiadada
su boca me encadena
se burla hasta la muerte
la ingrata en el cristal.



Uma tradição que volta

guardada pelo
perfumista

L. T. PIVER

perfumes franceses

RÊVE D'OR
FLORAMY
POMPEIA
UM PARFUM D'AVENTURE

perfumes que conservam a pureza da essência

Continental



"BRILHA" SEMPRE !

Em todas as atividades, ela brilha sempre porque a par do apuro no vestir, mantém seus cabelos bem penteados, brilhantes, saudáveis e juvenis. E consegue-o usando Brylcreem que dá brilho, fixa sem emplastar, permitindo repentejar. Brylcreem tonifica a raiz do cabelo evitando a caspa. Isento de goma, amido, álcool e sabão. É produto positivo e científico! Experimente após o permanente. Brylcreem comprado, cabelo penteado!

Mais de 27 milhões de unidades
vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



CABELOS

Em cima: Para conservar os cabelos brilhantes e sedosos, Gloria Grahame, "estrelinha" da MGM, recomenda um bom "Shampoo", massagens no couro cabeludo e o uso diário da escova, pela manhã e à noite. A massagem, diz a encantadora Miss Grahame, fortifica o couro e a raiz dos cabelos e a escova dá-lhes maior brilho. A leitora, portanto, que queira adquirir uma bela cabeleira, só tem uma coisa a fazer: seguir os conselhos de Miss Grahame. Em baixo: Barbara Hale, essa pequena bonita que galgou rapidamente as escadas da fama, oferece às suas amigas do Brasil, duas sugestões para penteados. A primeira, à esquerda, mostra-nos cabelos para o alto, repartidos do lado esquerdo, com ondas profundamente marcadas. A segunda, à direita, tem os cabelos também levantados e torcidos no meio da cabeça, dando idéia de trança.



Cantidiana

(Continuação da pág. 33)

dúvida, por causa do nome que ninguém se animava a cortejá-la, que todos os rapazes passavam ao largo. Não que fosse uma criatura profundamente feia ou destituída do que se convencionou chamar "prendas femininas". Tocava, ao piano, a "Serenata" de Schubert, sem se descobrir que era de ouvido. Fazia "croché" com habilidade e "point au jour" com perfeição. Em matéria de literatura, seria capaz de narrar o enredo de todas as novelas de José de Alencar e de Julio Verne. Escrevia versos rigorosamente metrificados. Pintava almofadões a óleo sobre camurça, seda ou veludo, mostrando a sua ciência de grupo escolar da capital. Tomara lições de bordado na Singer. Estava, pois acima do nível comum das moças do lugar. Nada, senão aquele nome fatídico, poderia justificar o isolamento e o abandono em que vivia.

★

Um dia, na vida de Cantidiana, tudo pareceu mudar, repentinamente. Uma existência nova, iluminada de novas esperanças, clareada por um novo sol, começava para ela. Chegara da capital, com uma simples maleta de roupa branca e uma singela carta de recomendação, um rapaz enfermo, em busca dos bons ares serranos. Estava com o "mal". Era o mesmo que dizer tuberculoso, palavra que soava, ali, como um nome feio, causando escândalo, como se proferi-la fosse uma falta de piedade para com o enfermo. De muitas cidades vizinhas, da capital mesmo, vinham para ali numerosos doentes, embora não houvesse nem médicos nem sanatórios no lugar. Havia, entretanto, leite à farta, que se dava de graça, e um ar que conspirava, permanentemente, contra a vida dos bacilos, em benefício dos pulmões humanos. Hospedavam-se em residências particulares, uns pagando, outros não. Os que não pagavam prometiam gratidão perpétua, cartões postais e presentes que mandariam da cidade. Mas não mandavam uma coisa nem outra. E os que pagavam, podendo comprar outra doença, é que geralmente voltavam, em recaídas atroz. De uma forma ou de outra, sempre animava a cidade e, não raro, os curados se deixavam prender por uma das moças do lugar, convertidas, por interesse próprio, em solícitas enfermeiras. Cantidiana ficou, desde o primeiro dia, encantada com o hóspede. Era um rapaz de futuro. Amanuense da Alfândega por concurso, escrevia versos, usava farta cabeleira, gravata de laço borboleta, sabia tocar violão e cantar modinhas, embora se interrompendo, às vezes, com acessos impertinentes de tosse. Chamava-se Eurico e, apresentando-se a qualquer pessoa, acrescentava, jocosamente, ao primeiro nome: "o presbítero". Tanto bastou para que se generalizasse a esquisitice, tida por muitos, alheios à alusão literária, como uma nova moda da cidade.

— Aqui o coronel Romualdo... O celetor estadual, sr. Boanerges...

— O presbíte, coronel...

— O prebíte, igualmente...

Eurico subornou Cantidiana desde o primeiro instante. Tinha manhas, o rapaz. E era galante e instruído. Disse logo que aquilo não era nome para uma moça. Protestava. Cantidiana? Ah, isso não. Havia de chamá-la Diana, apenas. Diana cu Dianinha, pois não era nenhuma senhora e, hoje em dia, entre as pessoas jovens, é permitida certa intimidade. Cantidiana exultou. Nunca alguém compreendera tão bem a causa dos seus pezares, do seu desgosto íntimo. Tornou-se quase uma escrava do amanuense-poeta, pagando-lhe com a mais transbordante gratidão aquele momento de felicidade e de alegria. Matava-se de trabalho para que nada faltasse ao hóspede. Ela mesma ordenhava as vacas, pela manhã e à tarde, para que Eurico tomasse leite fresco, recém-mugido, ainda quente dos úberes. Gastava horas, suportando o calor do forno, para preparar-lhe biscoitos, pudins, doces de banana, tudo quanto era necessário para um bom e completo regime de super-alimentação.

(Continua na pág. 38)

Apresentando a

FAMÍLIA

SHELL

**PRECIOSOS AUXILIARES PARA O
CONFORTO E BELEZA DO LAR...**



LUSTRA-MÓVEIS SHELL ★

As faces dos móveis merecem um tratamento tão carinhoso como as faces femininas. Por isso, SHELL criou o LUSTRA-MÓVEIS SHELL, um verdadeiro creme de beleza para os seus móveis. Não é um óleo comum, é um sub-produto de petróleo, alvo, cremoso, que penetra pelas fibras da madeira combatendo o cupim e evitando as rachaduras e o ressecamento, dando assim um brilho uniforme, sem atrair poeira.



TIRA-MANCHAS SHELL ★

Um dos membros mais úteis da família SHELL, é o TIRA-MANCHAS. Quando menos se espera o TIRA-MANCHAS SHELL salva um vestido, uma toalha de mesa ou outro qualquer objecto de pano, feltro, couro, etc. Não é explosivo, evapora rapidamente sem deixar o mínimo odor. A sua utilidade só pode ser avaliada no momento. Tenha-o, pois, à mão, para fazer face a qualquer emergência.



ÓLEO DOMÉSTICO SHELL ★

Com o óleo doméstico SHELL tudo desliza bem no lar. Máquinas de costura, bicicletas, fechaduras, dobradiças, enfim, toda peça pequena precisa ser lubrificada para evitar a ferrugem e não emperrar. O ÓLEO DOMÉSTICO SHELL é um fino lubrificante mineral, sempre indicado para o mecanismo delicado das pequenas máquinas.



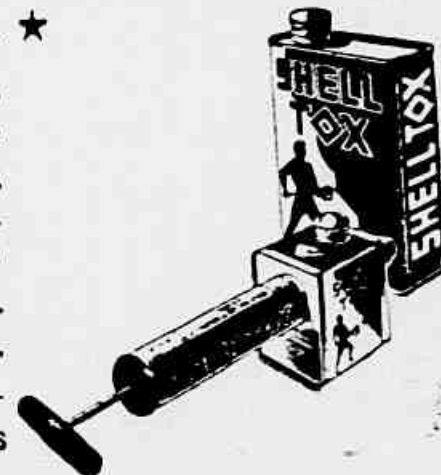
LIMPA-VIDROS SHELL ★

O asseio dos vidros é hoje um trabalho tão fácil como um detalhe de toucador. Basta a pressão dos dedos sobre a bombinha do LIMPA-VIDROS SHELL para que os vidros brilhem como cristal. Não arranha os vidros e dispensa água, esponja, sabão e baldes. Com o emprego do LIMPA-VIDROS SHELL pode-se dar brilho aos vidros sem sequer macular as mãos ou unhas.



FLUIDO PARA ISQUEIRO SHELL ★

Quando um isqueiro falha, a elegância e o bom-humor periclitam. Acescente-se a isso o cheiro do combustível e a fumaça do pavio, e vale mais a pena não fumar. SHELL resolveu esses inconvenientes com o seu fluido para isqueiro, que acende instantaneamente, não falha nunca, não deixa cheiro. Apresentado em latinhas fáceis de manejar, facilita a operação de carregar o isqueiro e é de grande utilidade.



INSECTICIDA SHELL TOX ★

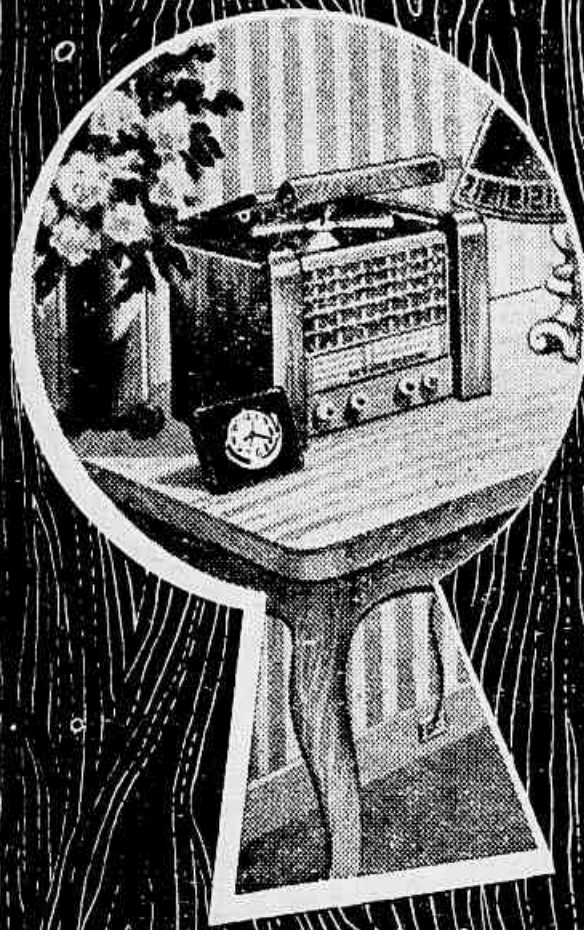
A principal característica do SHELL TOX é não tontear as moscas, pulgas e todos os outros insectos que prejudicam a saúde no lar. SHELL TOX mata-os definitivamente. Acabe com esses "hóspedes" desagradáveis, com SHELL TOX, um insecticida fulminante fabricado por processos especiais, de exclusividade da organização SHELL e submetido a constantes experiências nos Laboratórios SHELL.

Std 813

PRODUTOS DE PETRÓLEO
GARANTIDOS PELA

SHELL-MEX BRAZIL LIMITED

ATRAVÉS DAS PORTAS
QUE LEVAM A UMA



Vida melhor

TRANSPONHA as portas que conduzem a uma vida melhor, permitindo que a General Electric coloque a sua disposição uma série completa de aparelhos elétricos para maior conforto de seu lar. Os rádios-fonógrafos G.E. de Tom Natural levarão a sua sala de visitas o encanto da música de câmara ou popular com uma fidelidade de som incomparável. E lá também não faltará o relógio elétrico G. E.,

marcando os momentos de repouso e de leve espiritual que somente os criados elétricos G.E. — preciosos auxiliares de toda a hora — são capazes de lhe proporcionar. Na cozinha, na copa, na lavanderia, o refrigerador, a torradeira, o misturador de alimentos, a máquina G. E. de lavar roupa estão sempre a postos para tornar mais fácil e eficiente a tarefa das donas de casa.

GENERAL ELECTRIC

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - SALVADOR

RECIFE - CURITIBA - PORTO ALEGRE

8152

O CINEMA É ASSIM...

Uma ária em torno de Mefistófeles, sem esquecer o momento em que o barítono mata o soprano — compositores que poderiam ser confundidos com alfaiates — Para dar côr local, verificou-se a "nacionalidade" dos instrumentos.

Por ROBERTO LYRA FILHO

Especial para a REVISTA DA SEMANA

Os problemas da música de fundo, no cinema, são semelhantes àqueles que fizeram de Aldous Huxley, escritor famoso, um fracasso como autor de "scripts". O romancista inglês, que anda, agora, entregue ao misticismo, conta, em um artigo, como o incumbiram de uma adaptação da obra de Jane Austen, Orgulho e Preconceito, sem a menor intenção de filmarem o alentado manuscrito que ele preparou. Pagavam-lhe — e régimemente — para que seu nome figurasse, nos letreiros, como responsável pelo trabalho. Porém, mal entregou ele a massuda obra aos produtores, imediatamente um exército de auxiliares, auxiliares dos auxiliares e auxiliares dos auxiliares dos auxiliares tratou de cortar os trechos mais importantes, enxertar "piadas", para tornar o argumento mais digestivo ao paladar cinematográfico.

— "Do que eu fiz, só me resta a assinatura", declarou Huxley, com intenções de retirá-la, também. E foi quando ameaçou isso que compreendeu a imensa importância que tinha seu nome, atribuída a ele a adaptação. Hollywood dava-se ao luxo de contratar um "cartaz" internacional da literatura. Mas, por outro lado, não podia deixar que Huxley, artista "granfino", preparasse o produto a ser servido aos fregueses...

Da mesma forma, Schönberg, o atonalista, pai de uma escola musical, hoje uma das figuras mais importantes do panorama musical, aceitou um contrato para compor uma partitura e, quando a ouviu, acompanhando o filme, verificou... que era outra...

VAMOS ACABAR A CARREIRA EM HOLLYWOOD

..Certamente não foi em Hollywood que nasceu a idéia de filmar uma ópera in-

teira e sem cortes, como se fez na França, pouco antes da guerra, por ocasião do aniversário da estréia de Louise, de Charpentier, que Grace Moore estrelou, com Georges Thill.

Em Hollywood tudo é rápido, condensado, tipo "Seleções". Mesmo as obras de arte, os produtores as exigem curtas e... "movimentadas".

S. N. Berhman, o conhecido dramaturgo americano, pôs na boca de um compositor desolado a confissão tímida de que ia compor música de fundo para o cinema. Dizia aquilo como se tivesse contando um crime cometido contra sua integridade artística.

Precisamente que espécie de degradação é essa seria difícil explicar. Aliás, essa "vergonha" não pode ser considerada de uma maneira absoluta, uma vez que Aaron Copland, por exemplo já emprestou a mais de um filme famoso o seu talento, em "scores" respeitados, em suas mínimas notações.

Mas a realidade é que existe, de fato, uma série de histórias a respeito da participação de artistas famosos em Hollywood que bem merecem ser contadas.

Oscar Levant, por exemplo, que andou por lá, fabricando partituras sob medida, tem, no seu repertório infindável de anedotas uma, muito engraçada, a respeito da "côr local" que indica o grau de compreensão dos diretores.

"CÔRNO INGLÊS..."

A função desempenhada pela música, na sua função de fazer ressaltar a história com uma acentuação de seus aspectos mais sensacionais deve condicionar o trabalho do Compositor-Cinematográfico. Assim, música convenientemente sinistra para cenas de terror, música leve e saltitante para cenas de despreocupada

Aaron Copland já compôs várias partituras para filmes de sucesso, sem se comprometer...



ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN



Arnold Schönberg — Dele, só sobrou a assinatura...

alegria, música descritiva, desde a que descreve as más intenções de um assassino, traduzindo as caretas correspondentes do intérprete, na tela, até as más intenções dos conquistadores baratos, traduzindo, igualmente, caretas de outra espécie — olhos semicerrados, fala doce...

Assim, tratava-se de sugerir, musicalmente, uma campina verde, estendendo-se, com leves elevações, paisagem tipicamente inglesa. Levant fizera o possível. Mas o diretor não estava satisfeito:

— Não, senhor. Não é nada disso.
— Mas, que é que há com a música?
— Não serve. Não descreveu nada... Não é suficientemente... inglesa...

A falta de um dicionário músico-literário, que traduzisse palavras em notas, era impossível ser mais fiel na descrição... musical.

— Não sei fazer melhor.
— Será possível! Para que é que nós estamos lhe pagando?
— Para compôr. Não para seguir seus caprichos.

Qualquer outro patrão que não fosse o típico "boss" americano teria despedido Levant, naquela mesma hora. Mas a verdade é que os diretores têm um prazer especial em discutir com os ajudantes. Assim, o nosso diretor em questão, voltou-se para o compositor e confundiu-o com uma observação fulminante:

— Ora bolas! Para tornar uma "paisagem" musical bem inglesa... use corninho inglês... O instrumento justifica tudo...

CONSTRUINDO MEFISTÓFELES...

O leitor, certamente, já ouviu falar em várias, canções, música de toda a espécie, composta especial para um intérprete. Mas será que já conhece, também, o caso de música composta em torno de uma fantasia?

Pois é mais um caso extraordinário que sucedeu em Hollywood.

Tratava-se de um filme policial, passado num teatro de ópera. O criminoso, vestido de Mefistófeles, devia, a certa altura, matar o soprano com um punhal.

O que o compositor tinha a fazer, portanto, era compor uma ária apropriada.

ARIAS COMO TERNOS, COMPOSITORES COMO ALFAIATES

Essa mania descritiva pode ser levada ao cúmulo. Erich Wolfgang Korngold, que Hollywood importou da Alemanha, tem manias verdadeiramente desconcertantes.

Certa vez, por exemplo, ele foi encarregado de um destes trechos de "música descritiva", muito apreciados pelos estúdios.

Eu tenho uma teoria a respeito da música descritiva, explicou Korngold. A maneira de conseguir que a música descreva perfeitamente o personagem como a ação é observar o intérprete o mais atentamente possível, de modo a absorver-lhe as características essenciais e captar-lhe o ritmo dinâmico...

Se alguém entendeu a explicação, pode afirmar que foi mais longe do que os produtores de Hollywood. Mas, como estes são, sobretudo, homens práticos, reservaram seu julgamento para depois de ver a obra completada. Assim, esperaram que Korngold, depois de expor sua teoria pusesse mãos à obra.

O primeiro filme de que ficou encarregado o compositor era uma história em que James Cagney figurava. O rito ao qual foi submetido o ator, entretanto, foi dos mais complicados.

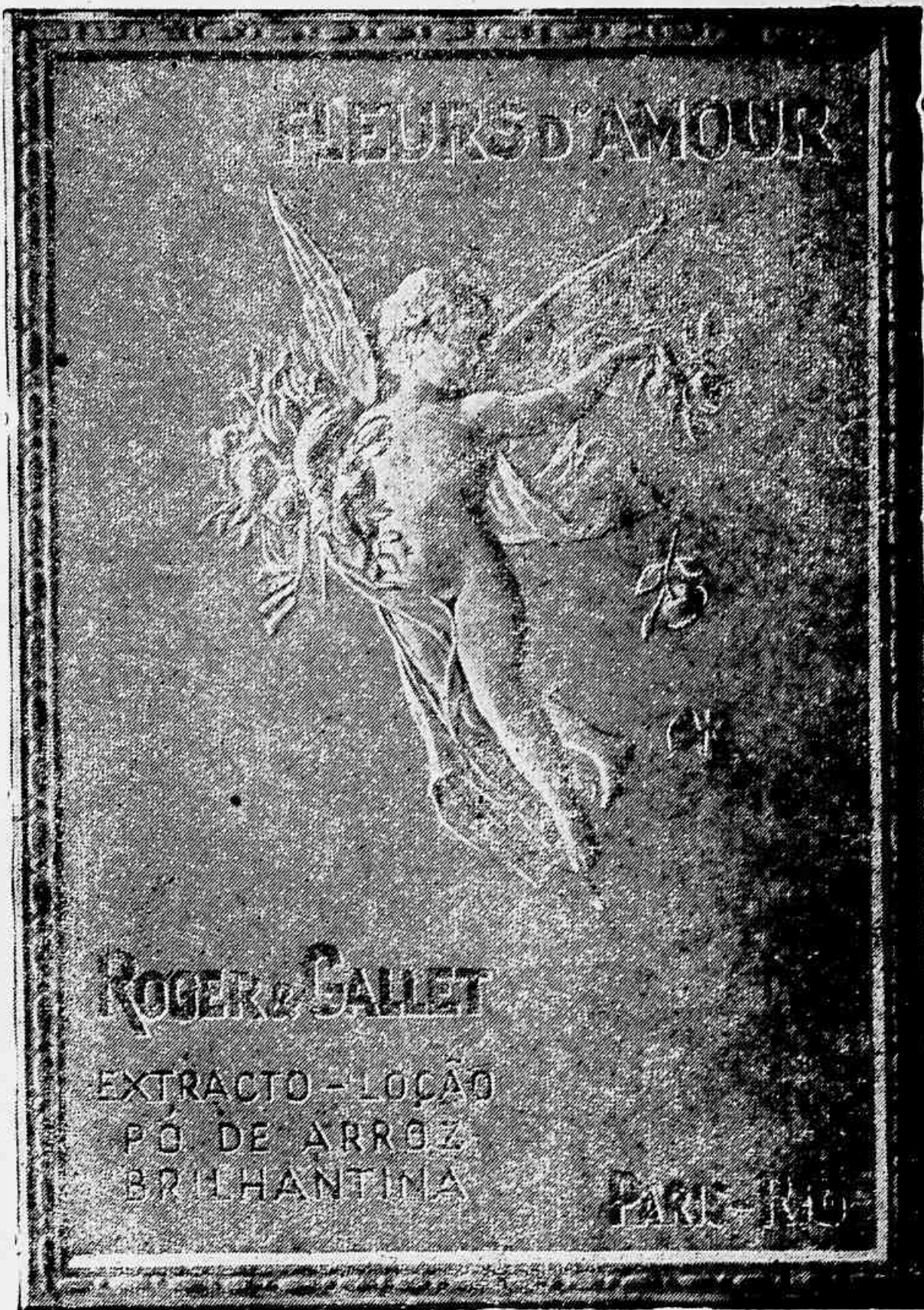
Korngold abordou-o, certa manhã, e disse:

— Mr. Cagney, preciso falar com o senhor.
— As suas ordens.
— Quando pode "pousar"?
— Pousar?!
— Sim. Quero compôr alguma coisa que o descreva perfeitamente.
— E para isso é preciso pousar?
— Sem dúvida. A música é como um retrato. Olhando é que se aprende bem...

E, durante várias horas, em que James Cagney, num pé e noutro, se impacientava, Korngold media-o, com a vista, com ar de alfaiate que vai preparar uma roupa.

Findo o exame, Cagney confiou a um amigo:

— Fiquei esperando que ele me dissesse. Passe aqui na próxima semana, para provar o terno...



MICHEL...
Para lábios
que atraem beijos

Sedução ardente e arrebatadora
será privilégio de seus lábios quando
usar o novo, vibrante e atraente matiz
Mariposa que, como todos os outros
batons Michel, tem uma base magicamente
suave, espalha-se uniformemente e
permanece por mais tempo. Experimente
hoje o baton Michel Mariposa ou
qualquer das outras 10 incitantes
tonalidades naturais Michel.

Michel
NEW YORK - PARIS - LONDON

BATON — PÓ — ROUGE — MÁSCARA — SOMBRA — MAQUILAGEM CAKE

LUTA PELA BELEZA

Na luta incessante pela sua beleza, pela sua boa aparência, pela sua estética, a mulher não poupa sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente a toda sorte de regimes, massagens, ginásticas, etc. Censura nenhuma ela merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção ou pela conservação de sua beleza ela nada mais faz que lutar pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode, pois, censurá-la em relação ao objetivo de sua luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios nem sempre eficazes e adequados de que ela lança mão para atingir esse objetivo. Quantas moças e senhoras tratam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobrancelhas, de sua boa aparência, enfim, esquecendo-se do principal: de sua saúde íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos cremes, tinturas, etc. Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, de afastar perturbações, que são geralmente a causa primeira dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento visando assegurar a sua beleza, garanta a regularidade de seu organismo, combata os males do seu sexo e os afaste definitivamente recorrendo ao remédio que é fabricado de acordo com a natureza deles: **REGULADOR XAVIER**. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — lhe dará saúde, saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável de sua beleza! Grave bem: **REGULADOR XA-VI-ER**.



Sábado 7 do corrente, o "Golden-Room" do Copacabana Palace Hotel viveu um de seus grandes momentos de elegância. E' que naquela noite completando o ambiente de distinção ali reinante, a Civia S/A, fez distribuir entre as senhoras presentes, frascos do perfume "Hattie Carnegie", um produto que dia a dia se impõe pelas suas excepcionais qualidades. Dando um cunho de maior interesse e beleza, a distribuição foi feita por uma "girl" do Copacabana, que ostentava elegante vestido na forma característica do frasco grande do "Hattie Carnegie".

Em São Paulo...
e sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

Túnel para automóveis através do Monte Branco

NOVA YORK (SIPA) — Encontra-se atualmente em vias de construção através do Monte Branco, na fronteira franco-italiana, um túnel para automóveis, o qual virá encurtar em cerca de 96 quilômetros a distancia entre Paris e Roma por estrada. O túnel em questão, que terá um comprimento de 12 quilômetros, e duas faixas de rodagem, isto é, uma em cada sentido, encurtará consideravelmente a distancia entre a cidade italiana de Aosta e a vila francesa de Chamonix.

Há duas magníficas estradas de rodagem à volta do Monte Branco, o mais alto dos picos alpinos, que se ergue a 4.810 metros sobre o nível do mar. Uma delas passa pela Suíça, e é preciso percorrer cerca de 145 quilômetros para viajar entre Aosta e Chamonix. A outra, que é mais tortuosa, exige um percurso de 201 quilômetros entre os mesmos pontos. Chamonix é um popular centro invernal para o esporte de "ski", para a patinagem no gelo e para o alpinismo. Sua população permanente é de menos de 4.000 habitantes, mas há ocasiões em que, no decurso de um ano, chegam a passar por lá 150.000 forasteiros que ali vão para desfrutar dos referidos espor-

tes. O mês mais movimentado é o de janeiro.

Aosta, antiquíssima cidade que data do tempo do imperador Augusto, tem cerca de 25.000 habitantes. Suas indústrias principais são a do aço e a da extração do magnésio.

Segundo cálculos feitos antes da guerra, o novo túnel virá a custar cerca de 20.000.000 de dólares, e espera-se terminar a obra dentro de quatro anos. A construção do túnel do Monte Cenis, o mais antigo dos túneis ferroviários dos Alpes, e cujo comprimento é de 13 escassos quilômetros, levou quatorze anos. A do São Gotardo, com 14 quilômetros de comprimento, levou dez anos, e a do famoso túnel do Simplon, com 19 quilômetros, ficou terminada em oito anos.

**ADQUIRA O DIREITO
DE SER JOVEM E BELA**
Usando

VELAS ANTISSEPTICAS

TAVARES

MARCA REGISTRADA

AGORA EM NOVA
EMBALAGEM



Em todas as farmácias e Drogarias do Brasil



LOURDES, ESTOU LOUCA
DE DOR NOS PÉS! QUE
REMÉDIO ME ACONSELHAS?

PORQUE NÃO EXPERIMENTAS OS PRODUTOS
DO DR. SCHOLL? ELES DÃO ALÍVIO A
QUALQUER DOR OU MAL ESTAR DOS PÉS.



Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFORTO DOS PÉS

RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO RUA AROUCHE, 71 - S. PAULO

TENDO OS PÉS DOLORIDOS, TODO O SEU CORPO DÓI!
Como é martirizante andar o dia todo com os pés cansados e doloridos! Para qualquer mal-estar dos pés — calos, calosidades, joanetes, arcos fracos ou caídos, ardência, cansaço, transpiração, mau cheiro, etc. — existe um

remédio do Dr. Scholl: Suporte de Arco, Zinno-pads, Bálsamo Pédico, Redutor de Joanetes, etc., que proporcionam alívio imediato. Todos os produtos do Dr. Scholl são de resultados cientificamente comprovados. A venda em toda parte, por preço insignificante.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aplicam-se dia a dia.

Agora já tem o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a pele.

Depois de aplicar este creme observe como a sua pele ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente seca. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e espinhas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele alva e sadia volta a aparecer com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o

A VIDA DE VOLTAIRE

(Continuação da pág. 22)

po, ao descobrir nele átomos vivos. O seu espanto transforma-se em divertimento quando lhe referem, esses átomos, serem criaturas humanas dotadas de alma imortal, feitas à imagem de Deus, que se consideram o centro do Universo!

Fazendo perguntas para conhecer alguma coisa a respeito da vida deles, ouve o habitante de Sirius que esses minúsculos e engraçados bichinhos dedicam a maior parte de seu tempo a manterem-se uns aos outros. "Neste mesmo momento", informa um dos filósofos, "há um milhão de criaturas de nossa própria espécie, cobertas de chapéus, matando um número igual de seus semelhantes, cobertos de turbantes... O objeto dessa disputa", continua o orador humano, "é um montículo insignificante de terra (chamado Palestina...) Não porque haja, entre esse milhão de pessoas que se cortam mutuamente os pescoços, alguma que pretenda ter algum direito à menor partícula dessa gleba. Não se trata de decidir se ela deve pertencer a alguns dentre os homens que lutam, mas de decidir se há de ficar com uma certa pessoa, conhecida pelo nome de sultão ou com outra pessoa que (não sei por que razão) é dignificada com o nome de Rei... E isto (essa matança sem sentido)", conclui o filósofo, "verifica-se na terra desde tempos imemoriais".

Tais, pois, são os átomos loucos que habitam esta terrazinha engraçada, ponderam os dois viajantes celestiais. Entabulam conversação com o minúsculo filósofo (discipulo de Locke) e acham-no

uma criaturazinha bastante amável. Há, contudo, infelizmente, um erudito no navio, sujeito papagueante com um boné quadrado e paletó comprido, que interrompe a conversação dos filósofos. Medindo de alto a baixo os visitantes celestiais, declara que eles e o seu mundo, os seus planetas e os seus sóis e as suas estrelas, tinham sido criados unicamente, em benefício do homem. "Diante desse discurso deram vasa, os nossos viajantes, a esse riso hilariante e inextinguível que, segundo Homero, é apanágio dos deuses. Os seus ombros e os seus estômagos agitavam-se para a frente e para trás e, nessas convulsões, caiu o navio que o habitante de Sirius retinha na unha, dentro do bolso traseiro da calça do habitante de Saturno".

Este retirou o navio do bolso, colocou-o de novo sobre o mar e encetou, com o companheiro, a jornada de regresso aos seus lares celestiais. A terra, concluíram eles, é um asilo de lunáticos para os habitantes dos outros planetas que tenham enluquecido.

★

Não foi "Micromegas", o único livro que resultou da visita de Voltaire à Inglaterra.

ra. O seu livro "Cartas sobre os Ingleses" foi obra de muito maior importância, se bem que menos divertida do que o seu "Micromegas". Nessas cartas, procurou ele realçar o contraste entre a liberdade dos ingleses e a escravidão dos franceses. Fê-lo, todavia, indiretamente, alternando o riso com a verdade. Sem se referir, realmente, ao sistema autocrático da monarquia francesa mostrou a sabedoria do sistema de governo britânico "que permite ao rei todo-poderoso fazer o bem, mas que lhe ata as mãos ao tentar fazer o mal". Elogiou a Câmara dos Comuns, "que, seja embora a segunda em dignidade, é a primeira em influência". Louvou o sistema britânico de tachação. "Toda a gente na Inglaterra paga", disse ele. "Cada qual dá, não de acordo com a sua classe, mas de acordo com a sua classe, mas de acordo com a sua renda". Chamou a atenção para a sorte feliz do camponês britânico posta em paralelo com a de seu irmão francês. "Os pés do camponês (britânico) não são machucados por tamancos; ele come pão branco; veste-se bem; não hesita... em cobrir o seu telhado de telhas, com receio de que os impostos sejam aumentados no ano seguinte... Não desdenha

lavar o solo que o enriquece. Nele vive como homem livre". Acima de tudo, aplaudia Voltaire a relativa liberdade de palavra existente na Inglaterra. "Cada qual tem o direito de falar em público... ou de ter impressas, as suas idéias sobre os negócios públicos".

Contudo, apesar de sua admiração pelos ingleses, sentiu-se feliz quando, sendo-lhe revogado o exílio, permitiram-lhe tornar a Paris, pois a neblina de Londres penetrava-lhe os ossos e ansiava estender os "membros murchos", mais uma vez, ao calor do sol parisiense. "Amo a Inglaterra", disse ele, "mas, afinal de contas, quero viver em Paris".

E assim, voltou a Paris após um exílio forçado de três anos — mas, pouco depois encontrou-se, novamente em grandes dificuldades. "As suas Cartas sobre os Ingleses", que não escrevera para serem publicadas e sim para serem distribuídas particularmente, vieram à luz sem o seu conhecimento, impressas por um editor desonesto. Caiu um exemplar em mãos de um funcionário do governo, que o tomou pelo que fora, realmente, destinado a ser — uma carga de explosivos oculta num iate de prazer. Essa espécie de dinamite era perigosa demais para a se-

Quina Petroleo ORIENTAL, finamente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



Quina Petroleo
ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

gurança do absolutismo francês. O livro foi queimado em público e emitida uma ordem de prisão contra Voltaire. Mas este não tinha desejos de fazer nova visita à Bastilha e fugiu das garras da polícia — diretamente para os braços da amante.

Esta jovem dama, a Marquesa du Châtelet, era casada e já dera três filhos ao marquês. Tendo cumprido os seus deveres matrimoniais, estava agora preparada para atender aos seus prazeres extra-conjugais. O que era perfeitamente conforme com a moda da época. O marquês andava fora com o seu regimento, e Voltaire se valeu da ausência do velho fidalgo para assenhorear-se da esposa e do castelo. A marquesa du Châtelet era a mais extraordinária mulher de sua época. Alta, imperiosa, imponente, dir-se-ia uma verdadeira Venus sedutora, sempre que se adornava com os seus trajes de sociedade. Vivia, porém, a maior parte do tempo com os dedos sujos de tinta e envolvida num velho avental preto, a sondar os mistérios da química, da física, da filosofia e da matemática. Ficava não raro, a observar toda a noite as estrelas através de um telescópio. Em seus momentos "de lazer" traduzia os "Princípios" de Newton e a "Eneida" de Vir-

gílio. Era uma dessas raras criaturas dotadas de um magnífico espírito num corpo magnífico. O seu castelo, em Cirey, onde presidia o gênio de Voltaire, transformou-se no templo das festas dionisíacas e das disputas filosóficas. Lá, entretinham, Voltaire e a marquesa, os espíritos mais brilhantes do tempo. Das cartas de alguns desses visitantes aos amigos, podemos colher uma íntima descrição da vida colorida de Cirey. O filósofo e sua amante madrugavam e trabalhavam em seus próprios escritórios até à hora do almoço, geralmente servido às dez e meia. Depois do almoço, Voltaire convidava os hóspedes para uma palestra irregular na ante-câmara do seu escritório. Durava essa conversa, precisamente, meia hora, ao fim da qual se inclinava Voltaire e os presentes se retiravam. Os hóspedes tornavam, então, aos seus escritórios e trabalhavam até às nove horas da noite, quando era anunciada a ceia. Durante o dia, enquanto trabalhavam os hóspedes, os hóspedes podiam divertir-se cada qual à sua maneira. Se algum, dentre eles, fosse assaz considerado para visitar Voltaire em seu escritório, não encontrava aí, poltrona onde pudesse sentar-se. Porque aquela era uma sala de trabalho e não

CORTE E COSTURA



Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude EM SUA PRÓPRIA CASA, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais. Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS
ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal, 5058 - São Paulo

486

GRATIS

Cada aluna receberá:
Figurinos da última moda — Carteira de identidade — 100 cartões de visita — Serviço especial de consultas sobre o curso.

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME.....

RUA.....No.....

CIDADE.....

ESTADO.....

Falamos todos por experiencia propria:



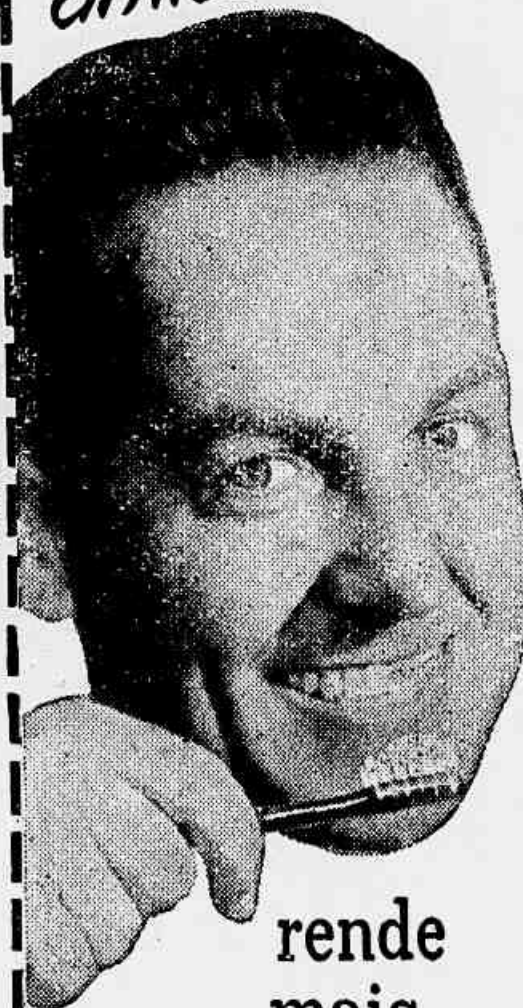
**limpa
mais**

Kolynos restitue ao sorriso o seu encanto natural. Com a ajuda da escova seca, a sua borbulhante espuma atinge todos os recantos da boca. Kolynos limpa os dentes e arranja o esmalte.



**agrada
mais**

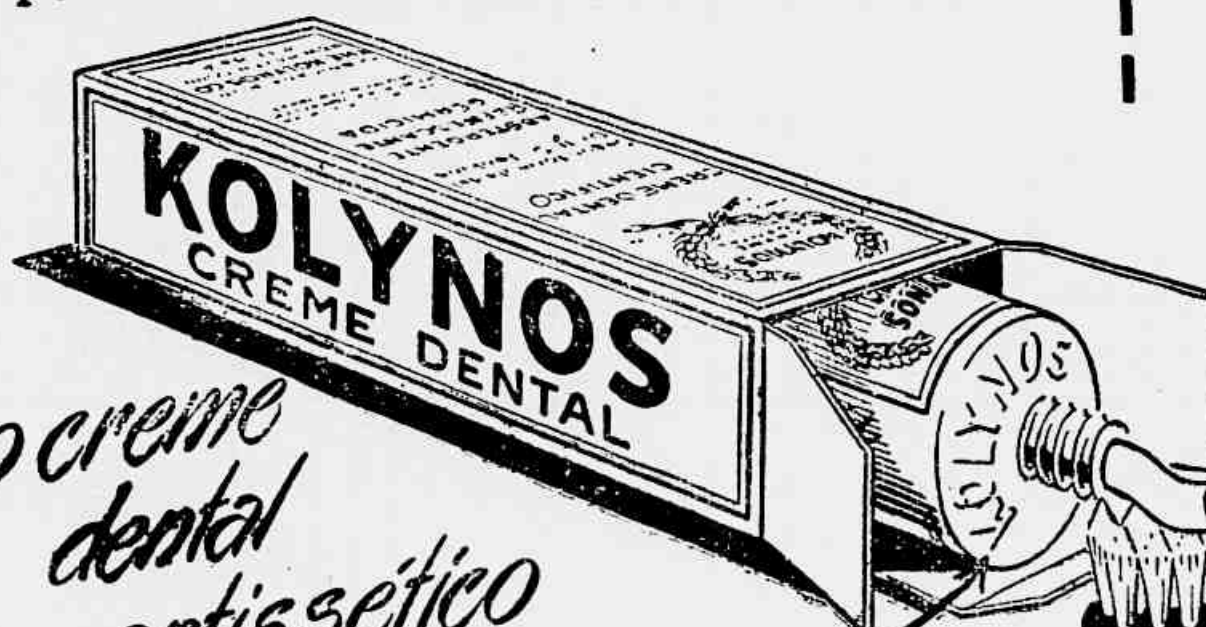
Kolynos encanta, refresca a boca, perfuma o hálito... É que Kolynos não é um simples dentífrico: é um creme dental antisséptico, agradável a adultos e crianças.



**rende
mais**

Claro que rende mais! Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.



*o creme
dental
antisséptico*

*basta um cm.
na escova
seca!*

K103PH

de diversões. A ceia, entretanto, expandia-se Voltaire em sua exuberância e jocosidade características e nunca, depois do banquete de Platão, presenciou o mundo algo tão brilhante como os jantares em Cirey. Voltaire distraía os seus hóspedes com o seu melhor vinho, fazia representar para eles as suas peças mais divertidas e fazia-os rir, às gargalhadas, com os seus romances satíricos. Pois foi em Cirey que ele começou a escrever aqueles maravilhosos contos de fada para crianças — "Candide", "O mundo como é", "Zadig", "L'Ingénu" e a "Princesa de Babilônia".

Não são, as personagens principais dessas histórias, criaturas de carne e osso, senão figuras que Voltaire vestia de suas idéias favoritas. Mas que suntuosas idéias! Que fantásticos vestidos lhes emprestava! O seu "Candide", o mais interessante desses romances, foi escrito em três dias. A sua pena, literalmente, "ria-se à medida que corria". Ele provou nesse livro que o mundo em que vivemos é o pior de todos os mundos possíveis. Jamais poderia ter escolhido assunto mais fúnebre para uma história. Contudo, o próprio desespero, ao toque mágico do gênio de Voltaire, pode transformar-se em adorável jogral. "Candide", o Evangelho do Pessimismo, é um dos livros mais alegres na história da literatura.

Os seus outros romances são, também, um convite ao riso. Ele pede aos homens que se riem ante o espetáculo dos próprios padecimentos — e da própria estupidez. Em "L'Ingénu" põe em paralelo a saudável simplicidade do espírito de um selvagem e as complexidades e corrupções do espírito civilizado. Um índio hurão é trazido da América para a França e os missionários, sinceramente desejosos de salvar-lhe a alma, intentam convertê-lo ao cristianismo.

Faz, o hurão, um estudo do Novo Testamento e oferece-se, depois, para a circuncisão e o batismo. "Porque", observa ele, "todas as personagens do Novo Testamento são circuncidadas. E' portanto, óbvio que a gente precisa tornar-se judeu antes de se tornar cristão".

Depois que lhe é explanado o assunto, prepara-se para o passo seguinte. Mergulha no rio até o pescoço, para o batismo. Quando o informam os mestres de que já não é costume dos cristãos serem

**CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos
Alimenta a pele — Contra as rugas
A VENDA EM TODA PARTE

**CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante**

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

MENU DA SEMANA

BATATINHAS COZIDAS NA MANTEIGA

Descasque batatinhas, deite-as na caçarola com 1 colher de sopa de manteiga, sal e pimenta. Coloque sobre uma chaleira em que esteja fervendo a água e deixe cozinhar só com o vapor.

Polvilhe com salsa picada e sirva.

GABRIEL RANGEL FONE 4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 35 -- 2º Lº

FILÉ DE HADDOCK A MILANEZA

Ponha de molho, duas horas antes de preparar, meio quilo de haddock. Retire com cuidado pequenos filés, enxugue-os bem e condimente-os com um pouco de pimenta, cebola ralada e meio alho socado. Passe-os em farinha de rosca e frite com azeite.

SOUFFLÉ DE BISCOITOS

Ponha de molho, em meio litro de leite, 200 grs. de biscoito de champanhe. Depois de bem macios, passe-os pela peneira. Adicione ao "purée" 1 cálice de rum, 100 grs. de frutas picadas e 100 grs. de passas. Junte 4 gemas e por último as claras batidas em neve. Leve ao forno em forma untada. Sirva na mesma forma.

batizados dessa maneira, ele encolhe os ombros, veste-se e vai procurar um padre para confessar-se. Logo que termina a enumeração dos próprios pecados, arrebatado o padre ao confessorário, coloca-se no lugar dele e ordena ao bom sacerdote que, por seu turno se confesse. Porque a Bíblia, insiste o índio, estabelece expressamente que "devemos confessar nossos pecados uns aos outros".

Seguem-se novas explicações, ao que observa o atônito índio: "Percebo que um número infinito de coisas são feitas em vossa pátria que se não encontram em vossa Bíblia e que quase nada se faz do que esta recomenda. Devo acrescentar que isto me surpreende e entristece enormemente".

Prossegue depois, a história, referindo as aventuras e infortúnios que experimenta o selvagem, em virtude de seu contacto com a civilização, até ser, finalmente, levado à conclusão de que só o diabo poderia tê-lo induzido a fazer-se membro civilizado da sociedade. "Os meus concidadãos índios da América", lamenta-se ele, "nunca me tratariam com a barbaridade com que aqui fui tratado. Podem ser índios selvagens e grosseiros, mas os homens deste país são refinados natifos".

E assim por diante, em todos os romances de Voltaire. Nada há, em literatura, o que se possa bem comparar a essas histórias. Elas não têm enredo — ou melhor, cada qual é uma série de enredos desconexos ligados pelo fio da filosofia de Voltaire. Casam os heróis com camponeses e herdeiras e rainhas; perdem a vista e sentem-se felizes por poderem filosofar a respeito; sofrem delusões amorosas e sentem-se infelizes por não poderem filosofar a respeito; aco-



O DIA DO CAFÉ — Organizado pelo Sr. Hector Fernandez, que é o primeiro sentado à direita, foi festejado em Buenos Aires, com grande sucesso, o Dia do Café, a 25 de novembro próximo passado. Este flagrante foi tomado naquele dia e fixa todos os componentes da Câmara Argentina de Café. Brasileiros que se encontravam em Buenos Aires testemunharam o brilhantismo de que se revestiu a feliz iniciativa.

Faça Bolos!!!
...e brilhará perante suas amigas!

ROYAL
FERMENTO EM PO

BÓLO OURO

6 colhs. (sopa) manteiga	1 1/2 chics. farinha
1 1/2 chics. açúcar	1/2 chic. araruta
4 gemas — não juntas	1 colh. (sopa) Royal
1 colh. (chá) essência de limão	1 colh. (chá) sal
	3/4 chic. leite

Amasse a manteiga até ficar cremosa. Incorpore o açúcar aos poucos. Junte as gemas uma a uma, batendo bem após cada, depois a essência. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os aos poucos e alternados com o leite, a massa. Bata bem. Use 3 formas baixas untadas. Forno regular 20 a 25 min. Deixe esfriar. Recheio e glacê: sobre fogo baixo, dissolva 1 1/2 chics. açúcar em 1/2 chic. água. Deixe cozinhar lentamente até ponto de fio. Bata 2 claras em neve. Derrame a calda devagar sobre as claras, batendo sempre. Junte 1/2 colh. (chá) Royal e 1 colh. (chá) suco de limão. Bata até ter consistência para ser espalhado. Junte bananas picadas a parte do glacê que servirá de recheio. Cubra o bolo com o restante. Enfeite com rodela de bananas embebidas primeiro em suco de limão.

O bolo é um símbolo de hospitalidade... É a forma mais acolhedora, carinhosa e festiva de receber as suas amigas... E como sabem disso, elas ficarão encantadas, admiradas!... Vale a pena, portanto, fazer bolos! E desde que se saiba que eles não de elevá-la perante suas relações, não há datas especiais para fazê-los — todo o momento é oportuno. Naturalmente, para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança e de qualidade, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL
a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO



Pete hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o cartão escreva para: C. Postal 3215 - Rio de Janeiro.



Vinhos do Porto e de Mesa

MESSIAS

Armazéns
em
V. N. de Gaia

Caves e Vinhedos
na
Mealhada

PORTUGAL

A VENDA NAS CASAS DE 1ª ORDEM



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO



NUPCIAS — Realizou-se no dia 7 do corrente, nesta capital, o contrato civil e no dia 8 o casamento religioso da Senhorita Vera Scheiner Loureiro, filha do Sr. Manoel Soares Loureiro e Senhora Otília Scheiner Loureiro, com o Sr. Marcelo de Araujo Faria, filho do Sr. João Faria Junior e Senhora Almerinda de Araujo Faria. Foram testemunhas, da noiva: no civil, o Embaixador Ciro de Freitas Vale e Senhora Silvia Moscoso; no religioso o Sr. Gratuliano Brito e Senhora Laura das Chagas Machado. Do noivo: no civil, o Tenente Eugenio Frazão e Senhora Zoraida Frazão; no religioso o Sr. Faria Junior e Senhora.

O presente de Natal

(Continuação da pág. 27)

ombros da esposa, apertando-os suavemente. Nina sentiu então correr todo o seu corpo uma doce onda de calor, como se o sol tivesse entrado de súbito naquele humilde quatinho.

Fechou os olhos e pôs-se a soluçar baixinho, enquanto o marido lhe dizia:

— Vê como é engraçado... Eu tinha juntado um pouco de dinheiro, aqui e ali, fazendo alguns biscates, trabalhando às vezes fora do expediente, para que tivesses um bom presente de Natal... Pobre querida, estás precisando de tantas coisas! Mas ontem, ao sair para o serviço, quando abri a gaveta para procurar um papel, encontrei a cautela, que tu ali esqueceras... Então pensei que o melhor presente seria resgatar o teu colar,

que nunca tiraste do pescoço e que tem tão doce significação para nós. Estavas tão feliz quando o recebeste...

Ela ergueu o queixinho trêmulo e protestou:

— Mas eu sou feliz!

Então ele beijou-a com devoção nas duas faces, depois na boca, murmurando:

— Feliz Natal.

Nina abraçou-se fortemente ao marido, sentindo em seu rosto o roçar dos ásperos cabelos cortados bem rentes. Uma suave esperança empolgou-a, e teve nesse instante a certeza de que tudo passaria, os bons dias voltando em breve, seu mútuo carinho protegendo-os como uma couraça contra todas as misérias e todas as dores do mundo.

Riu no meio de suas lágrimas, respondendo baixo, com o seu coração:

— Feliz Natal, meu amor.

dem em auxílio de pessoas em aperturas e são castigados em paga de seus esforços; cometem crimes e são recompensados com honrarias e riquezas; em resumo, dançam, em todo o espetáculo de bonecos da existência humana, com Voltaire a segurar os fios nos dedos ágeis. O seu espírito é como um poço perpétuo, mas um poço em que borbulha o vinho em vez de água. Bêbedo do humor da vida, entontece o mundo inteiro com o carrocêl do seu pensamento.

Debaixo da casca do seu humor há, todavia, o miolo de uma filosofia séria. Isso é principalmente verdadeiro em re-

lação às duas histórias que escreveu em Cirey — "O século de Luiz XIV" e o "Ensaio sobre os costumes" (uma História da Civilização). Foi Voltaire um dos primeiros denunciadores de falsos valores do mundo moderno. O seu propósito ao escrever história, dizia, era desentronizar os simples pretendentes à grandeza e substituí-los pelos verdadeiros grandes homens. Desprezava os tiranos, os ditadores, os conquistadores, os agressores e os opressores do mundo. Deplorava a tolice do historiadores ao apresentarem esses homens como objetos de admiração aos seus semelhantes. "Tal é a miserável es-



**DENTIFRÍCIOS
PANNAIN**



W. OBERLAENDER

Agradece sensibilizado, os votos de felicidades que tem recebido e deseja aos seus amigos, fregueses e fornecedores um 1947 cheio de venturas.

Rua Senador Dantas 117-A

tupidez da humanidade que ela venera os que praticaram brilhantemente o mal". Por outra parte, Voltaire considerava o Papa Alexandre III como o maior homem da Idade Média, porque "esse Príncipe da Igreja, diversamente dos príncipes nos palácios, tentara libertar os escravos ao invés de escravizar os livres". De feito, o propósito de toda a História é a emancipação física, mental e moral da raça humana, e a arma com a qual essa emancipação há-de ser conseguida é a razão humana. "Deus nos deu a razão como deu penas aos pássaros e peles aos animais... No fim de contas ela consegue sempre levar a melhor sobre os tiranos". Acreditava, Voltaire, no princípio fundamental da democracia, "Vox populi vox Dei", a voz do povo é a voz de Deus. Pode-se confiar ao povo o julgamento do que melhor lhe convém".

Em sua tarefa de denunciar os falsos valores dos grandes, podia transfixar uma personalidade num epigrama como gorbola em alfinete. De Mazarino, o intrigante ministro de Luiz XIV, escreveu: "Este foi culpado de todo o bem que não fez". Pinta Voltaire, em simples e breve sentença, o retrato inesquecível de uma nação morrendo à fome enquanto celebra o eu rei as suas vitórias militares. "O povo perecia à fome ouvindo a música dos Te Deum". E, reiteradamente, avisa os tiranos de que a ambição destes últimos destina-se a redundar em revolução. "Perdeis tudo quando conduzis o povo qual rebanho de touros. Mais cedo ou mais tarde ele há-de escornar-vos e matar-vos".

★

Até aqui, fora, o golpe de vista de Voltaire sobre o-mundo, mais caprichoso que profundo. Era demasiadamente próspero para ser amargo e demasiadamente popular para ser trite. Não vivera ainda o suficiente para ter da vida compreensão adequada. Foi o Puck do século XVIII, o rapazinho dissoluto da Europa intelectual, mas o seu espírito estava ainda imaturo. Não atingira a estatura dos grandes homens porque, até então, não experimentara, ainda, um grande pesar. Havia mister tomar como mestre o sofrimento antes que pudesse ser contado entre os verdadeiros condutores de homens.

Em 1749 morreu Madame du Châtelet e pela primeira vez, esqueceu-se Voltaire, de rir diante da dor. A sua saúde entrou a fraquejar e, ainda por cima, foi de novo exilado de França.

Vieram depois, em 1755, as novas do terremoto de Lisboa. Trinta mil pessoas tinham perdido a vida nessa catástrofe. Muitas das vítimas haviam sido esmagadas enquanto oravam, pois viera o terremoto no dia de todos os santos, quando as igrejas estavam cheias de fiéis.

Voltaire principiou a encarar o mundo sob um novo aspecto e a sua obra assumiu aspecto mais sombrio. O seu magnífico espírito madurara, afinal. Compreendeu que a vida é muito mais que um mero tema de epigramas bem torneados e riso descuidado. Compôs um poema épico no qual retratou a evolução de seu pensamento, da frivolidade para a filosofia.



TINTURA FLEURY

DA JUVENILIDADE AO SEU CABELO

Em poucos minutos com naturalidade voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peca ao nosso serviço técnico todas as informações e solicita o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 400 São Paulo

Nome

Rua

Cidade



Sabonete DORLY

PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Terra

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

Exija!

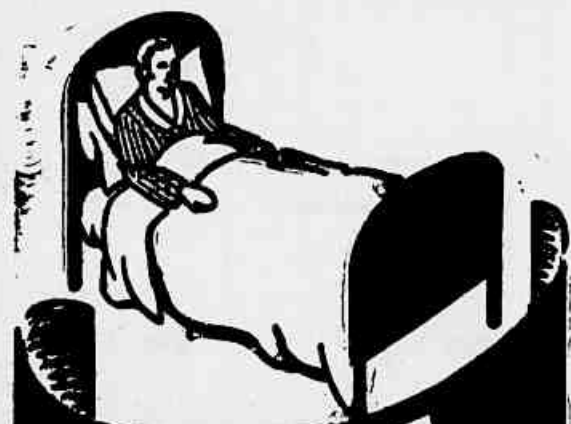


ESSES 5 pontos

REFRIGERADOR NEVE

INDUSTRIAS "NEVE" LTDA.

SÃO PAULO
A VENDA NAS MELHORES
LOJAS EM TODO O BRASIL



ÁGUA
INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVASCENÇAS

Com desadvertida alegria em tempos pas-
sados
Cantei o prazer em rimas sedutoras.
Mudaram os tempos e o destino ensinou-
me o espírito
A partilhar as tristezas comuns da hu-
manidade.

Comprou uma propriedade em Ferney, na Suíça, ao pé das fronteiras de França, e empreendeu vigorosa cruzada contra o sofrimento humano. Atacou toda a casta de injustiça. Publicou uma verdadeira torrente de livros e panfletos, todos escritos com paixão incandescente. Essas obras, em que reluzia a sinceridade de uma nobre fê, eram dirigidas contra os males da opressão social e da intolerância religiosa. Adotou como divisas as palavras "Ecrasez l'infame", esmagai a infâmia da desumanidade do homem para com o homem. Dirigiu a luta não contra as crenças religiosas dos homens mas contra os seus ódios supersticiosos. Não disputava com os crentes, mas com os que exploravam a crença. "Detestemos essas criaturas que devoram o coração de sua Mãe, e honremos aqueles que lutam contra elas". Não era, como comumente se crê, um ateuista. Era deísta. Acreditava na existência de Deus. Em verdade, "se Deus não existisse", dizia, "fora preciso inventá-lo". Mas o Deus de Voltaire não é um rei exclusivo de uma simples ordem eclesiástica. É a "suprema Inteligência do mundo, Obreiro infinitamente capaz" — e infinitamente imparcial. Não tem povo predileto, nem país predileto, nem igreja predileta. Pois para o verdadeiro crente há, apenas, uma única fê, justiça igual e igual tolerância para toda a humanidade.

Voltaire fez muito para diminuir a soma de intolerância religiosa no mundo. Estabeleceu, de uma vez para sempre, o princípio da não interferência no culto religioso. Expulsou a militância da igreja e restaurou, em seu lugar, a moralidade. "Rir e deixar rir" fora o emblema de sua carreira anterior. Substituiu-a, então, por divisa mais esclarecida — pensar e deixar pensar.

Ao passo que essa revolução se operava no espírito de Voltaire, a sua vida continuava, externamente, irrequieta como sempre. Convidado a ir para a corte do Rei Frederico o Grande, lá chegou, oficialmente, como seu secretário literário mas, não oficialmente, como seu professor de esgrima intelectual. Apreciou, Voltaire, a flexibilidade do espírito de Frederico mas não se agradou, antes receou-se, da exuberância de sua ambição. Um dos cortesãos referiu a Voltaire um ditado do rei. "Terei precisão de Voltaire durante um ano, no máximo", dissera Frederico. "Espreme-se a laranja e atira-se fora a casca". Riu-se Voltaire da graça do rei mas não deu a Frederico a oportunidade de pô-la em prática. "Prefiro salvar a casca antes que seque completamente a laranja". Abandonou o rei às suas ambições e voltou à sua filosofia. Reunindo-se ao círculo de Diderot, D'Alembert, Condorcet e os outros iconoclastas que abriam o caminho para a Revolução Francesa, ajudou-os a prepararem a grande "Enciclopédia do Pensamento Livre". Acusaram-no, os Enciclopedistas, de ser cristão e tacharam-no, os cristãos, de infiel, e entre os dois partidos andava ele com as mãos cheias.

No entanto, por mais ocupado que estivesse com as suas controvérsias, com a feitura das suas tragédias, dos seus romances, das suas histórias, do seu "Dicionário Filosófico" e das suas numerosas outras obras — eram cerca de cem ao todo — nunca estava demasiadamente ocupado para lutar ao lado dos oprimidos. Dispendeu o seu tempo, o seu dinheiro e a sua força em contínuos esforços para socorrer as vítimas da injustiça social e da hipocrisia eclesiástica. Edificou casas-modelo para os pobres de Ferney. Construiu uma tecelagem e uma fábrica de relógios para os desempregados, sendo a venda de suas mercadorias, depois de prontas, por ele pessoalmente dirigida — pois era hábil negociante — e entregando aos operários todos os lucros. Construiu para eles uma igreja e nela escreveu estas palavras — "Deo erexit Voltaire" (a Deus erigiu — Voltaire). Porque acreditava em dar aos outros liberdade de culto, assim como esperava que

lhe dessem, os outros, a liberdade de não professar culto nenhum. Tornara-se, em resumo, não só o profeta do bom senso mas o campeão do homem comum. "Toda a gente, longe e perto", escreve Sainte-Beuve, "queria-lhe os bons ofícios; consultavam-no as pessoas, relatavam-lhe os danos de que eram vítimas e solicitavam-lhe a ajuda". E nenhum suplicava de balde.

Era acessível a toda a gente — exceto à "multidão irritante de caçadores de celebridades". Para estes reservava as setas mais agudas do seu espírito. Um dia foi visitá-lo um inglês. "Diga-lhe", disse Voltaire ao criado, "que estou morrendo". Mas o inglês persistia. "Diga-lhe que estou morto", disse Voltaire. Insistiu o visitante em render as últimas homenagens ao cadáver. "Diga-lhe que já fui enterrado e entregue ao diabo. Se ainda assim quiser ver-me, que vá para o inferno".

Cumprira, agora, oitenta e três anos de idade e continuava irrequieto como sempre. Compreendendo que estava próximo o seu fim, fez uma derradeira visita a Paris. A recepção que ali lhe fizeram constituiu "um dos acontecimentos históricos do século". Mas foi demasiado para as suas forças. Obstinou-se, contra o conselho do médico, em assistir à representação de uma de suas peças. Foi a sua última aparição em público. Voltou para a cama para nunca mais levantar-se.

Pouco antes de sua morte conheceu Benjamin Franklin, a esse tempo embaixador americano em França. Queixou-se Voltaire de já não ser tão ágil quanto desejaria ser. "Sinto-me", disse, "como uma estátua com pés de barro". "Sim", retrucou Franklin, "mas com um coração de ouro".

O filósofo americano trouxera consigo o seu neto. Pediu ao filósofo francês que abençoasse o menino. Colocando a mão sobre a cabeça da criança, disse Voltaire: "Deus e Liberdade". São estas duas palavras a soma e a substância da filosofia de Voltaire.

(Do livro "Vidas de grandes filósofos").

Cantidiana

(Continuação da pág. 48)

Eurico não se cansava de exprimir sua gratidão por tantos desvelos. Reclamava, protestando contra os sacrifícios que Cantidiana impunha a si própria:

— Isso é demais! Não trabalhe tanto por minha causa! Francamente, já me sinto vexado...

— Ora... O que eu faço é por gosto... Vivo tão sózinha, que é para mim uma alegria poder ser útil a alguém.

O rapaz, parecendo não compreender a insinuação, continuava:

— Não, senhora... Páre com isso, Dianinha... Senão, não sei com que moeda poderei pagar essa dívida de gratidão...

— Você achará a moeda... Só quero que não seja um ingrato... Que não se vá daqui esquecendo a gente...

A gente, — aí, — poderia ser trocada por um simples pronome pessoal reflexivo. Eurico prometia guardar eterna lembrança do lugar. Aquela terra iria ficar tão ligada à sua vida que jamais poderia olvidá-la. Essas palavras ambiguas valiam, para Cantidiana, como a melhor das promessas. Via-se na capital, casada com o poeta-amanuense, triilhando as mesmas ruas e avenidas por onde tantas vezes passeara, na época em que frequentava o grupo escolar e a escola Singer, menina ainda, hóspede de sua madrinha. Revia a fachada dos cinemas, com letras coloridas, acendendo e apagando. Ouvia, de novo, o som das buzinas dos automóveis, o ruído das feragens pesadas dos bondes elétricos varrendo o calçamento, o Passeio Público, as retretas das bandas do Exército, a velha praça de Pelotas onde se armavam circos e a polícia fazia desordens. Ia voltar para a capital, que fora a delícia dos seus dias de menina e que deixara há tantos anos, ao labentar a epidemia da gripe. Imaginava, já, a inveja das outras, diante de tudo isso, diante do seu casamento feliz com um rapaz inteligente e, além do mais, funcionário da Alfândega, ganhando no doce o dinheiro

do governo. E se desdobrava em cuidados e atenções para com o doente, dando-lhe mais leite, mais biscoito, mais pudim. Eurico parecia resuscitar. Convaler não é bem o termo, pois não exprime a transformação rápida do tuberculoso de tosse seca e olhos encovados no rapaz corado, alegre e robusto, que recobrava, dia a dia, a vitalidade exuberante da juventude sadia de outrora.

Podia, por fim, voltar, reassumir o cargo e entrar, de novo, no ritmo normal da existência plácida de funcionário público e "dilettanti" romântico das musas. Cantidiana recebeu com emoção a notícia da partida. Eurico, sem dúvida, havia de se declarar, vencendo a timidez aparente...

— É pena que se vá tão cedo... Francamente, é pena...

— Por meu gosto, ficaria aqui a vida inteira... Mas não quero continuar a dar incômodo... Nunca passei tão bem como aqui...

O verbo "passar" fora empregado com relação ao estômago. Cantidiana pensou que era com relação aos pulmões e por isso não se ofendeu. E recomendou, procurando encorajar o rapaz:

— Olhe o que prometeu: não vá se esquecer da gente...

— Não esqueço, juro. Seria o maior dos ingratos se o fizesse...

E ajuntou, quase confidencialmente:

— Pode estar certa. Da capital escreverei...

Cantidiana esperou com ansiedade a carta, — que devia ser uma linda carta, cheia de coisas ternas, de palavras doces, de expressões suaves, escolhidas para uma apaixonada declaração de amor. Mas a carta não veio. Todas as semanas, sem que ninguém soubesse porque, ela ia ao Correio, em cuja agência, ao meio dia, cada segunda-feira, era publicamente aberta a mala, enquanto o agente ia apregoando, um por um, o nomes dos destinatários das cartas e pacotes de impressos. Ela esperava até que se esvasiasse todo o enorme saco de lona parda, sem que o seu nome jamais fosse apregoado. Seis meses durava esse martírio, essa ansiedade sem remédio. Ele ainda não conseguia vencer a timidez? Não ousara, ainda, enfrentar a situação? Ou se esquecera dela, da promessa que lhe fizera, dos cuidados e desvelos com que fora tratado? Cantidiana custava a acreditá-lo. Queria guardar uma última ilusão, procurando converter a si mesma de que faltava a Eurico a coragem necessária para a declaração.

Mas a carta veio, afinal, não pelo Correio, mas por um portador. Era um pianista que tocava em um cinema e que ficara, também, tuberculoso.

— A senhorita Cantidiana?

— Sou eu, sim.

— Meu amigo Eurico mandou-lhe esta carta...

— Obrigada.

Apanhou a carta com uma alegria infantil, rasgando imediatamente o envelope.

— Desculpe, mas não posso resistir. Estou ansiosa por lê-la...

Desdobrou o papel e encontrou nele escritas com boa letra de amanuense, estas palavras que pareciam bailar sobre as linhas azuladas:

"Prezada senhorita Cantidiana. — Provando-lhe que não me esqueci do seu interesse, cumprio hoje a minha promessa, escrevendo-lhe, não só para renovar os meus agradecimentos e votos de felicidade pessoal, como para apresentar-lhe meu amigo Aníbal Loureiro, pianista de grande mérito e que, como eu outrora, está um tanto fraco e precisa de bons ares. Poderia tratá-lo com o mesmo interesse com que tão cativamente me tratou? — Gratíssimo, — Eurico.

P.S. — Caso-me breve com uma irmã de Loureiro e, quando vier a esta, espero que se hospede em nossa casa".

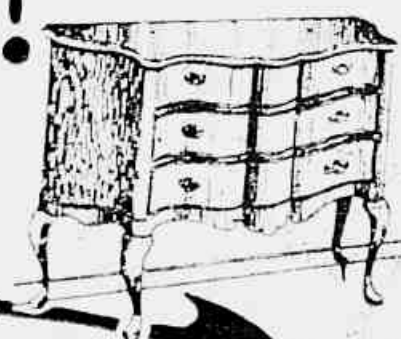
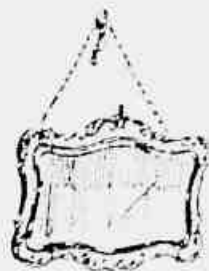
A carta não podia ser mais brutal. Duas lágrimas borbulharam nos seus olhos. Ela podia perdoar-lhe tudo: a ingratidão, o desprezo, o amor pela outra, as palavras cínicas de agradecimento, a remessa do outro tísico, tudo, tudo, menos aquela insultosa expressão do cabeçalho: "prezada senhorita Cantidiana"...



GRANDE VENDA DO 34º. ANIVERSARIO



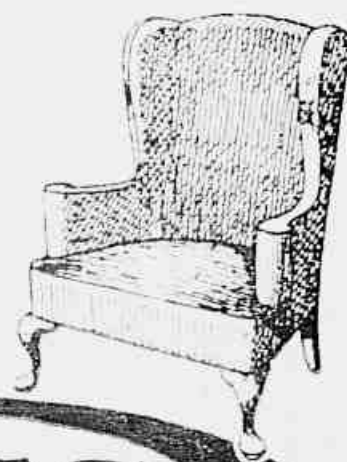
**APROVEITE!
AGORA!**



Presentes distintos

Móveis avulsos — Tapetes
Passadeiras de forração de
todas as larguras, até 3m.50

Preços excepcionais



Fundada em 1912 - 65 RUA DA CARIOCA 67 - Rio



Hollywood



CIGARROS
Souza Cruz